

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**NARRATIVAS DE VIDA: EFEITOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA
SAÚDE E NA MOTIVAÇÃO DOCENTE**

NATHÁLIA CRISTINA COSTA TAVARES

Viçosa, março de 2024

NATHÁLIA CRISTINA COSTA TAVARES

**NARRATIVAS DE VIDA: EFEITOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA
SAÚDE E NA MOTIVAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa (UFV), como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*. **Orientadora:** Bethânia Medeiros Geremias. **Área de concentração:** Educação

Viçosa, março de 2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

Tavares, Nathália Cristina Costa, 1986-

T23

1n

202

4

Narrativas de vida: efeitos do ensino remoto emergencial
na saúde e na motivação docente / Nathália Cristina Costa
Tavares.
– Viçosa, MG, 2024.

1 dissertação eletrônica (104 f.): il.

Inclui anexos.

Orientador: Bethânia Medeiros Geremias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Viçosa, Educação, 2024.

Referências bibliográficas: f. 69-72.

DOI:

<https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.156>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Professores. 2. Educação a distância. 3. Saúde
ocupacional. 4. Motivação. I. Geremias, Bethânia Medeiros,
1973-. II. Universidade Federal de Viçosa. Educação.
Mestrado em Educação. III. Título

CDD 22. ed. 371.1

Bibliotecário(a) responsável: Kellen dos Santos Silva Barbosa CRB-6/ES 548

NATHÁLIA CRISTINA COSTA TAVARES

**NARRATIVAS DE VIDA: EFEITOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA
SAÚDE E NA MOTIVAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa (UFV), como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 07 de março de 2024

Assentimento:



Documento assinado digitalmente
NATHALIA CRISTINA COSTA TAVARES
Data: 06/06/2024 16:34:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nathália Cristina Costa Tavares

Autora



Documento assinado digitalmente
BETHANIA MEDEIROS GEREMIAS
Data: 07/06/2024 12:30:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Bethânia Medeiros Geremias

Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os seres de luz que fizeram parte desta minha jornada pessoal, profissional até este sonhado momento.

Primeiramente a Deus, Pai de bondade e amor por todo amparo, cuidado, proteção e bênçãos em minha vida.

Aos meus pais, Marta e Luíz Cláudio (in memoriam) que sempre se orgulharam do meu amor pela leitura. Meus avós Expedito e Adair que, como muitos de seu tempo, não puderam concluir o Ensino Fundamental, mas me incentivaram a estudar, a ter uma profissão. Certamente vibram no céu por sua neta mais velha ser uma professora, profissão tão valiosa para eles.

Ao meu companheiro de vida Joaquim, pelo amor, apoio, confiança, ensinamentos de resiliência, paciência. Aos amados bichanos: Romeu, Dengo, Titi, Pudim, Baunilha, Dedê, Bonita, Pirulita. Presentes divinos de luz e amor em minha vida.

À minhas amadas amigas Alessandra, Mariane e Teure, obrigada pelas palavras de incentivo, pelas inúmeras vezes que fui acolhida, pelas risadas e orientações valiosas. Vocês são luz onde passam.

Minhas eternas professoras Luciana Ferreira, Rosana Moreira, Érica Maciel, Cristiane Bachim, Marília Marota, meu querido professor Wilian Quintino. Vocês foram e são fundamentais na minha jornada pessoal e profissional. Quero ser como vocês quando eu crescer!

À minha professora e orientadora Bethânia, obrigada pela dedicação e carinho com que me orientou nesta jornada. Seu apoio foi fundamental para que eu chegasse até aqui e queira continuar caminhando.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos vocês, muito obrigada.

*“Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida”.*

*Milton Nascimento e
Fernando Brant*

RESUMO

TAVARES, Nathália, Cristina, Costa, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2024. **Narrativas de vida: efeitos do ensino remoto emergencial na saúde e na motivação docente.** Orientadora: Bethânia Medeiros Geremias.

As dificuldades e as incertezas impostas pela pandemia da COVID-19 e o Ensino Remoto Emergencial no ano de 2020, motivaram a investigação sobre as angústias e desafios experimentados por professores nesse período. A intensificação e a precarização das atividades profissionais dos professores, assumiram, no contexto pandêmico, um viés mais abrangente e perverso com o chamado trabalho remoto. O envolvimento íntimo trabalho/casa, vida pessoal e doméstica/vida profissional, trabalho humano presencial de interação e afetividade versus trabalho humano remoto de distanciamento afetaram a profissão, dando-lhe nova roupagem. Para tanto, o objetivo geral de pesquisa foi compreender os efeitos do Ensino Remoto Emergencial na saúde e motivação docente, do ponto de vista dos professores que atuam em escolas públicas municipais de São Geraldo. De modo mais específico buscou-se: i) identificar quais os efeitos do Ensino Remoto Emergencial na saúde e na motivação docente dos sujeitos da pesquisa; ii) narrar esses efeitos de acordo com a história vivida por esses sujeitos; iii) analisar as narrativas docentes, de modo a produzir novas compreensões sobre a temática em estudo. Assim, utilizou-se como referência teórica metodológica a perspectiva etnossociológica, que se insere no âmbito das pesquisas qualitativas. Para a construção do corpus analisado foram utilizados os procedimentos específicos da perspectiva etnossociológica de Daniel Bertaux (2010). Em um primeiro momento, através dos dados obtidos por questionário, traçou-se o perfil geral dos cerca de 30 docentes atuantes na Rede Municipal de Ensino da cidade de São Geraldo (MG) à época do ERE. Metade dos participantes afirmaram que não se sentiram motivados a trabalhar durante o Ensino Remoto Emergencial, a maioria afirmou que a rotina familiar, a saúde física e mental foi afetada pelo Ensino Remoto Emergencial bem como passaram por tratamento médico neste período. No segundo momento da pesquisa, houve a construção e a aplicação da entrevista, realizadas nos moldes das orientações de Daniel Bertaux (2010). As três entrevistadas apontaram fatores como dificuldades em aprender, usar e acessar as ferramentas digitais, as instabilidades no acesso à internet. A baixa participação dos pais e dos alunos nas aulas remotas, maior burocratização do trabalho, extensa e intensa carga horária de trabalho remunerado e doméstico, dificuldades em conciliar vida profissional e doméstica. A frustração com o contato apenas virtual com os alunos, a constante angústia, ansiedade e o sentimento de fracasso, pela forma como o ensino estava sendo realizado naquele momento. Crises de ansiedade, depressão, angústia, qualidade de sono ruim, estresse, fadiga, sentimentos de insucesso e incompetência foram uma constante no cotidiano dos professores durante o ERE. As descobertas e confirmações trazidas por essa pesquisa não findam em si mesmas. Ao contrário, precisam fomentar outras investigações sobre diferentes perspectivas dos efeitos e consequências do ERE, na saúde física e mental, na qualidade do sono, na vida pessoal e profissional, na motivação deste enorme contingente de trabalhadores espalhados pelo país, durante o ensino remoto e no retorno ao ensino presencial.

Palavras-chave: Saúde docente; Motivação docente; Trabalho docente; Ensino remoto emergencial.

ABSTRACT

TAVARES, Nathália, Cristina, Costa, M.Sc., Federal University of Viçosa, March 2024. **Life narratives: effects of emergency remote teaching on health and teacher motivation.** Advisor: Bethânia Medeiros Geremias.

The difficulties and uncertainties imposed by the COVID-19 pandemic and Emergency Remote Teaching in 2020 motivated the investigation of the anxieties and challenges experienced by teachers. The intensification and precariousness of teachers' professional activities took on, in the pandemic context, a more comprehensive and perverse bias with so-called remote work. The intimate involvement of work/home, personal and domestic life/professional life, face-to-face human work of interaction and affection versus remote human work of distancing have affected the profession, giving it a new look. To this end, the general research objective was to understand the effects of Emergency Remote Teaching on health and teacher motivation, from the point of view of teachers who work in municipal public schools in São Geraldo. More specifically, we sought to: i) identify the effects of Emergency Remote Teaching on the health and teaching motivation of the research subjects; ii) narrate these effects according to the history lived by these subjects; iii) analyze teaching narratives, in order to produce new understandings about the topic under study. Thus, the ethnosociological perspective was used as a theoretical methodological reference, which falls within the scope of qualitative research. To construct the analyzed corpus, specific procedures from the ethnosociological perspective of Daniel Bertaux (2010) were used. Initially, using data obtained through a questionnaire, the general profile of the approximately 30 teachers working in the Municipal Education Network of the city of São Geraldo (MG) at the time of the ERE was outlined. Half of the participants stated that they did not feel motivated to work during Emergency Remote Learning, the majority stated that their family routine, physical and mental health was affected by Emergency Remote Learning, and that they underwent medical treatment during this period. In the second stage of the research, the interview was constructed and applied, carried out along the lines of Daniel Bertaux's (2010) guidelines. The three interviewees pointed out factors such as difficulties in learning, using and accessing digital tools, instabilities in internet access. The low participation of parents and students in remote classes, greater bureaucratization of work, extensive and intense workload of paid and domestic work, difficulties in reconciling professional and domestic life. The frustration with only virtual contact with students, the constant anguish, anxiety and the feeling of failure due to the way teaching was being carried out at that time. Attacks of anxiety, depression, anguish, poor sleep quality, stress, fatigue, feelings of failure and incompetence were a constant in the teachers' daily lives during the ERE. The discoveries and confirmations brought by this research do not end in themselves. On the contrary, they need to encourage several other investigations into other different perspectives on the effects and consequences of ERE, on physical health, mental health, sleep quality, personal life, professional life, on the motivation of this huge contingent of workers spread across the country, whether during remote teaching or upon returning to in-person teaching.

Keywords: Teacher health; Teacher motivation; Teaching work; Emergency remote teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	13
3 METODOLOGIA	16
3.1 Traçando perfis dos docentes: o questionário	19
3.2 A coleta de narrativas de vida: a entrevista	19
4 PESQUISAS ATUAIS SOBRE A TEMÁTICA EM ESTUDO	23
4.1 Revisão de literatura da temática saúde e motivação docente durante o ERE	23
5 ANÁLISES E DISCUSSÕES	43
5.1 Processos da pesquisa: aspectos éticos, aplicação dos questionários	43
5.2 Processos da pesquisa: análise dos questionários	44
5.2.1 Resultados sobre motivação docente	45
5.2.2 Resultados sobre a dinâmica familiar durante o Ensino Remoto Emergencial	47
5.2.3 Resultados sobre a saúde física durante o ERE	49
5.2.4 Resultados sobre saúde mental durante o Ensino Remoto Emergencial	51
5.2.5 Tratamento médico durante o Ensino Remoto Emergencial	52
5.3 Análise das entrevistas narrativas	54
5.3.1 Apresentação das professoras entrevistadas	55
5.3.2 Experiências docentes no ERE	56
5.4 Pontos positivos do ERE	58
5.5 Desafios do Ensino Remoto Emergencial	60
5.5.1 Vida doméstica x vida laboral	60
5.5.2 Carga horária de trabalho	61
5.5.3 Saúde física e mental	63
5.6 Motivação docente e pandemia no dizer das entrevistadas	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	72

1 INTRODUÇÃO

Desde a graduação sinto grande interesse na temática Trabalho Docente. Ao realizar estágio obrigatório e voluntário, durante a graduação em Pedagogia em uma escola pública, esse interesse cresceu e frutificou culminando com meu Trabalho de Conclusão de Curso¹. Tal estudo, analisou a configuração da profissão docente face à intensificação e à extensificação do trabalho docente de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino no interior da Zona da Mata Mineira, bem como identificou quais os desafios e possibilidades vivenciados por esses docentes no contexto de sua atuação profissional.

Passados dez anos de graduação e atuando há sete como professora de uma rede municipal de ensino da Zona da Mata Mineira, minhas inquietações nesta temática assumiram uma perspectiva crescente, particular. Como estudado em minhas leituras de graduação e vivenciado no estágio, o chão da escola é assolado pela performatividade técnica, que anseia cada vez mais por resultados de alto rendimento a custos financeiros decrescentes, valendo-se de critérios como eficiência, produtividade e alta performance.

As avaliações externas como Prova Brasil², Simave³, são um bom exemplo desta lógica que visa medir quantitativamente a competência dos professores, dos alunos e dos demais profissionais da escola. Acredito que esta lógica da produtividade que se infiltra em diversas áreas de nossas vidas, inclusive na pessoal, modifica a prática docente e o ambiente escolar, transformando-os em uma fábrica de mão de obra (Mecheln; Vigano; Laffin, 2016).

Nessa perspectiva fabril, as salas de aula se assemelham a setores do fluxo do processo produtivo, no qual a matéria-prima (os alunos) é manuseada e adequada pelo auxiliar operacional (professor), consoante às especificações e determinações dos órgãos reguladores (Ministério da Educação - MEC, Conselho Nacional de Educação - CNE, Secretaria Estadual de Educação - SEE), sem possibilidade de opinar ou modificar como ou o que é feito, apenas executando.

¹ TAVARES, N.C.C. **A configuração da profissão docente face à intensificação e extensificação do trabalho docente em uma escola estadual da zona da mata mineira**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá. Orientador: Érica Miranda Maciel.

² Segundo informações do site do MEC, "A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos."

³ Conforme o site da SEEMG, através do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública busca-se identificar necessidades, problemas e demandas do sistema e das escolas, auxiliando no planejamento de ações em diferentes níveis e momentos que objetivam a melhoria da educação pública da rede estadual (Ensino Fundamental e Médio) em Minas Gerais.

Acrescido a estes fatos, temos o declínio das políticas públicas de assistência social e uma crescente crise econômica que se impõem ao cotidiano escolar através de situações delicadas como a vulnerabilidade alimentar dos alunos, por exemplo. A dinâmica escola/família é cada vez mais desafiadora à profissão docente que, somada ao seu desprestígio social, faz com que sejamos tidos, na maioria das vezes, como agentes de situações pertinentes à família, como agendar/levar a consultas médicas, carência alimentar, responsável por tratamentos com medicamentos de uso contínuo, cuidados contra infestações de parasitas, entre outras tantas demandas que extrapolam as legítimas ações do espaço escolar.

Desta forma, vivenciar as dificuldades e incertezas impostas pela pandemia da COVID-19 e o Ensino Remoto Emergencial no ano de 2020, me motivaram a investigar as angústias e os desafios experimentados por professores da Educação Básica no interior da Zona da Mata Mineira neste momento.

A pandemia da COVID-19 impôs à humanidade atitudes imperiosas de sobrevivência e proteção contra um vírus mortal. Em 03/02/2020, o Ministério da Saúde emite a Portaria nº188 enfatizando “Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)”. A seguir, o primeiro caso de Coronavírus é registrado no país, datado em 26/02/2020.

Em 18/03/2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE), através de nota de esclarecimento, informa que ficaria a “critério dos próprios sistemas de ensino e redes e instituições de educação básica e educação superior, a gestão do calendário e a forma de organização, realização ou reposição de atividades acadêmicas e escolares” (BRASIL, 2020).

Com a falta de diretriz e posicionamento do Ministério da Educação e Cultura (MEC) sobre o que fazer e como fazer⁴, a educação de cerca de 57 milhões de alunos, ficou a cargo das secretarias estaduais e municipais de educação e das escolas particulares.

A ação feroz e intensa do vírus exigiu arranjos e rearranjos de todos os sistemas, principalmente o educacional. Diante da rápida evolução do vírus, o município de São Geraldo⁵, que constituirá o universo dessa pesquisa, previu inicialmente, através do DECRETO Nº 43/2020 art.4º inciso 1º a suspensão temporária das aulas de 18 a 22 de março de 2020, como antecipação das férias de julho daquele ano, medida estendida, posteriormente,

⁴ A pasta passou pelas mãos de Ricardo Vélez Rodríguez de 01/01 a 08/04/2019; Abraham Weintraub, de 09/04/2019 a 19/06/2020; entre 20/06/2020 e 15/07/2020 houve a nomeação de Carlos Decotelli, o qual não assumiu. A pasta ficou sem representante até ser assumida por Milton Ribeiro que permaneceu entre 16/07/2020 a 28/03/2022. Atualmente, o Ministério está sem ministro.

⁵ Localizado na Mesorregião Geográfica da Zona da Mata, em Minas Gerais, com uma população de 12.562 habitantes estimada pelo IBGE em 2020.

até 06 de abril pelo DECRETO N° 47/2020 art.10°. Em seguida, foram realizadas reuniões sobre como seria a oferta do ensino em tal cenário. Inicialmente, as atividades foram postadas pelos professores no Google Drive e acessada pelos alunos e seus familiares. Posteriormente, foram criados grupos de WhatsApp, nos quais eram postadas as atividades e as aulas gravadas pelos professores.

Há muito vem sendo estudado sobre os condicionantes do trabalho do professor que afetam sua saúde, principalmente, a mental. Questões como baixos salários, desconstrução da identidade social, carga horária de trabalho extenuante, políticas de desmonte governamental nas dimensões federal, estadual e municipal foram abordados por Barretto (2010), Kuenzer e Caldas (2009) e Silva (2002). Estudos de Oliveira *et al.* (2002), acerca da intensificação e a precarização do trabalho docente, já apontavam situações como salas minúsculas e/ou superlotadas, falta de tempo para beber água ou ir ao banheiro, o gasto do próprio salário com materiais de trabalho.

No contexto pandêmico, observei que este panorama assumiu um viés mais abrangente e perverso com o chamado trabalho remoto. Professores trabalhando em casa, maiores gastos com luz, água, internet e/ou dados móveis, sendo fundamental ressaltar a problemática do acesso digital no país. Em muitas cidades, o tipo e a qualidade do serviço prestado pelas operadoras são desastrosos, o sinal oscila frequentemente, a velocidade contratada não é disponibilizada ou simplesmente não há internet por quilômetros. Realizar o *download* ou o *upload* de arquivos mais pesados como vídeos, documentos em PDF ou simples chamadas de vídeo se tornou desgastante, estressante e cansativo.

Nesse contexto, os computadores e os celulares particulares, já usados anteriormente como recursos de apoio, tornaram-se tão indispensáveis que muitos não suportaram o uso tão intenso e estragaram; o lar que já fazia parte da elaboração e planejamento das aulas, transformou-se em local de trabalho e estúdio de gravação de aulas. Horas a fio assistindo tutoriais e cursos, aprendendo a fazer e editar vídeos para as videoaulas; criando e administrando grupos em aplicativos, realizando plantões de atendimentos aos pais e alunos; salários parcelados, atrasados, pagamentos escalonados, são situações que assombram a realidade do funcionalismo público do país, em especial, a categoria dos professores das redes estaduais de ensino, a exemplo dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de

Janeiro⁶. Sendo essas, algumas das situações vivenciadas pelos professores da educação básica na atualidade.

Somado a tal panorama, o tempo tornou-se subjetivo, pois não havia mais o “sair para trabalhar” e o “chegar do trabalho”. Diante de tantas atividades a serem produzidas, corrigidas, postadas, somadas à burocracia de relatórios a serem preenchidos e corrigidos, estes trabalhadores perderam a noção até mesmo do horário das refeições, chegando a uma carga de trabalho de cerca de 12 horas diárias, sem recesso até mesmo nos finais de semana. O envolvimento íntimo trabalho/casa, vida pessoal e doméstica/vida profissional, trabalho humano presencial de interação e afetividade *versus* trabalho humano remoto de distanciamento afetam a profissão, dando-lhe nova roupagem.

Mediante este contexto e interesse de pesquisa, e por pressupor-se que as transformações causadas pelo regime de quarentena e isolamento social trouxeram implicações ao trabalho docente, frente às exigências pessoais e profissionais e dos estudos que apontam para efeitos negativos na saúde e motivação docente, impostas pela pandemia causada pelo vírus Covid-19, produzimos o seguinte questionamento: Como os docentes das escolas públicas do Município de São Geraldo vivenciaram esse momento, frente às demandas do Ensino Remoto Emergencial?

Assim, esta pesquisa foi desenvolvida no município de São Geraldo, distante cerca de 256 km da capital Belo Horizonte e localizado na Zona da Mata Mineira - MG, com os professores efetivos e contratados da Rede Municipal de Ensino de São Geraldo, atuantes durante o Ensino Remoto Emergencial.

Para tanto, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender os efeitos do Ensino Remoto Emergencial na saúde e motivação docente, do ponto de vista dos professores que atuam em escolas públicas municipais de São Geraldo. De modo mais específicos buscamos: i) identificar quais os efeitos do Ensino Remoto Emergencial na saúde e na motivação docente dos sujeitos da pesquisa; ii) narrar esses efeitos de acordo com a história vivida por esses sujeitos; iii) analisar as narrativas docentes, de modo a produzir novas compreensões sobre a temática em estudo.

⁶ Em matéria do jornal Estado de Minas de 10/05/2020, estados que anteriormente ao Covid-19, apresentavam dificuldades no cumprimento da folha de pagamento dos servidores, resultando em salários parcelados, 13º atrasado ou sem previsão de pagamento, afirmaram que a redução das atividades econômicas no período da pandemia, estariam acentuando as dificuldades financeiras dos estados, apesar dos repasses do Governo Federal.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Após seis meses de quarentena, mais ou menos em setembro de 2020, testemunhamos embates e direcionamentos políticos confusos no cenário educacional do país, evidenciando a angústia, o sofrimento mental e o desprestígio social do professorado. Na cidade de São Paulo, um grupo denominado “Escolas Já”, realizou uma manifestação pelas ruas pedindo a reabertura das escolas na cidade. O grupo formado por pais, mães, alunos, profissionais da saúde e de escolas particulares, alegavam que as crianças estavam sendo prejudicadas, além de os pais não terem com quem deixá-las para trabalhar.⁷

Em Minas Gerais não foi diferente. O movimento Pais pela Educação BH realizou manifestações pedindo o retorno das aulas, alegando que os problemas emocionais causados pelo isolamento, poderiam ser sanados com o retorno às aulas e a convivência com os colegas, enfatizando que, aquelas crianças que não tivessem comorbidades não correriam perigo, sendo apenas transmissoras para os adultos.

Cerca de 50 pessoas se reuniram no dia 20/09/2020, em Belo Horizonte, pedindo o retorno imediato das aulas. Na mesma data, uma manifestação organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Instituições Federais de Ensino (Sindifes), Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte (Sind-Rede) e Central Sindical e Popular (CSP Conlutas) defenderam a paralisação das aulas durante a pandemia ressaltando que a volta às aulas naquele momento, representava riscos à saúde das crianças, das famílias e dos trabalhadores. Unai Tupinambás, infectologista e membro do Comitê de Enfrentamento à Pandemia Covid-19 em BH, declarou a reportagem do jornal Super Notícia entender que o retorno das escolas dependia de alguns fatores como o controle da pandemia e que as escolas passem por uma requalificação, garantindo o distanciamento social e locais de higienização.

Os conflitos em torno das expectativas sociais em relação às escolas e aos professores (sua legítima função *versus* a imposição de suprir carências familiares, alimentares, psicológicas, afetivas, de higiene) figuram em um contexto anterior à pandemia de COVID-19, evidenciado por diversos autores. Há mais de uma década Barreto (2010) discutia sobre o quanto “[...] os objetivos da escola se tornam cada vez mais amplos, vagos e sujeitos a reinterpretações, visto que as relações escolares não mais se enquadram em pautas previamente estabelecidas.” (Barreto, 2010, p. 439). Em 2021, os resultados obtidos pela

⁷ Em 30/08/2020 pais, mães, alunos, profissionais da educação e da saúde participaram de uma manifestação na Avenida Paulista organizada pelo grupo “Escolas Já” formado por pais e mães médicos.

pesquisa intitulada “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia”⁸ mostraram a acentuação desta problemática, pois aproximadamente 35% dos professores da Educação Básica, consideravam que as famílias dos alunos apresentavam grandes dificuldades em auxiliá-los no cumprimento das atividades do Ensino Remoto Emergencial.

Em diversas ocasiões, pais e mães utilizaram as redes sociais como canal para expressar as adversidades enfrentadas no cotidiano familiar durante a quarentena, salientando as dificuldades com os compromissos escolares dos filhos. Alguns, por exemplo, chegaram a indagar se receberiam o salário do professor, afirmando que este “estava em casa” e crendo que as orientações prestadas às crianças ou jovens por eles substituam o papel do profissional da educação, no caso, dos docentes.

O atual paradigma produtivo, no qual estamos inseridos, inverte funções e significados criando novas dinâmicas e percepções acerca do trabalho e do trabalhador. Atualmente denominado colaborador, este deve assumir características empreendedoras de manutenção e justificação do emprego, comumente classificadas por “vestir a camisa da empresa”. A presença de alguns profissionais da rede privada de educação na manifestação em São Paulo, motivada pelo temor do desemprego, segundo relato de uma das participantes, remete à alienação laboral, condição na qual “[...] o trabalhador acaba por confundir com seus desejos próprios a injunção organizacional que substituiu seu livre arbítrio” (Dejours, 2012. p. 137). Realidade igualmente presente entre os professores das redes públicas de ensino, principalmente os contratados.

Nas redes públicas tal discurso se torna mais acentuado sob a perspectiva mítica de que os profissionais de órgãos públicos não se interessam por suas funções e/ou são descompromissados. Falas que assumem um viés distorcido acerca da realidade e responsabilização dos professores pelo cenário atual, minam a saúde mental e o comprometimento, contribuindo para o conflito, sofrimento mental, coagidos por situações que fogem ao seu controle, neste caso, chegando a colocar em risco a saúde de familiares e a si. Kuenzer e Caldas (2009, p. 25- 32), apesar de escreverem em um contexto em que o Ensino Remoto não teria como ser vislumbrado, pontuam que:

A partir do momento em que o capital detém a propriedade dos meios de produção e da força de trabalho, determina-se o processo de alienação do trabalhador, que perde o controle de seu trabalho, das decisões sobre ele e,

⁸ Pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG) em parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

em decorrência, a posse do produto de seu esforço. [...] Por meio de seu trabalho, objetivam um produto que é fruto de sua alienação, de sua própria transformação em mercadoria, e não fruto da coincidência entre sua subjetividade, sua consciência e as condições materiais de existência, no sentido de utopia, de projeto de transformação da sociedade.

Muitos professores e professoras foram igualmente afetados pelos percalços da pandemia, posto que fazem parte do universo de pais, mães e responsáveis por crianças e jovens. O teletrabalho - denominado durante o período pandêmico de Ensino Remoto Emergencial - foi também um recurso adotado pelas escolas, transformando o lar dos professores em sala de aula. Assim, panelas, prendedores de roupas, aparelhos eletrônicos particulares, utensílios domésticos se tornaram recursos didáticos; sala, cozinha, quarto, garagem, os cenários; as paredes da cozinha, o quadro para explicar a matéria do dia.

O custeio financeiro com a substituição ou aquisição de celulares, computadores, caixas de som, câmeras, entre outros artigos eletrônicos necessários à produção e edição de videoaulas com recursos atrativos e encantadores aos alunos, ficaram a cargo dos trabalhadores que, em muitos casos, estavam com os salários atrasados, parcelados, escalonados e/ou com gratificações suspensas. O aumento nas despesas com água, luz e internet representou outra fatia onerosa do orçamento. A romantização da condição precarizada de trabalho dos professores, realidade presente em diversos momentos de sua atividade, na atualidade, assumiu o bordão “Professores: chamados para a batalha sem giz, sem quadro... deram show! Nunca duvide deles, se não tiver ferramentas, eles criam. Professores!”⁹.

Tal cenário, acrescido dos confusos ensaios de retorno propostos por alguns estados, a exemplo do RS¹⁰, SP¹¹, MG¹² e diante da possibilidade de repetir o desastre ocorrido em Manaus¹³, dos apontamentos de diversos setores da saúde ressaltando o ainda grande número de pessoas infectadas e mortas pela COVID-19, dos riscos para toda a comunidade escolar se confrontam com ávido desejo desses profissionais em concretizar tudo aquilo que lhe é

⁹ Desde o início do teletrabalho e das videoaulas motivados pela pandemia, postagens desta natureza são compartilhadas, principalmente nos grupos de professores. Disponível em: https://www.facebook.com/escola.luiz.de.camoes/photos/a.949313401877674/1889045044571167/?_rdr Acesso em: 24 mar 2022.

¹⁰ Em 05/09/2020, o governo do Rio Grande do Sul publicou um decreto com autorização de retorno gradual das aulas a partir de 08/09/2020.

¹¹ O ensino fundamental da rede estadual teve retorno previsto para 03 de novembro de 2020. As redes particulares e municipais que forem autorizadas pelos prefeitos, retornam do ensino infantil ao superior em 07 de outubro de 2020.

¹² Em 23/09/2020 o governo anunciou retorno de todos os profissionais da educação às escolas da Rede Estadual a partir de 05/10/2020 com início das aulas previsto para novembro.

¹³ Quinze dias após retornarem às aulas, 1.064 profissionais da educação de Manaus, ou seja, um terço do contingente da rede pública estadual, testaram positivo para COVID – 19.

confiado, de atender às expectativas que lhes são postas, ou seja, a escolarização e o sucesso de seus alunos.

Diante da impossibilidade de conseguir atender todas essas demandas, surge o fenômeno da autointensificação do trabalho docente, propiciando doenças físicas e mentais e sentimentos como frustração, abandono, fracasso, angústia, insuficiência, decepção e desvalimento, minando o comprometimento e o sentimento de pertencimento à profissão (Oliveira et al., 2002).

As implacáveis ações de desmonte da educação, principalmente na educação pública, acrescidas ao trabalho remoto e ao isolamento social teceram novas vivências e saberes a esta classe trabalhadora fundamental e resiliente.

Segundo estudos realizados por Silva et al. (2020), com professores da rede estadual de ensino de Minas Gerais, questões como a prática de atividade física, aumento no consumo de substâncias psicoativas lícitas, queda na remuneração e/ou desemprego do profissional ou de alguém do núcleo familiar, o tipo de vínculo empregatício, estão diretamente relacionadas à motivação e a saúde docente no contexto pandêmico.

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa utilizamos como referência teórica metodológica a perspectiva etnossociológica, que se insere no âmbito das pesquisas qualitativas. Nesta perspectiva, a coleta e análise dos dados empíricos não visam descrições estatísticas, “[...] mas permitem ver como 'funciona' um mundo social ou uma situação social” (BERTAUX, 2010, p. 31).

Para a construção do corpus analisado utilizamos os procedimentos específicos da perspectiva etnossociológica de Daniel Bertaux (2010). Conforme o autor, esta é designada como um tipo de pesquisa empírica que parte de questões sociológicas e se orienta pela etnografia. Ao apoiar-se na pesquisa de campo e nos estudos de caso, Bertaux (2010, p. 29) explica que esta perspectiva

[...] consiste em pesquisar uma parte da realidade sócio-histórica da qual não se sabe muita coisa a priori. O que o pesquisador acredita saber de antemão representa, frequentemente, estereótipos, preconceitos e outras representações coletivas, carregados de julgamentos morais que circulam no senso comum; e esta é, precisamente, uma das virtudes desse tipo de pesquisa: isolar e, em seguida, trazer ao espaço público elementos do conhecimento objetivo e crítico apoiados na observação concreta (BERTAUX, 2010, p. 29).

A narrativa de vida é compreendida como um referencial teórico e metodológico de análise, enquanto proporciona as bases epistemológicas e procedimentais para sua realização, incluindo orientações específicas para a entrevista com os sujeitos investigados, a produção das narrativas de vida e sua posterior análise. Conforme Daniel Bertaux (2010, p. 65), o testemunho das experiências vividas pelos sujeitos, mobilizados por meio da entrevista, é “orientado pela intenção de conhecimento do pesquisador que a registra”. Essa intenção, necessita ser explicitada pelo pesquisador desde o primeiro contato com os sujeitos, funcionando como um filtro, na medida em que orienta o diálogo que será estabelecido no momento da entrevista. Desta forma, os sujeitos desta pesquisa (os professores selecionados) foram entrevistados para relatarem como foi sua vida pessoal e profissional durante o período de trabalho remoto em circunstância da pandemia do vírus COVID-19.

De modo geral, a narrativa de vida apresenta três funções: a exploratória, a analítica e a expressiva. Estas, são concebidas como etapas do processo de produção das narrativas de vida.

Como o próprio nome diz, **a função exploratória** introduz o pesquisador no universo a ser pesquisado. Assim, a escolha dos participantes dessa etapa, significa o tipo de perspectiva pela qual ele adentrará no universo estudado. Ou seja, considerando as hierarquias das instituições, as narrativas dos sujeitos em posição de liderança naturalmente serão distintas das narrativas dos liderados. Desta forma, Daniel Bertaux (2010, p. 67), orienta a “sempre que possível, encontrar simples participantes e interrogá-los sobre suas experiências concretas com o objeto social estudado”. Neste sentido, estimular os participantes a falarem sobre o tema a ser investigado.

A **função analítica** se traduz como o momento de análise criteriosa e minuciosa das transcrições das entrevistas, em que o real refuta o idealizado pelo pesquisador. Esta fase chega ao fim “[...] quando as entrevistas não agregam mais valor ao conhecimento sociológico do objeto social.” (BERTAUX, 2010, p. 68)

A **função expressiva** se caracteriza pela publicação completa das transcrições das narrativas sem comentários ou intervenções do pesquisador, visando a comunicação direta entre o entrevistado e o leitor. Assim, o autor ressalta que a “[...] função expressiva das narrativas de vida não deriva, absolutamente, da mesma lógica que suas funções-pesquisa (exploratória e analítica)” (BERTAUX, 2010, p. 70).

Ao trabalharmos com este referencial teórico metodológico, é importante atentar para alguns aspectos conceituais que servirão de baliza para analisar as narrativas, tais como: linhas de vida, linhas de vida quebradas e domínios da existência.

A história de vida de uma pessoa é constituída por planos, ações, que a caracterizam de modo singular, nomeados pelo autor por linhas de vida. Quando eventos inesperados internos ou externos redirecionam ou interrompem esses planos e ações, a trajetória dessas linhas precisa ser redefinida, ou seja, as linhas de vida se tornam quebradas.

Desta forma, o autor designa por domínios da existência o conjunto de setores da vida diretamente relacionados às linhas de vida, divididos em quatro grandes domínios: i) as relações familiares e interpessoais; ii) a experiência da escola e da formação dos alunos; iii) a inserção profissional e iv) o emprego.

i) Relações familiares e interpessoais: as configurações familiares como cultura, potencial econômico, localização geográfica, contextos de violência, religião, entre outros, perfazem os sujeitos desde a mais tenra idade, refletindo comportamentos e escolhas, afetando-o emocionalmente ao longo de sua existência, pois, “[...] basta considerar as famílias como espaços de produção antropológica para perceber sua grande complexidade.” (BERTAUX, 2010, p. 54.) Tais questões, envolvem o ambiente familiar e todos os relacionamentos interpessoais.

ii) Experiência da escola e da formação dos alunos: na infância, o espaço escolar cumpre a função de inculcar normas, valores e saberes comuns à sociedade. Para Bertaux (2010), “[...] a seleção escolar constitui um desafio arriscado: cada família mobiliza seus recursos econômicos, culturais, até mesmo relacionais para tentar fazer com que suas crianças superem as etapas sucessivas do processo seletivo” (p. 55-56). Marcado por antagonismos e adversidades, o percurso acadêmico influencia o sujeito de modo pessoal, profissional, relacional ao longo de sua existência.

iii) Inserção profissional: a formação escolar não garante a inserção profissional, mesmo que ela ocorra na área de formação. Um exemplo são os programas de inserção profissional de jovens para o primeiro emprego. Tal referência, comprova que a trajetória entre escolarização e a inserção no mercado de trabalho não é linear.

iv) O emprego: quando percebido como um universo com sua própria cultura, valores e regras, constituído por pessoas que trazem consigo seu universo com sua própria cultura, valores e regras, compreendemos como os conflitos e embates que permeiam esse ambiente.

3.1 Traçando perfis dos docentes: o questionário

O questionário é um instrumento de coleta de dados com perguntas fechadas, abertas ou mistas, respondidas sem a presença do pesquisador. Seu objetivo é levantar dados e informações pertinentes à pesquisa, como explicado por Gil (2002, p. 116): “[...] a elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos”.

O universo da pesquisa mais amplo envolveu 01 escola (que oferta o Ensino Fundamental I) e o 01 centro educacional (que oferta a creche para crianças dos 04 meses de vida até os 02 anos e a Educação Infantil) localizados no centro da cidade e 01 escola localizada no distrito de Monte Celeste (que oferta a Educação Infantil). Os dados obtidos por meio deste questionário permitiram uma caracterização mais ampla desse universo pesquisado.

Em uma pesquisa, o questionário pode ser usado como único instrumento de coleta de dados ou como levantamento inicial do universo estudado. Neste trabalho, sua função foi a de traçar um perfil geral dos cerca de 30 docentes atuantes na Rede Municipal de Ensino da cidade de São Geraldo (MG) à época do ERE e selecionar aqueles que seriam entrevistados posteriormente. Desta forma, as seções dados pessoais, formação profissional, experiência profissional e motivação e saúde durante o período do Ensino Remoto Emergencial (ERE) correspondem ao que se pretendeu buscar desse perfil.

3.2 A coleta de narrativas de vida: a entrevista

O segundo momento da pesquisa, envolveu a construção e a aplicação da entrevista, realizadas nos moldes das orientações de Daniel Bertaux (2010), após leitura e sistematização das respostas dos questionários. Para definição dos sujeitos professores que participaram desta etapa, definimos os seguintes critérios prévios:

1 entrevistado com nível de motivação e/ou problemas relativos à saúde não afetado pela pandemia;

1 entrevistado com nível médio de motivação e/ou com problemas relativos à saúde pouco afetados;

1 entrevistado com nível de motivação muito afetada, bem como problemas relativos à saúde bastante afetados.

Concernente às etapas de realização da entrevista, seguimos as orientações de Bertaux (2010), relativas à abertura do trabalho de campo, à agenda do encontro, à preparação da entrevista e à condução da mesma.

A abertura do trabalho de campo se traduz como a entrada do pesquisador no local no qual pretende desenvolver seu trabalho. Este primeiro momento é de suma importância, pois nele será realizado o que Bertaux (2010) chama de *construir sua identidade de pesquisador*. Ao ganhar a confiança das pessoas demonstrando empatia, interesse em conhecer e compreender sua realidade de modo respeitoso, certamente o pesquisador enfrenta menos dificuldades em sua pesquisa, afinal os entrevistados “[...] só confiarão ao pesquisador se forem levadas a ter confiança. Construir uma identidade de pesquisador, a fim de inspirar esse sentimento, constitui o desafio principal da abertura de um campo” (BERTAUX, 2010, p. 78).

A agenda de encontro, é o momento da abordagem dos possíveis participantes esclarecendo que o interesse na participação deles se dará “[...] apenas por sua experiência como membro de uma categoria social” (BERTAUX, 2010, p. 78) evitando, assim, distorções e mal entendidos sobre o uso dos dados coletados. A preparação para a reunião com os entrevistados é fundamental. Ao abordá-los, é importante esclarecer, em palavras simples, o motivo do contato, além de deixá-los à vontade para a escolha do melhor horário e local da entrevista, para que esta aconteça sem interferências. Para tanto, se torna imprescindível a manutenção de um clima cordial e acolhedor é fundamental, inclusive com os participantes que se recusarem a participar da entrevista.

Outras indicações referentes à preparação da entrevista, orientam para que sejam reservadas cerca de duas horas para ajustar os últimos detalhes e sejam colocados em evidência as questões do caderno de campo, ou seja, àquelas que “[...] você acredita ter compreendido do próprio objeto e de tudo o que ainda está obscuro” (BERTAUX, 2010, p. 80).

O roteiro de entrevista elaborado é considerado pelo autor apenas como suporte pois, na entrevista narrativa, o entrevistado precisa se sentir acolhido e estimulado para assumir a posição central da entrevista e compartilhar suas experiências. Com relação ao registro das entrevistas, há necessidade, ainda, que sejam feitos os últimos ajustes nas mídias digitais usadas para gravá-las e que os pesquisadores sejam pontuais quanto ao horário marcado com os entrevistados.

Iniciada a entrevista, a forma como é conduzida influencia diretamente nos resultados. É um processo no qual o entrevistador precisa ser um bom ouvinte, demonstrando interesse pela fala do participante, incentivando-o a narrar suas experiências e tendo delicadeza ao conduzi-lo de volta à temática quando necessário.

Quanto ao momento da transcrição e análise das entrevistas, bem como sua transformação em narrativas, conforme orienta Bertaux (2010), nesse tipo de pesquisa, se iniciam junto à coleta dos testemunhos dos sujeitos, sendo orientada, desde o princípio, pelos aspectos da experiência vivida que o pesquisador visa investigar. Neste sentido, o roteiro da entrevista, elaborado previamente, precisa considerar questões que permitam aos sujeitos contar suas experiências relativas ao filtro dado pelo pesquisador que, nesta pesquisa, envolve os aspectos motivacionais e os relativos à saúde dos professores durante o Ensino Remoto Emergencial, tema central do projeto.

Abaixo, inserimos o roteiro de entrevista que orientou a coleta das narrativas a respeito do tema investigado:

- Fale um pouco sobre sua experiência docente durante o ensino remoto.
- Você acredita que tiveram pontos positivos durante esse processo? Poderia comentá-los?
- No seu entendimento, houve desafios/problemas em trabalhar remotamente?
- Os desafios que você enfrentou neste período, fizeram você repensar sua profissão?
- Aproximadamente, quantas horas diárias eram necessárias para realizar seu trabalho?
- Para você, o ensino remoto alterou sua motivação docente para preparar e ministrar as aulas? Poderia contar um pouco mais sobre isso?
- Sua vida familiar foi afetada pelo trabalho remoto? Gostaria de compartilhar sobre?
- Você teve algum problema de saúde durante a pandemia? Caso se sinta à vontade, poderia falar sobre?
- Alguma prática docente utilizada por você durante o Ensino Remoto Emergencial permanece atualmente?

No processo da entrevista e análise é preciso considerar que:

uma narrativa de vida não é um discurso qualquer: é um discurso narrativo que se esforça para contar uma história, e que, além disso, diferentemente da

autobiografia escrita, é improvisado durante uma relação dialógica com um pesquisador que orientou a entrevista para a descrição de experiências pertinentes para o estudo de seu objeto de pesquisa (Bertaux, 2010, p. 89).

Considerando esse apontamento, a análise precisa tomar por base as questões do pesquisador e os aspectos que ele busca compreender, ou seja, “[...] não se trata de extrair de uma narrativa de vida *todas* as significações que ela contém, mas somente aquelas *pertinentes* ao objeto da pesquisa e que adquirem aí o status de *indícios*” (Bertaux, 2010, p. 89, grifos do autor).

Com relação ao processo de análise, o autor salienta não haver uma técnica específica para atingir esse fim. Contudo, o mesmo orienta para alguns procedimentos denominados por ele como “sociologicamente pertinentes”: transcrever, reencontrar a estrutura diacrônica da história reconstituída, reconstituir a evolução da composição dos grupos de coabitação, análise compreensiva e tentativa de classificação dos níveis de classificação.

Desta forma, esta pesquisa pretendeu descrever e compreender as diversas experiências dos professores durante o ERE, considerando as diversas dimensões da vida dos sujeitos que, ao se entrelaçarem, materializam memórias discursivas pertinentes ao nosso objeto de estudo.

4 PESQUISAS ATUAIS SOBRE A TEMÁTICA EM ESTUDO¹⁴

Para poder abarcar estudos mais atuais no capítulo de fundamentação teórica, realizamos uma busca de pesquisas que discutiram o tema da saúde física e mental docente durante a pandemia e seus efeitos, seja no período de isolamento ou mesmo no retorno ao ensino presencial. Com relação à motivação docente, temática que se relaciona com a primeira, não encontramos nenhum trabalho específico. Contudo, durante a leitura dos artigos encontrados em nosso processo de busca, tais discussões sobre a motivação docente se revelaram contribuindo para esse estudo.

Para encontrar estes trabalhos, acessamos a biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico, SciELO, pelo link <https://www.scielo.org>. Em Pesquisa Avançada utilizamos o filtro de busca a fim de que fossem encontrados periódicos de coleções

¹⁴ Este levantamento, embora não tenha feito parte dos instrumentos da pesquisa em si junto aos sujeitos, serviu como base de aprofundamento teórico, com o intuito de qualificar melhor a discussão teórica de modo mais atualizado, posto o ineditismo do Ensino Remoto Emergencial .

do Brasil, em português, com temáticas das ciências da saúde e ciências humanas, da literatura artigo e ano 2022.

Nesta configuração de busca, foram usados os descritores Ensino remoto emergencial E saúde docente, Saúde docente E trabalho docente, Motivação docente E trabalho docente, COVID-19 E Ensino remoto emergencial E saúde docente, COVID-19 E Ensino remoto emergencial E motivação docente, tendo como foco a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e/ou docentes em geral da área de educação e ensino.

Todo este procedimento foi realizado mais duas vezes, nas quais o ano de busca foi alterado para 2021 e, na outra, em 2020. Desta forma encontramos dois trabalhos publicados em 2022, quatro em 2021 e nenhum em 2020.

4.1 Revisão de literatura da temática saúde e motivação docente durante o ERE

Considerando o ineditismo do Ensino Remoto Emergencial e tendo em vista que os objetivos desta pesquisa pretenderam identificar quais seus possíveis efeitos na saúde e na motivação dos docentes participantes, entendemos a relevância desta revisão de literatura para balizar nossa discussão produzindo novas compreensões sobre a temática em estudo.

A Saúde Docente é um assunto recorrente nas pesquisas sobre precarização, mal-estar e condições de trabalho docente, entre outros. Consideramos que o ERE, apontado como uma saída para a continuidade das aulas em todos os níveis de ensino, frente ao contexto pandêmico da COVID-19, incide duplamente na saúde do professorado, seja na complexidade do trabalho remoto, seja como todas as demais pessoas que tiveram sua vida e de seus entes queridos ameaçadas por um vírus até então desconhecido e mortal.

Para esta discussão trouxemos os textos: “Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal”, de Fialho e Neves (2022); “Pandemia da COVID-19: insatisfação com o trabalho entre professores(as) do estado de Minas Gerais, Brasil”, de Silva *et al* (2021); “Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19”, de Pinho *et al.*,(2021); e “Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia, de e Souza *et al.* (2021). Todas estas pesquisas foram unânimes em apontar que a saúde dos professores foi afetada durante o trabalho remoto emergencial, independentemente do nível de atuação destes profissionais.

O modelo econômico vigente, o aprofundamento da já existente precarização do trabalho, a invasão do espaço familiar, a sobrecarga de trabalho doméstico principalmente para as mulheres, os riscos ergonômicos desta modalidade de trabalho, a ansiedade e o estresse causados pelo desconhecimento de ferramentas e aplicativos, a solidão e o isolamento social são questões constatadas por estas pesquisas durante o trabalho remoto emergencial. Questões estas que incidiram diretamente sobre a saúde dessa classe trabalhadora desencadeando sofrimento e adoecimento físico e mental.

Ao fazer revisão de literatura, percebemos que a temática Motivação Docente é abordada de forma tímida, entrelaçada às questões da saúde docente, nunca pontualmente. Assim, observamos que as pesquisas, em sua maioria, se concentram nas questões relativas à saúde do professor e não vemos a temática Motivação Docente ser abordada diretamente. Tal constatação abre caminho para diversas hipóteses. A necessidade de trabalhar, por si só, é uma motivação? O sofrimento mental, a precarização do trabalho e social da classe são questões entendidas como inerentes à profissão docente, gerando certa resignação? No momento não temos resposta para estas hipóteses.

Contudo, as discussões trazidas pelas investigações de Silva et al (2021) em “Pandemia da COVID-19: insatisfação com o trabalho entre professores(as) do estado de Minas Gerais, Brasil” e de Souza et al., (2022) em “Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde” nos auxiliam neste debate sobre motivação docente durante a pandemia.

Ao discutirem parte dos resultados de seu estudo no tópico “Queixas de saúde, comorbidades pregressas e resistências coletivas”, Souza et al., (2022, p. 10) trazem as contribuições da pesquisa de Balinhas et al., realizada com professores, antes da pandemia, que analisou “[...] as relações entre o processo de trabalho e o mal-estar docente”. Deste:

obteve-se como resultado imagens da docência produzidas pelos discursos de professore(a)s, dentre as quais destaca-se a imagem do magistério como sacrifício. Segundo os autores, essa expressão, assim como outras, guarda implicações de autoimagens dos docentes em relação à saúde. A imagem do magistério como sacrifício naturaliza um componente historicamente associado ao trabalho docente: “o mestre da renúncia de si marca as imagens da profissão” (p. 260), como se trabalhar sem condições físicas e emocionais fizesse parte do labor e da luta de professore(a)s. O sacrifício chega ao limite da instalação da doença ou do distanciamento emocional do trabalho (Souza et al., 2022, p. 10).

Tal questão nos leva a pensar onde está a motivação destas pessoas ao realizar seu trabalho uma vez que entendem o adoecimento, a servidão, a banalização de uma rotina de trabalho precarizante e excruciante, como fatores inerentes à sua jornada diária. Tal dado nos parece ir de encontro a uma das hipóteses que levantamos anteriormente: O sofrimento mental, a precarização do trabalho e social da classe são questões entendidas como inerentes à profissão docente, gerando certa resignação? Talvez sim.

Ainda neste tópico, Souza et al. (2022, p. 11) concluem que apesar das adversidades vividas e relatadas pelos professores participantes de sua pesquisa, mesmo “[...] em meio às dificuldades, incertezas e sofrimento, coexistem prazer e satisfação no trabalho”.

Os autores seguem relatando que “[...] a ambivalência parece ser uma singularidade invariável do trabalho de professore(a)s que convivem, lado a lado, com reconhecimento, motivação, cansaço e exaustão.” (Souza et al., p. 11). Elucidando nossas indagações, a motivação é um dos sentimentos que faz parte do trabalho do professor, bem como esgotamento, satisfação, angústia, esperança, resignação, resiliência.

Em Silva et al (2021) encontramos a palavra indiferença que se soma a nossa discussão. Eles relatam que em sua pesquisa “[...] metade dos(as) professores(as) investigados(as) se sentiam indiferentes em relação à satisfação com o trabalho docente durante a pandemia e um terço deles(as) estavam insatisfeitos(as).” (p. 6121).

Os autores esclarecem que “[...] a indiferença sugere um estágio intermediário entre os sentimentos de satisfação e insatisfação, trazendo em si uma ideia de gradação quanto aos sentimentos negativos relacionados ao trabalho.” (Silva et al., 2021, p. 6121- 6122). Concluindo “[...] que quase 80% dos(as) professores(as) investigados(as) não se encontravam satisfeitos(as) com o trabalho durante a pandemia.

Mas, o que/quem pode influenciar a motivação do professor no desempenho do seu trabalho? Provavelmente são diversos fatores e no contexto em questão, o distanciamento físico das pessoas e do espaço físico afetam fortemente a motivação para o trabalho tanto por parte do professor, como a participação dos alunos, como vemos no relato de um professor sobre mais um dia de trabalho no ensino remoto, nos orienta nesta investigação:

[...] motivação durante as aulas pois o contato com os alunos é sempre revigorante, apesar de cansativo; preocupação com o trabalho, pois muitas pendências continuaram para o dia seguinte. Exaustão ao fim do dia pois o tempo diante de telas (computador e celular) é grande. (Caderneta 5) (Souza et al., 2022, p.11).

Todas as adversidades relatadas pelo participante, são superadas pela melhor parte de seu trabalho: o aluno. Sua existência, sua participação são o sentido, a motivação do professor. Um fato aparentemente tão simplório, mas indissociável da prática educativa. Prática que é humana, social, afetiva, emocional, interacional, amorosa como nos ensina o patrono da educação Paulo Freire em todo seu legado, que foi brutalmente afetada pelos efeitos do Ensino Remoto Emergencial.

Neste sentido, os autores acrescentam que os dados obtidos em sua pesquisa, levam a concluir que apesar da angústia, das exigências de adaptação, de todas as adversidades vivenciadas pelos professores no momento pandêmico, eles permaneceram fazendo seu trabalho: ensinar os alunos. Na tentativa de superar a calamidade do momento, buscaram tornar sua prática para si e para os alunos, em um ambiente virtual e distante, o mais pessoal e afetuoso possível, inovando, buscando e aplicando metodologias para efetivar o ensino e tentar minimizar a distância.

Considerando a complexidade do cotidiano do professor, principalmente durante o ensino remoto, permeada por uma dualidade peculiar com fatores motivacionais/desmotivacionais, foi concluída por Souza et al. (2022) da seguinte forma:

Assim, observou-se que, ao lado de expressões negativas – como desânimo e desmotivação –, foram também registrados sentimentos positivos, alusivos tanto à relação com os aluno(a)s, tida como “sempre revigorante”, quanto à valorização e apoio recebidos pelos familiares das crianças (Souza et al., 2022, p.12).

Ser professor é transitar diariamente por situações completamente opostas, contraditórias. Vivenciar o paradoxal, a antítese, seguir resiliente e perseverante para um novo dia de aula, para uma nova turma, tendo nas pequenas alegrias seu tesouro.

Após este breve diálogo, seguimos com a descrição e discussão dos textos compilados para este referencial.

O primeiro texto analisado de Souza et al. intitulado “Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde” de 2022. Esta pesquisa pretendeu apresentar resultados de uma pesquisa desenvolvida com docentes da rede pública e privada de ensino, em colaboração com o Sindicato dos Professores de Macaé e região (Sinpro-Macaé) que teve por objetivo “[...]problematizar aspectos do processo de trabalho de professore(a)s da educação básica de municípios do estado do Rio de Janeiro, em contexto pandêmico, e a sua relação com a saúde.”(p.03). Neste sentido, os participantes relataram

diariamente, durante sete dias seguidos, suas vivências sobre saúde e trabalho em uma caderneta virtual disponibilizada na plataforma on-line Google Form.

Os resultados deste trabalho foram apresentados em duas etapas. Na primeira, a apresentação e a análise do processo de trabalho remoto foram divididas nos temas: aceleração e pressão na sequência de atividades; simultaneidade e concorrência de trabalhos; impedimentos tecnológicos e adaptações do trabalho virtual docente; e interação entre labor docente e doméstico. Já a segunda etapa se concentra nas problemáticas queixas de saúde, comorbidades progressas e resistências coletivas.

Ao longo do texto, os resultados da pesquisa apontam questões como a imposição digital no trabalho docente e a dificuldade de adaptação por parte dos docentes, a flexibilização do tempo laboral e das funções docentes já existentes, acentuadas em tempo de pandemia, problemática evidenciada pela anotação de um participante do estudo:

Tomei um rápido café e comecei a editar o vídeo que tinha gravado no dia anterior, atividade que demanda tempo e vários testes, pois, não há treinamento e apoio no uso das tecnologias necessários para a entrega de um trabalho minimamente apresentável [...] Solicitações de atendimento durante todo o dia para orientação na realização de atividades [...] correção de atividades pela tela do telefone. (Caderneta 3) (Souza et al., 2022, p.6)

Outra questão evidenciada pela pesquisa é o fato de que “[...] na visão do(a)s professore(a)s, o trabalho presencial serve de referência ao trabalho docente na idade média.” (Souza et al., p.8) principalmente pelas escassas orientações por partes dos gestores ou das administrações educativas. Desta forma o norteador do ensino remoto emergencial foi a própria experiência docente presencial, sua competência e sabedoria profissional, ou seja, o ensino remoto emergencial foi construído intuitivamente pelos professores através de sua experiência no chão da sala de aula.

O agravamento da precarização social do trabalho docente é outro ponto a ser destacado. A evolução tecnológica que, por um lado, viabilizou o ensino em momento tão crítico, por outro acentuou mazelas outrora:

Ao final da gravação da aula de uma turma (às 16:00), ocorreu um erro durante o salvamento e acabei perdendo toda a gravação da tarde. Fiquei bastante frustrada e reuni forças para recomeçar as gravações. (Caderneta 5) [...] estive em videoconferência com os alunos, o último tempo não consegui trabalhar, pois a internet não estava boa e eu não estava me sentindo bem. (Caderneta 4). (Souza et al., 2022, p.8)

A esta peculiar questão, a pesquisa também acrescenta os revezes na conciliação entre a vida doméstica e trabalho dentro de casa. O mal-estar docente, problemática conhecida em diversas pesquisas sobre saúde docente, figura neste estudo de modo agudizado, trazendo questões como: má qualidade no sono provocada pelo perda de noção de tempo; fortes dores de cabeça, tensão e ansiedade; problemas ergonômicos uma vez que a atividade de trabalho passou a ser executada totalmente sentada diante de telas; desmotivação, sentimentos como de falta de sentido e/ou de pertencimento no ambiente de trabalho causado pelo distanciamento físico dos alunos e pelas poucas participações nas aulas virtuais. As anotações dos professores ilustram perfeitamente o contexto relatado:

Iniciando o dia com o grupo do WhatsApp, onde conversamos com as crianças e responsáveis, diariamente, de 8h às 12h. Por volta das 14h, iniciei a organização do planejamento semanal, iniciado no dia anterior, para ser entregue até às 17h por e-mail. Todas estas ações permeadas pelos afazeres domésticos. Toda esta movimentação causa um desgaste grande, pois, ao gravar vídeos me sinto muito invadida. (Caderneta 8) (Souza et al., 2022, p.10)

[...] Às 20:00, eu precisei parar com a gravação para preparar a janta e já estava com bastante dor de cabeça. Depois de jantar, a dor de cabeça deu uma aliviada, porém ficar mexendo no celular e no computador fazia piorar a dor e por isso não terminei de editar a videoaula. Ou seja, terminei o meu dia com dor de cabeça e sem conseguir bater a meta de gravação e edição de videoaula que se acumulou com as tarefas do dia seguinte. (Caderneta 5) (Souza et al., 2022, p.11)

Os autores encerram o texto destacando os caminhos de resiliência e fortalecimento coletivo criados pelos docentes como forma de se reencontrarem como pessoas, como profissionais, recuperando os ânimos, a identidade de classe. Souza *et al.* (2022, p. 2) observaram nas anotações cotidianas dos professores participantes “[...] que docentes participam de atividades coletivas com o sindicato da categoria, mesmo nos fins de semana, construindo caminhos de questionamento e de resistência tanto ao modo remoto de trabalho quanto ao retorno às aulas presenciais”. Enfatizando a importância dos eventos sindicais como forma de alimentar o sentimento de pertencimento dos professores, principalmente durante a pandemia, como forma de atenuar os efeitos negativos do isolamento social.

O segundo texto analisado intitulado “Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal” de Fialho e Neves (2022, p. 04) fazem uma análise com o objetivo de “[...]compreender como os professores se

mobilizaram e como o isolamento social reverberou na práxis docente modificada para viabilizar a continuidade do ensino-aprendizagem por intermédio do ERE”.

Desta forma foi realizada uma pesquisa qualitativa com 146 professores brasileiros atuantes na educação básica ou no ensino superior, na rede privada ou pública de ensino, nas esferas federal, estadual e/ou municipal, durante a pandemia da covid-19. A coleta de dados aconteceu através de questionário on-line, elaborado no Google Forms, divulgado em redes sociais – WhatsApp e Facebook – e disponibilizado individualmente via e-mail pessoal ou institucional no período de 31 de março de 2021 a 28 de maio de 2021. Tal instrumento traçou o perfil dos participantes com base em respostas a perguntas relacionadas a gênero; idade; tempo de docência; esfera administrativa de lotação profissional; natureza do vínculo trabalhista; nível, etapa e modalidade em que atua; e faixa remuneratória mensal.

Os dados obtidos foram processados pelo sistema Iramuteq e distribuídos em cinco categorias. A categoria 1, que trata da exclusão digital dos alunos, traz reiterados relatos de docentes, de diferentes etapas e níveis educacionais, acerca da precariedade por parte dos alunos quanto ao acesso e o uso da internet e das ferramentas digitais. Aflorando desigualdades educacionais anteriormente existentes marcadas pelas “[...] sucessivas reformas educacionais, que não se consubstanciam no suprimento das carências educacionais, pelos exíguos investimentos e/ou pelas disputas ideológicas em todos os níveis da federação” (Saviani, 2008).

A categoria 2, trata da piora da saúde docente nos âmbitos emocional, mental e físico em contexto pandêmico, em questões já conhecidas e identificadas em pesquisas anteriores a 2020 que tratavam do adoecimento docente. Segundo os relatos dos participantes desta pesquisa, as condições de trabalho, postas pela crise sanitária em questão, acentuaram problemáticas oriundas de reiteradas reformas educacionais que visam aumentar a performance do trabalhador docente em detrimento dos investimentos cada vez mais escassos. Outro agravante, segundo os pesquisados, foi o “[...] descaso político-administrativo para com a educação” (Fialho; Neves; 2022, p. 14) pois se viam solitários na resolução dos mais diversos problemas e conflitos resultando em maior desgaste físico e emocional, uma vez que a jornada de trabalho estava cada vez mais extenuante e extensa.

Após analisarem diversos estudos como o de Souza *et al.* (2022), os autores concluem que:

As mudanças no trabalho docente, apesar de terem se tornado mais enfáticas na pandemia, são oriundas das transformações estruturais em andamento prévio e que imprimem nos professores diversas novas obrigações, causando lhes sinais e sintomas de adoecimento” (Fialho; Neves, p.15)

Desta forma, entende-se o mal-estar docente como uma realidade já existente na realidade dos professores dos diferentes níveis de atuação, independentemente de serem trabalhadores da iniciativa privada ou pública, sendo a pandemia, asseguradamente, um agravante neste tema.

A categoria 3, elaborada e discutida por Fialho e Neves (2022) tratou das “dificuldades verificadas no processo de ensino-aprendizagem”, mais apontadas pelos participantes, atuantes na educação básica. Dentre elas, as insuficientes medidas governamentais para uma educação abrangente e eficaz no modelo remoto, a acentuação das desigualdades educacionais, rotina familiar conturbada e cansativa alterada pela questão sanitária, inflada de afazeres, com pais e mães frustrados na tentativa de auxiliar a aprendizagem formal das crianças, principalmente das menores e/ou que tenham necessidades especiais de aprendizagem, o que requer um conhecimento específico, o conhecimento pedagógico, bem como “[...] as carências materiais e/ou a inabilitação para o manejo das ferramentas digitais” (Fialho; Neves, 2022, p. 16) que dão continuidades a debilidades já conhecidas na educação nacional, figuram nesta categoria.

Tal realidade é corroborada pelos autores com os estudos de Klapproth et al. (2020) e Özüdoğru (2021), ao pontuar “[...] precárias condições de habitação, baixa motivação dos alunos e dos pais, dificuldade de conectividade e falta de equipamentos com acesso à internet” (p.16), demonstrando que os mesmos obstáculos existem em realidades além da brasileira.

Na categoria 4, Fialho e Neves (2022) debateram as “exigências pedagógicas de enfrentamento”. A grande burocratização do trabalho, traduzida por inúmeros relatórios, reuniões e demandas administrativas, é relatada em maior número pelos docentes da educação básica, com grande incidência no ensino fundamental. A reorganização do aprender e do ensinar durante o ensino remoto e a verticalidade nas tomadas de decisões, expuseram diversas fragilidades formativas dos docentes brasileiros, sendo mais expressivas nos quesitos apoio pedagógico e acesso às TDICs. Assim, os autores afirmam que além da necessidade de formação específica para a docência no ensino remoto, tal contexto requer uma gama de saberes, competências e habilidades específicas, ressaltando a relevância do

[...] entendimento de Benini et al. (2020), de que o valor da força de trabalho dos professores se vincula às despesas de formação e aperfeiçoamento profissional, mas a redução proposital do custo com a educação representa o aumento do lucro capitalista em detrimento das necessidades de alunos e professores (Fialho; Neves, 2022, p.17).

Tal conclusão expõe mais uma vez o sucateamento da educação e a magnitude dos constrangimentos impostos aos docentes e a classe de modo geral.

A categoria 5, referente ainda ao trabalho de Fialho e Neves (2022), trata de uma já conhecida questão que assola o professorado, a “precarização do trabalho docente”. Assim, os autores trazem a investigação de Neves, Fialho e Machado (2021, p. 18) que teve como objeto o primeiro ano de vigência da pandemia da covid-19, evidenciando que “[...] a precarização do trabalho docente, apesar de ser estrutural no Brasil, foi potencializada com a crise sanitária.” Neste sentido, expressões utilizadas pelos professores nos questionários deste estudo, segundo os autores, indicam “[...] aumento das dificuldades, falta de reconhecimento, aquisição dos meios de produção, aumento da jornada de trabalho, ausência de limites entre trabalho e descanso, entre outras afrontas.” (p. 18). Outro dado importante deste estudo é que os docentes participantes, independentemente da etapa ou nível de atuação, apontam que sua jornada de trabalho e o nível de desafios da profissão se intensificaram durante o ensino remoto.

Corroborando os dados acima, os autores deste estudo trazem a investigação de Troitinho *et al.*, (2021) realizado com professores de todas as regiões do Brasil, atuantes na educação básica, que moram na zona urbana ou na zona rural. Seguindo a problemática do “agravamento da precarização do trabalho na pandemia” o estudo “[...] sugere que tal fenômeno é repercussão da telepresença, do acúmulo com o trabalho doméstico e da perda da identificação dos professores.” Tais estudos incidem sobre uma problemática histórica acerca da profissão docente caracterizada pela falta de reconhecimento e valorização do professorado seja no aspecto financeiro, social ou mesmo enquanto profissão, principalmente dos professores atuantes na educação infantil e no ensino fundamental I. Situação reforçada pela falácia de ser uma profissão de atributos essencialmente de cuidados femininos, isenta de conhecimentos científicos, formação ou qualificação, questões estas que se tornaram mais evidentes durante o ensino remoto emergencial.

Fialho e Neves (2022) encerram o texto fazendo interessantes apontamentos, dos quais trago alguns. Consideram que a pesquisa deu voz aos participantes, de forma que eles puderam comunicar à sociedade suas vivências e experiências angustiantes com o isolamento social, a Covid-19 e o ensino remoto emergencial. Apesar de os antagonismos enfrentados pelos professores brasileiros durante a pandemia, se assemelharem em diversos aspectos aos enfrentados pelos professores de países como França, Chile, Estados Unidos, entre outros, a

exclusão digital e a morosidade do poder público em capacitar professores e escolas nas tecnologias digitais são peculiares à questão brasileira.

O terceiro trabalho deste levantamento, publicado em 2021, intitulado “Pandemia da COVID-19: insatisfação com o trabalho entre professores(as) do estado de Minas Gerais, Brasil” de Silva *et al.*, foi “[...] parte do Projeto ProfSMoc - Etapa Minas Covid ‘Condições de saúde e trabalho entre professores da rede estadual de ensino do estado de Minas Gerais na pandemia da COVID-19’. [Sendo] um inquérito epidemiológico do tipo websurveys” (p. 6118) que pretendeu “[...]verificar a prevalência e fatores associados a insatisfação com o trabalho docente entre professores(as) da rede pública estadual de educação básica de Minas Gerais durante a pandemia da COVID-19.” (p. 6118) atingindo cerca de 16.000 docentes com aceite de participação de 15.641 docentes.

Segundo Silva *et al.* (2021), a pesquisa contemplou docentes atuantes em 2020 “[...]na educação infantil, ensino fundamental e/ou ensino médio (vinculados(as) a alguma escola pública estadual de Minas Gerais) e aqueles(as) que aceitassem participar da pesquisa” ou que estivessem em licença médica, exceto os que estivessem em funções diferentes da sala de aula e os “[...] que responderam “não” quando perguntados(as) se aceitavam participar do estudo.

Os resultados da pesquisa de Silva *et al* trazem diversas questões importantes do contexto laboral docente a serem discutidas, com o fato de que “[...] quase 80% dos(as) professores(as) investigados(as) não se encontravam satisfeitos(as) com o trabalho durante a pandemia.” (p.6123) e que “[...]maiores chances de indiferença e insatisfação com o trabalho foram observadas” (p.6123) entre os docentes com tempo de serviço igual ou superior há 21 anos, que não tinham companheiro ou companheira, aqueles que apresentavam algum nível de aqueles que não tinham uso exclusivo do computador, consumidores de bebidas alcoólicas, sedentários e os praticavam pouco ou não praticavam alguma atividade de lazer durante a pandemia.

O afastamento físico e social ocasionado pelas medidas sanitárias produziu diversos efeitos na saúde mental das pessoas, inclusive no ser/fazer docente. Que somada ao desgaste natural dos anos de trabalho e as nova demandas estressantes de trabalho, oriundas das formas de ensinar no contexto remoto, seriam uma possível resposta para as “[...]maiores chances tanto de indiferença quanto de insatisfação com o trabalho” (Silva *et al*, 2021, p.6124) nos participantes com tempo de serviço igual ou superior há 21 anos. Principalmente, tendo em conta que, de modo geral, estes profissionais acostumados a tecnologias tradicionais foram

impelidos e desafiados a uma prática totalmente diferente, sendo alguns mais afetados por não disporem de computador ou por terem de dividir com outros membros da família.

A exigência de atenção constante das atividades laborais durante o ensino remoto, intensificou a configuração da profissão docente em diversos aspectos a exemplo da extensa jornada de trabalho, planejamento e aplicação das aulas, reuniões e burocracias, incidindo no aumento dos níveis de estresse durante a pandemia da COVID-19 “[...]favorecendo o consumo de substâncias e sentimentos de insatisfação em relação ao trabalho realizado.” que segundo os autores “[...] corrobora com o resultado observado de menor insatisfação com o trabalho entre os(as) professores(as) que relataram não ter havido alteração no tempo destinado às atividades de lazer.”

Outra questão trazida pelos autores são as adversidades enfrentadas pelos professores trabalhadores de escolas localizadas nas zonas rurais, dado que pode incidir sobre as chances de aumento “[...] de indiferença em relação à satisfação com o trabalho.” sendo importante estudos que examinem as conjunturas entre família/escola/rural e família/escola/urbana.

Finalizando o texto, os autores levantam outras importantes questões que influenciam na motivação do trabalhador docente como vínculo empregatício, nível de formação, salário e afazeres domésticos. Esta figura como uma questão importante de análise quando a pesquisa evidencia “[...]menor impacto nos professores do sexo masculino em relação à satisfação com o trabalho” (Silva *et al.*, 2021, p.6126) pois durante o período de isolamento social, pois o lar se tornou ao mesmo tempo espaço de trabalho doméstico e trabalho remunerado. Considerando que o contingente de trabalhadores docentes é formado majoritariamente por mulheres e que os afazeres domésticos ainda recaem em grande parte a responsabilidade destas, sendo esta uma hipótese.

A quarta pesquisa analisada, de autoria Pinho *et al.*, (2021), intitulada “Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19” intencionou “[...]descrever características do trabalho remoto, situação de saúde mental e qualidade de sono na pandemia da Covid-19 em docentes da Bahia” (p.3).

Este, segundo os autores, foi “[...] um estudo de corte transversal do tipo exploratório, integrado ao projeto Trabalho Docente e Saúde em Tempos de Pandemia (Covid-19), realizado pelo Núcleo de Saúde Trabalho e Educação (NSET) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Núcleo de Epidemiologia (NEPI) da Universidade Estadual de Feira de Santana, em parceria com o Sindicato de Professores da Rede Particular de Ensino da Bahia (Sinpro-BA).” realizado com docentes atuantes na Educação Infantil, Ensino

Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e/ou Superior da rede privada de ensino do estado da Bahia.

Através da plataforma Google Forms, os participantes receberam um formulário composto por “cinco blocos de questões: características sociodemográficas e do trabalho em geral (bloco I); características do TR docente no contexto da pandemia da Covid-19 (bloco II); trabalho em casa, atividades domésticas/cuidado da família e medidas de distanciamento social (bloco III); situação de saúde docente (bloco IV); e hábitos de vida e rotina do sono durante a pandemia (bloco V)” (p.04). Sendo que 1.473 formulários retornaram e 1.444 foram validados.

Segundo os autores, a apuração dos dados de sua investigação revelou que os docentes, independentemente do nível educacional, foram impelidos a uma reestruturação de suas práticas em razão da pandemia. Rearranjo do espaço doméstico para abrigar funções laborais, adequação do tempo dedicado ao trabalho e a família, que impactaram de modo agudo e prejudicial à saúde física e mental dos professores, foram fatores também identificados pelos pesquisadores. Somado a estes fatores tem-se “[...]a elevada prevalência” (p.11) de Transtornos Mentais Comuns, causado pelo “[...] pouco tempo diário dedicado ao descanso e altas proporções de qualidade de sono ruim” (p.11), questões que reafirmaram “[...]achados de outros estudos no contexto da pandemia (Bernardo, Maia e Bridi, 2020; Losekann e Mourão, 2020; Mendes, Hastenreiter Filho e Tellechea, 2020; Pinto, 2020; Sousa e Paradela, 2020)” (p.11).

Segundo Pinho *et al.* (2021), os softwares de videoconferência foram adotados pelos docentes como instrumento de trabalho durante o ensino remoto e figuram como os recursos mais utilizados por estes. Grande parte dos professores declarou não se sentir capacitado no uso destes recursos e que em grande parte, o software a ser usado era decidido pela instituição de ensino “[...] exigindo deles um conjunto de conhecimentos e habilidades completamente novos (Sousa; Coimbra, 2020)” (p.11). Neste sentido, eles trazem à discussão o conceito “tecnoestresse” dos anos 80 que indica uma doença resultante da “[...] baixa habilidade para lidar, de maneira saudável com as novas tecnologias” (p.11,12.). Tal conceito adquiriu relevância com o crescente “[...] uso das tecnologias em velocidade e quantidade sem precedentes (Carlotto; Camara, 2010)” (p.11,12.). Pinho *et al.*, seguem o texto apontando diversos estudos que evidenciam as influências do tecnoestresse, principalmente no trabalho remoto docente.

Nesta continuidade, o modo peculiar e urgente no qual os professores tiveram de aprender, entender e usar as tecnologias na realização de atividade tão elaborada, singular e complicada como é o processo de ensino e aprendizagem, consoma-se um contexto que provavelmente, repercute negativamente nos aspectos físico e mental deles, fazendo-se imprescindível “[...]conhecer os impactos do tecnoestresse, bem como os fatores que o desencadeiam, será útil nas medidas de enfrentamento de situações de TR, posto que as condições associadas a ele encontram-se presentes no cotidiano das atividades docentes no TR neste estudo.”(Pinho *et al.*, 2021, p.12).

Outro interessante dado desta pesquisa, foi a significativa quantidade de docentes que manifestaram o desejo de continuar usando alguma ferramenta digital em suas aulas presenciais, questão um tanto curiosa e complexa especialmente na educação infantil e no ensino fundamental I, onde o processo educativo se dá por meio do contato físico, convívio, entre outras tantas características de presenciais.

O ambiente doméstico ocupa um espaço especial da pesquisa de Pinho *et al.*, uma vez que aquele abrigou as relações laborais, domésticas e familiares em um momento tão conturbado. Os resultados deste estudo ressaltam a pouca compatibilidade da moradia do professor, seja no quesito mobiliário, nível de ruído ou adequação do espaço físico para a realização de seu trabalho. Revezes em conciliar a execução do trabalho, organizar uma agenda de atividades, realizar o planejamento docente, efetivar a aplicação das atividades de ensino, manter contato com os alunos, o efetivo uso das ferramentas tecnológicas, são situações apontadas pelos professores participantes deste estudo. As mulheres ficaram com 75,2% responsabilidade com as ocupações familiares e domésticas, em oposição a 54,4% dos homens. Tendo o quesito sobrecarga doméstica, maior incidência no gênero feminino.

Outra questão interessante trazida pela pesquisa, é a análise da saúde e do humor da mulher. A questão “sentir-se impaciente ou mal-humorada” foi descrita por 78,0% das mulheres participantes. 53,7% informaram “alguma crise de ansiedade, medo ou pânico” e 19,5% informaram “uso de medicação que não fazia antes da pandemia”.

O conceito de Transtornos Mentais Comuns trazido pelos autores, amplia nosso entendimento sobre a discussão. Transtornos como insônia, fadiga, ansiedade, entre outros, tiveram preponderância de 69,0% nas professoras e 59,2% nos professores participantes. Outra característica bacana deste trabalho é a análise da saúde dos professores conforme o nível de ensino em que atuam. Os professores da educação infantil e do fundamental I apresentaram respectivamente uma preponderância de 74,6% e 74,1% de TMC, sendo

importante destacar que “[...] As prevalências de TMC foram mais elevadas em quem tinha alta sobrecarga doméstica, medo de ficar desempregado/a e não estava capacitado/a para uso de ferramentas digitais.” (Pinho *et al.*, 2021, p.10).

Conhecer a qualidade do sono dos professores é outro aspecto muito bacana desta pesquisa já que esta, afeta diretamente a saúde física e mental, como apontam os estudos de Freitas, Araújo e Fischer, 2019; Souza *et al.*, 2021; Valle, Reimão e Malvezzi, 2011, trazidos pelos autores desta pesquisa. Com base nesses estudos, Pinho *et al.* (2021) apresentam que 84,6% das professoras pesquisadas e 76,0% dos professores pesquisados afirmaram terem uma qualidade de sono ruim durante o ensino remoto. Quando se observa esta mesma categoria neste mesmo período, considerando os níveis de atuação, o resultado ainda é alarmante, pois 85,5% dos professores da educação infantil e 89,0% dos professores do ensino fundamental I informaram terem uma qualidade de sono ruim.

Pinho *et al.* (2021) caminham para o desfecho do artigo argumentando que em contextos semelhantes ao da pandemia da COVID-19, segundo Ornell *et al.* (2020), os efeitos na saúde costumam ser mais amplos do que da própria doença, sendo a profissão docente afetada de maneira singular, pela acentuação de suas características complexas, de grande exigência mental, longas horas de trabalho.

Desta forma, torna-se imprescindível a normatização do trabalho remoto para controlar os excessos no espaço doméstico, sendo urgente a manutenção e aplicação de recursos nas políticas de atenção, proteção e cuidados com a saúde docente destacada pela Covid-19.

O quinto que analisei deste compilado foi o notável trabalho de Souza *et al.* (2021), nomeado “Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia”, que propôs, segundo eles, “problematizar mudanças ocorridas no trabalho de professoras e professores da rede particular de ensino no contexto de pandemia e suas repercussões à saúde, bem como analisar novas formas de resistências coletivas virtuais criadas sob a liderança do sindicato” (p. 3).

Os autores iniciam comentando sobre a existência de poucas pesquisas que analisam e/ou investigam o mundo do trabalho no contexto das epidemias. Assim, eles trazem o “documento da International Labour Organization (ILO), ‘Monitor OIT: Covid-19 e o mundo do trabalho’ (International Labour Organization, 2020)” (p. 2) que aponta a pandemia causada pelo Covid-19 como o evento mais devastador em escala mundial, desde a Segunda Guerra Mundial. Este cenário acentuou, para a maioria da população, conhecidas contradições do

capitalismo como desigualdades sociais e econômicas, além da precarização do trabalho e da vida.

Souza *et al* (2021) seguem o texto comentando os principais fatores no contexto pandêmico que afetaram o trabalho docente da rede privada. A inesperada remodelação da prática docente exigiu dos professores, abruptamente, conhecimento e intimidade com aplicativos, mídias digitais e recursos tecnológicos até então desconhecidos, além de terem de arcar com os recursos materiais para tal. A este cenário, acrescenta-se o rearranjo do ambiente doméstico do professor, tentando conciliar na intimidade do lar a sala de aula e a vida familiar, também afetada e modificada pelo pelos eventos da quarentena e da pandemia do vírus da COVID-19.

Compreendi que, pela perspectiva dos autores, a transferência do trabalho presencial para o trabalho remoto é percebida por duas perspectivas. De um lado, o isolamento social como tática necessária para evitar a disseminação e contaminação do vírus em questão. De outro, a fragilização das relações de pertencimento e identidade dos trabalhadores, entre si e de seus espaços de labor, que já sofrem com diversos métodos de precarização das profissões a exemplo da “uberização”, traduzida por Souza *et al* (2021, p. 4) como “[...] um fenômeno mundial da nova configuração do trabalho que reafirma uma história de acúmulo de precariedades, exacerba o isolamento do trabalhador(a) e fragiliza ainda mais processos de organização coletiva do trabalho”. Desta forma, os sindicatos ocupam importante papel na defesa dos trabalhadores, de seus direitos, fazendo a manutenção do sentimento coletivo de pertencimento, da identidade de classe, de categoria trabalhadora.

A imperiosa necessidade de reorganização do trabalho, ficou em toda sua magnitude unicamente a cargo dos professores, pois estes tiveram de conhecer e aprender a usar plataformas e aplicativos, criar uma sala de aula dentro da própria casa, reorganizar a vida familiar e doméstica para realizarem as aulas, sem previsão de até quando. Neste sentido, Souza *et al.* (2021, p. 5) indicam que os acontecimentos produzidos pela vivência desta pandemia acentuaram a “[...] intensificação e a precarização das condições de trabalho de professoras e professores”. Os pesquisadores, orientados por Hypolito, Vieira e Pizzi (2009) e Rodrigues *et al.* (2020), apontam alguns dos diversos aspectos da sistemática da intensificação do trabalho docente

[...] como processo que conduz à redução do tempo para descanso na jornada de trabalho; implica falta de tempo para atualização e requalificação profissional e potencializa a sobrecarga de trabalho. [...] Em síntese, pode-se afirmar que as modalidades de trabalho remoto de professoras e professores

possuem a marca da combinação intensiva e extensiva do tempo de trabalho associado à precarização das condições laborais sob a determinação histórica de novos padrões gerenciais em tempos de excepcionalidade de trabalho” (Souza *et al.* 2021, p. 06).

A exacerbação do lucro em detrimento da vida, é uma peculiaridade do cenário mundial que trata tudo e todos como mercadoria, repleto de incertezas e mudanças que afetam todos os domínios da vivência humana, tornando o ritmo de vida frenético, estando as pessoas sempre dispostas e alertas às necessidades do mercado.

Tal cenário é exemplificado pelos autores ao comentarem que os professores das escolas particulares, passaram a ter seu trabalho mensurado pelo montante de avaliações e atividades aplicadas nas plataformas e nas aulas virtuais bem como, reuniões marcadas de última hora, além da presença de integrantes da coordenação inspecionando as aulas virtuais. Situações deste tipo, retomam a temática da extrema fragilização dos direitos trabalhistas e das profissões na atualidade, mencionando a necessidade de “[...] fazer cumprir os termos do contrato de trabalho em conformidade com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a exemplo da prerrogativa do direito ao recesso e férias remuneradas” (Souza *et al.*, 2021, p. 07.). Sendo o isolamento social, uma das ações de proteção sanitária durante a pandemia conforme a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2020).

Souza *et al.* (2021) seguem o texto relatando o descaso e abandono sofrido pelo docente durante o ensino remoto. Professores descobriram e aprenderam por conta própria quais aplicativos e plataformas usar nas aulas, além de transformarem seus lares e suas rotinas familiares para abrigarem seu trabalho, ecoando a ausência de qualquer ação dos empregadores para fornecer o mínimo de recursos materiais, salários razoáveis, orientações mínimas sobre ergonomia, saúde e segurança do trabalho.

Conciliar trabalho, vida familiar e rotina doméstica no mesmo espaço, durante o ensino remoto, constituiu-se em uma tarefa árdua contribuindo para a conhecida problemática das “[...] relações sociais de gênero” (Souza *et al.*, 2021, p. 07), que afeta grande parte das mulheres com jornadas duplas ou triplas de trabalho. Segundo Neves, Brito e Muniz (2019), a educação infantil e o ensino fundamental I são etapas de ensino caracterizadas pelo profundo vínculo de cuidado e afetividade, algo que remete aos cuidados domésticos e que conta com um grande contingente de mulheres trabalhadoras. Tal contexto “[...] pode gerar desgaste físico e psíquico nas trabalhadoras, sendo as relações de gênero em escolas um elemento que promove distinção no trabalho e riscos de adoecimento entre homens e mulheres” (p. 08).

Desta forma, por meio dos estudos trazidos por Gomes e Brito, 2006; Araújo e Carvalho, 2009; Ferreira, 2019, os autores apontam um “[...] processo de precarização; intensificação da jornada diária; sobrecarga de trabalho; falta de valorização do professor (econômica e socialmente); excesso de controle institucional; falta de apoio da gestão quando os professores são desrespeitados, agredidos e assediados; e a responsabilização individual dos docentes pelo fracasso dos alunos.” (p.08), como questões do passado e da atualidade que identificam a complexidade da profissão docente. Assim, o trabalho docente no ensino remoto, dá mostras destas questões, bem como de seus agravamentos afetando a saúde mental.

Os autores seguem discorrendo sobre as afetações à saúde docente, trazendo Ferreira (2019) e Araújo e Carvalho (2009). Estes autores afirmam que, as investigações sobre trabalho docente, independentemente do caminho metodológico percorrido (qualitativo ou quantitativo) tem como ponto de encontro problemáticas como “[...] distúrbios de voz, distúrbios osteomusculares e, principalmente, problemas relacionados à saúde mental.” (p. 08). Sendo importante ressaltar as afetações à saúde mental docente em “[...] vivências de sofrimento psíquico e sintomas de mal-estar, caracterizados pelas professoras e professores como sofrimento, nervosismo, esgotamento mental, estresse, ansiedade, irritabilidade, depressão, medo, cansaço e perturbações do sono, como insônia ou sono que não é reparador (Ferreira, 2019; Neves; Silva, 2006; Gomes; Brito, 2006)” (p.08).

Assim, os autores seguem enriquecendo a pesquisa com informações do documento “Resumo de política: Covid-19 e a necessidade de ação em saúde mental”, divulgado pela Organização das Nações Unidas. O documento avalia que em todo o mundo, as pessoas sofreram tanto pela ameaça do vírus da Covid-19 em si, quanto por temerem por seus entes queridos, além da enxurrada de informações incertas e desencontradas sobre o vírus, seus desdobramentos.

Os autores caminham para as considerações finais, mas não sem antes esmiuçar a problemática local que originou esta pesquisa. Após reiterados episódios de atraso no pagamento dos salários, tentativas de “[...] descontos na hora-aula dos docentes, além de reduzir a carga horária de trabalho, devido ao isolamento social, o que é proibido pela Constituição Federal, salvo em negociação coletiva, o que não ocorreu (Sinpro Macaé, 2020b).” (p. 09), culminando em 15 de junho de 2020 greve virtual dos professores através do Sinpro Macaé. Se por um lado, os empregadores se utilizam da crise sanitária e as tecnologias para novas formas de assediar e precarizar o trabalho docente, por outro, os professores

elaboram novas formas de resistência e luta por seus direitos. Souza et al. relatam que enquanto as TIDIC's causaram grandes impactos na divulgação, mobilização, esclarecimento e participação da classe e da comunidade sobre a greve, os empregadores se valeram das mesmas ferramentas na tentativa de desmobilizar e fragilizar as reivindicações da categoria.

É inegável que o uso das tecnologias da informação fomentando esta greve, foi um upgrade nas relações entre sindicato e sindicalizados, sendo ainda prematuro dizer que estejamos migrando para um novo modelo sindical.

Em suas considerações finais, os autores indagam se o ensino remoto se manterá após o fim da pandemia considerando que este modelo é economicamente interessante para os empresários das escolas, ratificam a importância do acompanhamento contínuo da saúde docente no retorno ao trabalho presencial e assinalam como positiva a parceria entre o Sindicato dos Professores de Macaé e Região e os pesquisadores do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, na FIOCRUZ.

O sexto e último trabalho desta revisão, chama-se “Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19”, de autoria de Troitinho *et al.*, (2021, p. 15), “[...]representa um estudo comparativo com professores da Educação Básica de todo o Brasil, buscando entender alguns impactos do trabalho pedagógico remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19 em variáveis associadas com sofrimento psicológico”, através de uma pesquisa quanti-qualitativa.

O texto inicia lembrando como foram os primeiros casos de COVID-19 no mundo e no Brasil, explicando as medidas adotadas para evitar a disseminação do vírus e da doença, as escolas suspendendo as aulas, o debate sobre como ficaria o ensino no país e o início do Ensino Remoto. O texto segue comentando que estudos sobre estresse de docentes, indicam situações do cotidiano docente (manter disciplina na sala de aula, preparar atividades, ausência de equipamentos e recursos para realizar as aulas, entre outras) como estressores do ambiente escolar que, somados ao distanciamento físico e ao isolamento social, tem esses efeitos potencializados conforme destacam Makarenko e Andrews (2017).

Os autores seguem sua análise cunhando o termo ‘afetariado’ para designar o sofrimento mental causado pelo trabalho imaterial como sendo “[...] um efeito socialmente fabricado, e não um déficit pessoal ou uma diferença individual.” (Troitinho et al., (2021, p. 05), que indica “[...] as formas pelas quais as violências do capitalismo ansioso e exagerado permeiam toda a vida consciente, inconsciente e não consciente” (p. 05). A discussão avança se orientando em Soares (2020), Benini et al., (2020) e Federici (2008), para questionar os

novos significados que a docência assume no ensino remoto incidindo sobre a precarização do trabalho docente, bem como no conflito da identidade profissional e da questão feminina da divisão do trabalho, problemáticas diretamente ligadas ao estresse e a motivação para o trabalho.

Na discussão, a pesquisa inicia apresentando em seus resultados que, para os professores, vivenciar o trabalho remoto acarretou o aumento em sentimentos como “[...] ansiedade (caracterizado, no IDATE, por fadiga, preocupação excessiva, indecisão e sentimentos de tristeza), afeto negativo (caracterizado por sentimentos de angústia, insatisfação e medo) e estresse percebido (sentimentos e cognições de um indivíduo sobre quanto estresse está sofrendo)” (Troitinho *et al.*, 2021, p.15). Os autores explicam em Cohen, Kamarck e Mermelstein (1983) que o termo “estresse percebido” abarca emoções ligadas ao desconhecido, ao inesperado, principalmente na vida, na existência e como os sujeitos distinguem e entendem os acontecimentos, tal qual sua competência em administrar essas situações.

Ainda falando sobre estresse e saúde mental, o texto traz Makarenko e Andrews (2017). Segundo eles, “[...] professores e instrutores em trabalho online estão mais suscetíveis a sentimentos de isolamento e solidão do que professores, e que as professoras apresentavam mais sinais de sofrimento emocional do que os professores” (p. 16).

Troitinho *et al.* (2021, p. 16), entendem, segundo os resultados desta pesquisa, que na realidade brasileira, em contexto pandêmico, “[...]as diferenças de gênero em relação ao impacto do trabalho remoto são explicadas principalmente pela maior carga de trabalho afetivo e doméstico”. Os autores acrescentam que a atividade doméstica costuma ser entendida como ocupação vulgar, sem remuneração, atribuída aos gêneros de forma desproporcional: “[...]com baixo controle de agendamento, como, por exemplo, lavar a louça e cozinhar, cuidar das crianças) – isso é, tarefas que demandam atenção pontual, mas incontrolável, o que potencializa o estresse das tarefas” (Troitinho *et al.*, 2021, p. 16 *apud* Barnett; Shen, 1997).

Toda essa complexidade, somada ao ensino remoto, tornaram o ambiente doméstico um grande espaço de disputa entre trabalho remoto e vida doméstica, penalizando os aspectos físico, emocional, mental, familiar e afetivo das professoras em particular.

Os autores seguem resumindo brilhantemente o exposto acima com a citação de Santos e Zaboroski (2020): “[...] os professores, por outro lado, têm de procurar relacionar sua vida profissional com as atribuições familiares e domésticas. Muitos precisam, ainda, auxiliar seus filhos que estão estudando em casa, ao mesmo tempo em que lecionam para outros jovens, causando uma sobrecarga bastante considerável, que só aumenta a tensão causada pela pandemia (Troitinho *et al.*, 2021, p. 16 apud Santos; Zaboroski, 2020, p. 46).

Seguindo esta lógica, os autores retomam o conceito de “afetariado” para designar o professorado durante o trabalho remoto. Baseando-se em Berardi (2009), Filgueiras e Antunes (2020), Soares (2020), eles entendem que o “[...] trabalho remoto pode ser uma importante fonte de sofrimento psicológico” (Troitinho *et al.*, 2021, p.16). A isto, acrescenta-se a necessidade de novas e diferentes aprendizagens tecnológicas e didáticas para dar aulas, a solidão pessoal e profissional, condições que desfiguram a identidade docente. Como explicado brilhantemente pelos autores “[...]essa desidentificação é uma característica importante da precarização do trabalho docente nos contextos contemporâneos (Filgueiras; Antunes, 2020). Benini et al. (2020) apontam a educação a distância (EaD) como uma importante fonte de precarização e alienação do trabalho docente, em um processo constante de desidentificação” (Troitinho *et al.*, 2021, p.16).

O artigo caminha para encerrar o tópico da discussão dos resultados da pesquisa com um parágrafo que conclui magnificamente a discussão “[...] A organização do ensino remoto precisa ser acompanhada de estratégias não somente de treinamento, mas também de uma reconfiguração do trabalho para diminuir os efeitos da telepresença, da competição com o trabalho doméstico e da desidentificação do corpo docente com sua própria atividade” (Troitinho *et al.*, 2021, p. 17).

Na conclusão, os autores retomam apontamentos anteriores completando que, os resultados desta pesquisa, indicam que os docentes atuantes na educação básica de todo o país, tiveram sua saúde mental afetada pelo trabalho remoto emergencial, sendo importantíssimo um planejamento de ações que contemple a “[...] reconfiguração do trabalho para diminuir os efeitos da telepresença, da competição com o trabalho doméstico e da desidentificação do corpo docente com sua própria atividade” (Troitinho *et al.*, 2021, p.17). Acrescentam que se o crescimento das condições de trabalho docente relatadas não for combatido, este modelo de trabalho continuará causando adoecimento mental dos docentes. Neste sentido, o momento pandêmico exigiu uma ressignificação da identidade docente.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

5.1 Processos da pesquisa: aspectos éticos, aplicação dos questionários

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil em 04/10/2022, sendo aprovado em 10/11/2022. No parecer, o Comitê de Ética recomendou que as páginas do TCLE fossem numeradas e informada a fonte de financiamento, neste caso, próprio.

Em conversa com a Secretária de Educação, informei a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e perguntei qual seria a melhor data para aplicação dos questionários e realização das entrevistas. Concluímos que em virtude do final do ano letivo e todas as demandas relativas a este período, os questionários seriam aplicados de 30 de novembro de 2022 até 09 de dezembro de 2022 e, as entrevistas, realizadas de 01 a 15 de fevereiro de 2023.

Fiz contato com os diretores das escolas via WhatsApp, informando sobre o objetivo principal da pesquisa e o público alvo. Eles informaram os nomes dos professores de interesse da pesquisa, seus horários nas escolas e combinamos as datas. Enfatizei a importância de eles acompanharem a abordagem dos professores durante a explicação da pesquisa e entrega do questionário e do termo de consentimento. Pois acredito que, desta forma, a pesquisa é recebida com maior seriedade pelos participantes.

No dia 30/11/22, estive na escola de Ensino Fundamental. Cheguei por volta das 07:00hrs, horário de início das aulas. O diretor não estava, mas já havia explicado aos professores sobre minha presença e objetivo. Fui em cada uma das salas dos três professores deste horário, nas quais fui recebida com simpatia e interesse. Expliquei sobre a pesquisa e combinamos que eu retornaria em quatro dias para recolher o questionário e uma via do termo de consentimento, pois a outra é do participante.

Por volta das 13h, retornei à escola onde fui recebida e acompanhada por uma das professoras de interesse da pesquisa que, ocupa atualmente, o cargo de diretora neste turno. Nos dirigimos às salas dos professores, pelos quais fui igualmente recebida com simpatia e interesse. Após as explicações e esclarecimentos sobre a pesquisa, eu e os sete pesquisados, combinamos que em quatro dias seria a devolução do questionário e de uma via do termo de consentimento.

Três professoras de interesse da pesquisa desta escola não participaram da pesquisa. Uma, que atualmente ocupa o cargo de supervisora, estava de licença por COVID-19; a segunda estava de licença maternidade e a terceira de férias prêmio.

No dia 05/12/22, estive na parte da manhã e a da tarde no Centro Educacional onde trabalham as professoras da Educação Infantil. As conversas com as três professoras do período vespertino, as sete do período matutino e uma das professoras de interesse da pesquisa que atualmente ocupa o cargo de supervisora, foi acompanhada pela diretora da escola. Todas demonstraram grande interesse pela temática e pela participação na pesquisa. Após as explicações e esclarecimentos, ficou acordado o recolhimento do material dia 09/12/2022. Por último, na mesma data, na parte da tarde, estive na escolinha de Educação Infantil localizada no distrito de Monte Celeste, para entregar o questionário a uma professora de interesse da pesquisa que atualmente ocupa o cargo de supervisora desta escola. Combinamos que no dia 09/12/2022 seria a data limite para a devolução do questionário.

Nas datas combinadas, retornei às escolas recolhendo um total de dezoito questionários válidos.

5.2 Processos da pesquisa: análise dos questionários

O questionário aplicado nesta pesquisa foi elaborado em quatro sessões.

A primeira, intitulada “Dados Pessoais”, buscou conhecer questões como idade, núcleo familiar imediato e distância percorrida diariamente pelos professores participantes entre sua moradia e local de trabalho. A segunda sessão, “Formação Profissional” identificou qual ou quais graduações foram cursadas pelos participantes, quantos anos tem de formação, se realizou alguma pós-graduação e em qual área. Este viés se aprofunda na terceira sessão, “Experiência Docente”. Nela, buscamos conhecer profissionalmente os participantes, a partir de perguntas relativas ao tempo de carreira, vínculo empregatício e se atuou durante o Ensino Remoto Emergencial. A última sessão deste instrumento conversa diretamente com os objetivos traçados por esta pesquisa, por isso foi denominada “Motivação e saúde docente durante o período do Ensino Remoto Emergencial (ERE)”.

Na sessão Dados Pessoais, os participantes declararam-se com idades entre 26 e 57 anos, sendo 17 do sexo e identidade de gênero feminino e 01 masculino. 08 participantes moram com filhos/enteados e marido/esposa, 03 moram sozinhas, 02 com filhos/enteados, 01 com marido, filhos e sogra, 01 com irmã/irmão, filhos, esposo, 01 com irmã/irmão, filhos/enteados, 01 com mãe/madrasta, pai/padrasto, irmã/irmão e 01 com mãe/madrasta, pai/padrasto. A distância percorrida em km pelos professores, foi outro dado obtido nesta categoria. Variando entre 300 m e 30 km de trajeto diário de casa para o trabalho.

Na sessão Formação Profissional, 10 participantes informaram ser graduados em Pedagogia, 03 em Normal Superior, 01 em História, 01 em Normal Superior e Pedagogia, 01 em Gestão de Projetos, 01 em Pedagogia e Administração de Empresas e 01 Pedagogia, Educação Inclusiva e Biblioteconomia. O tempo de conclusão da graduação varia entre 30 anos e 05 anos. Todos os participantes possuem especialização *lato sensu*, em áreas como História, Educação, Gestão de Projetos, Educação Especial e Inclusiva, Psicopedagogia, Ludopedagogia, Atendimento Educacional Especializado, Gestão Escolar, Inspeção, Supervisão e Orientação.

Na sessão Experiência Docente, o tempo de profissão dos entrevistados varia entre 36 e 04 anos e o tempo de atuação no município entre 36 anos e 02 anos, sendo 09 participantes efetivos e 09 contratados. Todos os participantes trabalharam na rede durante o Ensino Remoto Emergencial em períodos que variaram entre 01 e 02 anos. Essa variação de tempo se explica por questões como: o fato de alguns participantes trabalharem na rede apenas no segundo ano da pandemia; o Ensino Fundamental adotou o modelo híbrido (alternando uma semana de aulas presenciais e outra de aulas remotas) a partir de outubro/2021; a Educação Infantil permaneceu no E.R.E de abril/2020 até dezembro/2021 retornando ao presencial apenas em 2022.

5.2.1 Resultados sobre motivação docente

Conforme as respostas obtidas pelos questionários identificamos nesta sessão que dos 18 professores participantes, 08 se sentiram motivados a trabalhar durante este período, 09 não se sentiram motivados (01 participante teve essa questão invalidada, pois assinalou as duas alternativas). Dezesesseis (16) participantes teceram comentários sobre a questão formulada e 02 participantes não comentaram. Quanto à motivação para o trabalho, 08 professores se consideraram pouco afetados pelo Ensino Remoto Emergencial e 10 professores se consideraram muito afetados pelo Ensino Remoto Emergencial.

Assim, de modo a tornar mais rica a descrição dos dados, consideramos interessante apresentar excertos de suas respostas abaixo.

- Motivação positiva

Dos oito professores que assinalaram motivação positiva neste período, seis comentaram que, de modo geral, sua motivação foi impulsionada pelo desejo de fazer o melhor possível naquele contexto tão delicado, como exposto abaixo:

Excertos:

[...] foi um desafio, um período difícil. (Arlete)

[...] gostava de pesquisar sugestões para gravar as aulas. (Celeste)

[...] sim, para que chegasse um bom trabalho até às crianças nesse momento tão delicado (Karla)

[...] me descobri nos vídeos. (Lenice)

[...] essa motivação foi se perdendo ao longo do tempo (Natan)

[...] somente no último ano me senti motivada. (Pilar)

[...] tive que reaprender a dar aulas, me reinventar buscando me aperfeiçoar e fazer com que os alunos se interessassem pelas aulas. (Roane)

- Motivação negativa (não motivado ou pouco motivado)

Os nove participantes que afirmaram não se sentirem motivados a trabalhar durante este período, forneceram algumas explicações, as quais apresentamos:

Excertos:

[...] pois, sentia que as crianças não estavam aprendendo como na escola, e a maioria nem acesso aos vídeos tinham. (Bianca)

[...] no começo houve uma expectativa maior, mas percebi que não era fácil chegar ao efetivo ensino à distância. (Elize)

[...] tive que aprender usar o celular com postagem das aulas, gravar vídeos. (Gilda)

[...] eu não me sentia motivada porque era muita burocracia para preencher. Além disso, estávamos longe dos alunos, que representaram nosso motivo maior. (Heleonor)

[...] sentia falta da presença e rotina dos alunos/escola. (Ilda)

[...] dificuldade em planejar aulas remotas, falta de retorno dos pais, dos alunos. (Jacira)

[...]demanda de serviço exaustiva. (Maria)

[...] as expectativas foram uma, e a realidade outra. (Olímpia)

[...] era muito difícil ensinar as crianças. (Quitéria)

Lendo com atenção, observamos que certas falas dos professores que se declararam motivados, exala certa similitude com as falas dos professores que declararam dificuldades em se sentirem motivados no trabalho durante o ensino remoto emergencial. Fossem questões já conhecidas pela classe docente (sobrecarga de trabalho, grande demanda burocrática a distância física, preocupação com o aprendizado dos alunos), fossem questões completamente novas (usar o smartphone como ferramenta de trabalho, aprender a fazer e editar vídeos, a distância física dos alunos, baixa participação dos alunos e da família, aulas virtuais), o ERE afetou de modo negativo e extenuante a vida dos professores produzindo “[...] situações capazes de ocasionar maior insatisfação com o trabalho entre os(as) professores(as). (Silva *et al.*, 2021, p.6123).

O estudo realizado por Silva *et al.* (2021) reitera nossas conclusões ao apontar que cerca de 80% dos(as) professores(as) participantes da pesquisa estavam insatisfeitos com seu trabalho na pandemia e acrescentam que “[...]essa ‘não satisfação’ apresenta relação com a intensificação das atribuições relacionadas à docência e as mudanças causadas no sistema educacional diante da pandemia da COVID-19 (Silva *et al.*, 2021, p.6127) ou seja, confirmando mais uma vez que a rotina do trabalho docente no ERE afetou a vida bem como, a motivação desses profissionais.

5.2.2 Resultados sobre a dinâmica familiar durante o Ensino Remoto Emergencial

Com relação a esta categoria, três (03) professores responderam que sua dinâmica familiar não foi afetada pelo Ensino Remoto Emergencial e quinze (15) professores responderam que sua dinâmica familiar foi afetada pelo Ensino Remoto Emergencial.

Destes, quatorze (14) professores apontaram situações diversas como solidão, voltar a morar com os pais, alterações na moradia e na rotina familiar, atenção constante ao celular para atender os alunos, como fatores que afetaram sua dinâmica familiar.

Excertos:

[...] a rotina familiar, mudou devido os vídeos e aulas on-line. (Arlete)

[...] o trabalho foi pra dentro da minha casa. (Bianca)

[...] me sentia só. (Celeste)

[...]precisava ficar atendida ao celular e atendimento ao aluno e a família. (Elize)

[...] tive que associar as duas coisas. (Gilda)

[...]passei mais tempo com meu filho, o que foi bom. (Ilda)

[...]voltei a morar com meus pais. (Jacira)

[...] trabalhava até altas horas pra dar conta de tudo. (Lenice)

[...] sem tempo para convívio. (Maria)

[...] adaptar minha residência para gravar aulas, ruídos, etc. (Natan)

[...] tempo gasto com as aulas e atividades, tive que trocar meu tempo com família para dar aula. (Olímpia)

[...] mais tempo com a família. (Pilar)

[...] medo da doença afetou nossa dinâmica familiar. (Quitéria)

[...] minha família tinha que ficar em silêncio ou falar muito baixo enquanto eu dava aula e fazia vídeo. (Roane)

Antes da pandemia, a intensificação do trabalho docente já havia tornado o lar dos professores uma extensão do espaço de trabalho, sendo muitas vezes o local usado para os planejamentos das aulas, planejar e corrigir provas, entre outras atividades. O cenário assustador e inóspito da pandemia da COVID-19, que afetou as vidas de todas as pessoas em todo planeta, fez com que a casa dos professores se tornasse também a escola. Os relatos acima, dos professores participantes desta pesquisa, nos mostram como suas vidas foram afetadas de modo exaustivo e angustiante, bem como seus familiares, que passaram a dividir a intimidade do lar com uma sala de aula improvisada.

Em síntese, pode-se afirmar que as modalidades de trabalho remoto de professoras e professores possuem a marca da combinação intensiva e extensiva do tempo de trabalho associado à precarização das condições laborais sob a determinação histórica de novos padrões gerenciais em tempos de excepcionalidade de trabalho (Rodrigues et al., 2020). (Souza et al., 2021, p.6)

Sendo importante destacar que, a maior parte do contingente de docentes é feminino, a exemplo desta pesquisa que tem entre seus participantes apenas um homem e dezessete mulheres. Lembrando que as mulheres, em sua grande maioria, são responsáveis pelas tarefas domésticas no lar, tal fato nos leva a entender que essas mulheres, enfrentaram jornadas simultâneas de trabalho em casa. Pinho et al., (2021) nos lembra que apesar do trabalho durante a pandemia ter se tornado uma atividade extenuante e quase infindável independente do gênero “[...] a assimetria da distribuição das tarefas domésticas, do cuidado com a família e, principalmente, dos/as filhos/as permaneceu mais dramática para as mulheres, que continuaram sendo as principais responsáveis pela sua realização” (Pinho *et al.*, 2021, p.11).

Ou seja, podemos afirmar que o Ensino Remoto Emergencial afetou as mulheres docentes de forma mais particular e extenuante.

5.2.3 Resultados sobre a saúde física durante o ERE

Dos dezoito (18) professores participantes, doze (12) afirmaram que sua saúde física sofreu alterações durante o período investigado e seis (06) docentes afirmaram que sua saúde física não sofreu alterações durante o período investigado.

- Fatores que afetaram a saúde física

Dos doze (12) docentes que afirmaram que sua saúde física sofreu alterações no período investigado, um (01) não fez comentários. Os demais, afirmaram que sua saúde física sofreu alterações, apontando situações como crises de ansiedade, estresse, problemas psicológicos, insônia, aumento de peso, sedentarismo, necessidade de uso de medicamentos contra a ansiedade, entre outros. Depoimentos que trazemos a seguir.

[...] o fato de não mais locomover (bicicleta) ganhei peso e insônia. (Arlete)

[...] comecei a ter crises de ansiedade, dor no peito. Engordei 12kg. (Bianca)

[...] adquiri uns quilos a mais. (Celeste)

[...] pois fiquei com covid e também sem praticar atividades físicas no período que necessitava ficar em casa. (Elize)

[...] tive que fazer uso de medicação devido ao alto grau de estresse e ansiedade. (Gilda)

[...] ansiedade, estresse, dores pelo corpo. (Maria)

[...] ansiedade, fibromialgia, coluna... (Natan)

[...] muita ansiedade e medo de fracassar como docente neste período, afetando meu sistema imunológico. (Olímpia)

[...] deixei de fazer atividades físicas (academia, comida) (Pilar)

[...] medo de morrer e perder entes queridos, não fazia nenhuma atividade física pois não tinha coragem e ânimo. (Quitéria)

[...] meu psicológico ficou abalado por vários motivos onde tive picos de pressão alta. (Roane)

- Afetação negativa (contraponto)

Seis (06) docentes afirmaram que sua saúde física não sofreu alterações neste contexto, sendo que destes, apenas dois (02) docentes comentaram essa questão, como exposto a seguir.

[...] na verdade, foram dois anos tranquilos e menos cansativos que na sala de aula presencial. (Ilda)

[...] testei positivo para covid com sintomas leves. (Lenice)

Ao analisar as falas dos professores, inclusive dos que afirmaram que sua saúde física não foi atingida pelo ERE, percebemos que de alguma forma, em algum nível, em certa profundidade, essas vidas foram afetadas. Mesmo quando lemos o relato da professora Ilda, por exemplo, que gerou e concebeu seu segundo filho durante a fase do ERE, afirmou que este período foi o mais tranquilo se comparado ao trabalho presencial. Souza et al., (2022) compartilham conosco o entendimento de Franco et al., de que a função docente durante a pandemia se caracteriza por si só “[...] como trabalho precarizado e fonte de mal-estar [sendo importante ressaltar] que a precarização social do trabalho constitui uma marca estrutural do trabalho contemporâneo (Souza et al., 2022, p. 8), de tal modo que se fixou no ideário comum como requisito imprescindível ao trabalhador, atributo valioso para a empregabilidade.

Os excertos compartilhados pelas professoras Olímpia, Arlete, Bianca, Quitéria, por exemplo, traduzem o sentimento de ameaça constante vivenciado pelos professores no ERE, que resultou em afetações que se tornaram as mais variadas, com consequências físicas, emocionais e mentais. O estudo realizado por Fialho, Neves (2022) com professores de todo o país, atuantes em todos os níveis de ensino, revelou que os participantes “[...]foram unânimes em mencionar, com igual preocupação, os problemas físicos e psicológicos que o contexto pandêmico e a exigência do ERE estavam ocasionando” (p.14) situação igualmente evidenciada pelas falas de nossos participantes.

5.2.4 Resultados sobre saúde mental durante o Ensino Remoto Emergencial

Quatorze (14) professores afirmaram que sua saúde mental sofreu alterações neste período, enquanto quatro (04) professores afirmaram que sua saúde mental não sofreu alterações neste período.

- Professores que tiveram alterações em sua saúde mental neste período

Estes quatorze (14) participantes relataram diversas situações como crises de ansiedade, sentimentos de solidão, baixa autoestima, crises de choro, problemas familiares, dificuldades em conciliar trabalho e vida pessoal, por exemplo:

[...]pensei que ia morrer. (Bianca)

[...]me sentia triste achava que a pandemia não ia passar. (Celeste)

[...]ansiedade. (Diná)

[...]sentia-me mais ansiosa. (Elize)

[...]nesse mesmo período para aumentar o problema minha mãe também adoeceu e fiquei mentalmente, fisicamente cansada. (Gilda)

[...]não tinha horário para trabalhar, então não conseguia ter uma rotina. (Roane)

[...]a pandemia trouxe grandes reflexões sobre minhas prioridades e objetivos de vida. (Heleonor)

[...]sentia-me sozinha, sem motivação. auto estima baixíssima (passei por psicólogo nesse período). (Ilda)

[...]desenvolvi ansiedade, quadros mais fortes. (Jacira)

[...]ansiedade, estresse, muito choro. (Maria)

[...]ansiedade. (Natan)

[...]muita ansiedade, medo e insegurança. (Olímpia)

[...]fiquei mais ansiosa. (Pilar)

[...]medo de morrer e perder entes queridos. (Quitéria)

Os relatos dos professores mostram que a ansiedade foi a condição de maior incidência entre os participantes. A eles se juntam relatos sobre medo, desespero, solidão. No material compilado para referencial teórico desta pesquisa, encontramos os conceitos “tecnoestresse” e “afetariado” que nos auxiliam nesta investigação e na melhor compreensão dos resultados desta pesquisa.

Troitinho *et al.*, (2021, p. 3), ao buscarem em seu trabalho “[...] entender alguns impactos do trabalho pedagógico remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19 em variáveis associadas com sofrimento psicológico”, encontram em Holmes (2003) a nomenclatura ‘afetariado’. Esta é cunhada para designar os trabalhadores que sofrem as mazelas do trabalho digital sob os moldes do Capitalismo. Segundo os autores, a expressão “[...] aponta as formas pelas quais as violências do capitalismo ansioso e exagerado permeiam toda a vida consciente, inconsciente e não consciente” (Troitinho *et al.*, 2021, p. 05), como verificado nas falas dos professores sobre como sua saúde (tanto física, como mental) foi afetada pelo ERE.

A este cenário se acrescenta a definição “tecnoestresse” trazida por Pinho *et al.*, (2021) em seu estudo. Os autores esclarecem que o termo surgiu nos anos 80 para designar “[...] uma enfermidade de adaptação decorrente da baixa habilidade para lidar, de maneira saudável, com as novas tecnologias” (p. 11), em detrimento ao vertiginoso e crescente uso de tecnologias. Situação vivenciada pelos professores durante o ERE, conforme os relatos dos participantes.

O capitalismo e sua formidável peculiaridade adaptativa, explora e esgota todas as dimensões da natureza e da humanidade, não existindo fronteiras para tal. Afinal, os professores deste estudo trabalham em uma simples cidade do interior mineiro com pouco mais de 10 mil habitantes, conforme dados do Censo 2022.

5.2.5 Tratamento médico durante o Ensino Remoto Emergencial

Dez (10) professores informaram que passaram por tratamento médico durante o período do ERE e oito (08) professores informaram que não passaram por tratamento médico durante o período do ERE.

- Professores que passaram por tratamento médico durante o período do ERE

Estes 10 participantes relataram quanto a necessidade de apoio médico neste período. seus relatos se traduzem resumidamente, no uso de medicação controlada para ansiedade, tratamento psicológico e psiquiátrico, uso de antidepressivo, entre outros. Trazemos abaixo uma pequena amostra desses relatos:

[...] devido às fortes dores no peito, passei por exames do coração e foi diagnosticada ansiedade. Passei a fazer exercícios de controle de respiração. (Bianca)

[...] terapia, psiquiatra. (Diná)

[...] faço uso até hoje do medicamento sertralina pra diminuir a ansiedade. (Gilda)

[...] continuei com a minha terapia. (Heleonor)

[...] psicológico e pré-natal. engravidei e ganhei uma filha no período das aulas remotas. (Ilda)

[...] acompanhamento com psiquiatra. (Jacira)

[...] aumento do antidepressivo, remédios de hipertensão. (Natan)

[...] medicamentos para ansiedade. (Maria)

[...] acompanhamento com psicólogo. (Pilar)

[...] avaliação cardiológica. (Roane)

- Professores que não passaram por tratamento médico durante o período do ERE

Dos oito (08) professores que informaram que não passaram por tratamento médico durante o período do ERE, apenas um (01) fez comentário.

[...] faço um tratamento para reumatismo, mas já realizava antes da pandemia (Elize).

Como exposto nos dois tópicos anteriores, através dos relatos dos participantes, os professores tiveram sua saúde física e mental gravemente afetada durante o ERE. Desta forma, naturalmente, grande parte dos professores buscaram tratamento médico, sendo importante ressaltar que como grande parte das queixas foram referentes à ansiedade, os tratamentos médicos também foram voltados a esta enfermidade.

A excepcionalidade e complexidade do ERE significaram para os professores adversidades para além da aprendizagem e do uso dos aplicativos e aparatos tecnológicos. Administrar o planejamento e a execução das aulas, o atendimento a gestão da escola, o cumprimento de atividades burocráticas, a assistência aos alunos e às famílias são “[...] fatores, [que] em conjunto, podem produzir aumento do estresse, ansiedade, depressão, fadiga e alterações do sono (Associação Brasileira de Medicina do Sono, 2020).” (Pinho et al., 2021,

p.11). Ou seja, um cotidiano laboral já conhecido pelas características de sobrecarga mental e adoecimento, foi intensificado de forma inédita durante a pandemia no ERE.

Desta forma, a busca por ajuda médica se tornou imperativa, uma vez que no contexto pandêmico “[...] as exposições ocupacionais adversas se intensificaram (novas exigências, aumento da carga horária de trabalho, isolamento, ausência de apoio), afetando fortemente as condições gerais de saúde, especialmente a saúde mental e a qualidade do sono.” (Pinho *et al.*, 2021, p.12). Fatores evidenciados pelas respostas dos professores participantes deste estudo.

Os eventos relativos à pandemia de COVID-19 somados ao ERE, que interferiram, alteraram e modificaram as vidas das pessoas, como pode ser entendido pelos dados obtidos através dos questionários, exemplificam o termo cunhado por Bertaux (2010) como linhas quebradas. Segundo o autor, este termo ilustra os acontecimentos de menor ou maior escala que afetam as pessoas de forma irrefreável e coletiva, mudando o curso daquilo que era vivenciado, do até então planejado para o futuro. A seguir, no próximo item, este conceito será aprofundado nas análises das entrevistas.

5.3 Análise das entrevistas narrativas

A princípio, seriam selecionados para a entrevista três participantes a partir dos seguintes critérios: Um participante que respondeu no questionário ter interesse em participar da entrevista e que assinalou a opção “Minha motivação e/ou saúde não foram afetados pela pandemia”; um participante que respondeu no questionário ter interesse em participar da entrevista e que assinalou a opção “Minha motivação e/ou saúde foram pouco afetados pela pandemia.” e um participante que respondeu no questionário ter interesse em participar da entrevista e que assinalou a opção “Minha motivação e/ou saúde foram muito afetados pela pandemia.”.

Como a opção “Minha motivação e/ou saúde não foram afetados pela pandemia” não recebeu nenhum voto, optamos por escolher um participante votante na opção “Minha motivação e/ou saúde foram pouco afetados pela pandemia”, e dois participantes da opção “Minha motivação e/ou saúde foram muito afetados pela pandemia”, em razão desta opção ter recebido a maior parte dos votos dos participantes.

Fiz contato com as professoras selecionadas via Whatsapp e agendamos data e local das entrevistas.

5.3.1 Apresentação das professoras entrevistadas

A professora Heleonor tem 27 anos, mora com o marido há uma distância de 9km da escola onde trabalha. Formada em Pedagogia há 6 anos, tem especialização em Gestão, Inspeção, Supervisão e Orientação Escolar. Atua há 6 anos na Rede Municipal de Ensino de São Geraldo - MG sendo efetiva há 05 anos.

A professora Bianca tem 38 anos e mora há 300m de distância da escola onde trabalha. Bianca reside com marido e filhos. Formada há 16 anos em Normal Superior, com complementação em Pedagogia, ela tem especialização em Supervisão Escolar e Educação Ambiental. Atua há 6 anos na Rede Municipal de Ensino de São Geraldo - MG sendo efetiva há 04 anos.

A professora Gilda tem 57 anos e mora sozinha há poucos metros da escola onde trabalha. Formada no antigo Magistério e, posteriormente, graduada em Gestão de Projetos há 7 anos, tem especialização em Gestão de Projetos. Professora há 36 anos, sendo 30 anos como efetiva e 6 como contratada, na Rede Municipal de Ensino de São Geraldo - MG. Segundo Gilda, foram tantos anos dedicados à profissão que, ao se aposentar, ainda permaneceu como contratada pela dificuldade em se ver fora daquele espaço permanentemente.

Cada uma dessas professoras narrou sua experiência de vida durante o Ensino Remoto Emergencial, compartilhando conosco suas vivências e sentimentos. Orientadas pelo referencial teórico metodológico de Bertaux (2010, p.53) entendemos que “[...] não podemos compreender as ações de um sujeito, nem a própria produção dos sujeitos, se ignoramos tudo sobre os grupos dos quais ele/ela fez parte em algum momento de sua existência”. Desta forma, os excertos das narrativas destas professoras, são analisados sob os constructos teóricos linhas quebradas e domínios da existência, sendo este composto pelas: relações familiares e interpessoais (RFI), experiência da escola e da formação (EF) dos alunos, inserção profissional (IP) e emprego (E).

5.3.2 Experiências docentes no ERE

No primeiro momento das entrevistas, as professoras comentaram sobre como foi a experiência de trabalho no ERE. Elas apontaram questões como a complexidade da aprendizagem e uso da TDIC, a dificuldade de acesso dos alunos e familiares à aulas e materiais postados, maior burocratização do trabalho docente, a frustração que sentiram com

o contato apenas virtual com os alunos, a baixa participação dos pais e dos alunos nas aulas remotas, a constante angústia e sentimento de fracasso pela forma o ensino estava sendo realizado naquele momento. Para dar visibilidade aos excertos das entrevistas narrativas das professoras, preferimos utilizar um recuo de 1,5 cm, diferenciando esses dizeres das citações de autores utilizados nesse trabalho.

Por meio da narrativa abaixo, vemos que as dificuldades do contexto externo e a necessidade de se adaptar o mais rápido possível a um inédito modo de trabalho, foram acompanhados de solidão e angústia:

[...] inicialmente, nós não tínhamos noção do tempo que a gente trabalharia no remoto, como seria né? As exigências e tudo mais. Então, assim, essa questão emocional, essa parte que mais motiva o professor, isso eu não tinha[...] tudo ficou um pouco confuso e eu acho que foi confuso pra todo mundo porque igual eu tô te falando, as orientações não foram feitas assim: “vai ser desse jeito e pronto!” Elas foram mudando ao longo do tempo. Então assim, agora a gente fazia de um jeito, aí depois tinham outras mudanças (Heleonor).

Assim, diante de tantas inconstâncias, estive à cargo e responsabilidade dos próprios professores a organização e a execução do processo de ensino e aprendizagem durante o ensino remoto como evidenciado por Souza *et al.* (2020) em seus estudos. Tal questão, ganha contornos mais acentuados de sofrimento, ansiedade, estresse e adoecimento mental ao considerarmos que o lar dessas professoras foi literalmente invadido pelo trabalho, gerando conflito com a vida doméstica (Troitinho *et al.*, 2021).

A participação dos pais, sempre tão valiosa no processo de ensino/aprendizagem, se apresentou como mais um obstáculo a ser vencido durante o ERE principalmente, das famílias das crianças da educação infantil e da alfabetização:

[...] É...o que marcou pra mim, foi assim, a falta de ajuda, de interesse dos pais pra fazer as crianças participarem, né? Porque eu tinha uma lista de vinte alunos, compareciam quatro, cinco, seis, e aí vai desmotivando. A gente perde aquele interesse, aquela coisa, né? (Gilda).

É importante ressaltar que, da mesma forma que os professores seus familiares tiveram suas linhas de vida quebradas, seus alunos e familiares foram também afetados. Ou seja, ambos precisaram replanejar e reorganizar suas vidas em meio ao caos, tentando manter rotinas e compromissos. A dificuldade desses pais em tentar manter uma rotina com as crianças menores colidiu com as responsabilidades escolares dos filhos, lembrando que muitas vezes estes “[...] não são qualificados ou não dispõem de meios para esse novo papel. Outrossim, para os pais de alunos de menor faixa etária ou em condição especial, a exemplo

da educação infantil, os percalços são avolumados e o acompanhamento é ainda mais débil” (Fialho; Neves, 2022. p. 16). Salientamos que os alunos de Gilda eram do 1ºano da alfabetização.

Para Bianca, professora da Educação Infantil, um grande obstáculo foi o uso e o acesso às tecnologias, tanto em sua prática profissional, quanto por parte das famílias dos alunos:

[...] Porque por mais que a gente tenha um pouco de conhecimento com a tecnologia, você tem que aprender a mexer nesses aplicativos, a planejar as aulas e depois passar pro aplicativo, elaborar, colocar tudo bonitinho para a criança da forma mais simples possível para criança entender em pouco tempo. Porque os vídeos extensos são cansativos para as crianças e me deixou muito frustrada também, principalmente no início porque a maioria das crianças não tem acesso, não tinham acesso ao Whatsapp. A turma que eu dava aula tinha pouco acesso ao Whatsapp. Quando tinha o acesso, o acesso à internet era pouco, também. Não era um acesso ilimitado [...]. Então eu ficava, fiquei muito preocupada, ficava às vezes tensa porque não estava, eu não estava atingindo a todos. Em uma sala de aula no presencial, a gente não consegue atingir 100 por cento. Imagine no remoto? [...] Eu pensava: Como que eu vou fazer pra ajudar esses meninos? Como eu cheguei a atender aluno que não tinha internet, a família não tinha WhatsApp, só tinha telefone celular para fazer ligação, para receber [...]. Eu cheguei a ligar e fazer atividades com eles e explicando pelo telefone. (Bianca).

As adversidades enfrentadas pelos docentes no Ensino Remoto Emergencial, no que se refere às tecnologias de informação e comunicação, foi uma questão levantada pelos professores participantes do estudo de Fialho e Neves (2022, p.13), sendo esta, a “[...] dificuldade mais frequente apontada por todos os professores independentemente da etapa e do nível da educação”.

O desespero narrado por Bianca, de suas tentativas de fazer com que suas aulas chegassem a todos os seus alunos, nos dá uma amostra dos níveis de precarização e exaustão que o trabalho docente atingiu durante o ERE.

Troitinho *et al.* (2021) apontam em seus estudos que o trabalho remoto, o distanciamento do ambiente físico e afetivo do local de trabalho, podem ser entendidos como grandes responsáveis pelo sofrimento psicológico dos professores neste período. A urgência na obtenção de conhecimentos incomuns na profissão docente como produção/edição de vídeos e conteúdos para as redes sociais, são fatores que contribuem para a perda da identidade docente afetando igualmente os domínios da existência, das relações familiares e interpessoais (RFI), da experiência da escola e da formação (EF) e do emprego (E).

5.4 Pontos positivos do ERE

Talvez seja possível afirmar que todas as pessoas que viveram durante a pandemia de COVID-19, tiveram suas vidas afetadas. Ou seja, os principais domínios da existência foram em alguma medida atingidos e as linhas de vida quebradas.

Mesmo antes da pandemia a precarização, a intensificação e o adoecimento laboral que já faziam parte realidade dos professores brasileiros. Como pontuado por Fialho, Neves (2022) no país, o desprestígio dos professores se estende aos campos social e financeiro sendo importante destacar que, aqueles que lecionam para as crianças menores, ainda sofrem preconceito por esta ser tida no imaginário popular, como uma tarefa doméstica e feminina, isenta de qualquer tipo de conhecimento ou estudo.

Tal cenário, somado a imposição repentina do ERE, a precariedade e falta de preparo tecnológico, comprometimento apenas dos professores pelos resultados do ensino remoto, são alguns exemplos dos eventos que acentuaram a precarização do trabalho docente no ERE.

Contudo, alguns profissionais vislumbram um futuro diferente, algo de positivo no ERE:

[...] Eu acho que nós professores, a gente percebeu a nossa importância, mas não só nós. Eu acho que o mundo inteiro, as famílias, sentiram falta do professor, acho que pela primeira vez na história, ficou muito nítido o quanto a escola fazia falta (Heleonor).

[...] Os pais passaram a valorizar mais o professor, reconhecer mais o trabalho do professor. Eu pude ver o reconhecimento dos pais para com os professores foi muito grande. Eu falo pelo que eu presenciei, pelo que eu vivi, tá, foi muito grande. Eu não posso reclamar, foi grande, foi um reconhecimento assim...teve esse lado positivo dos pais, porque antes da pandemia, a maioria dos pais não valorizava os professores, não davam valor ao professor achavam que era fácil, que estava ganhando, que era só aquilo ali e não é gente! [...] Pessoas em que não tem filhos na escola, falando que o professor tava ganhando dinheiro à toa. Isso eu ouvi de uma pessoa que eu virei pra ela e falei assim: - Se quiser ficar no meu lugar, fica à vontade, vai lá! Ela calou na hora! Eu disse assim: - Fica no meu lugar, pode ir. Você acha que eu tô...sabe? Mas assim houve, igual eu falei, dos pais das turmas que eu trabalhei. Então eu não posso reclamar. Mas houve pais assim, que falaram: Ah! professor tá ganhando dinheiro à toa, tá muito bom! Tá ganhando dinheiro à toa. Isso aí houve! (Bianca).

Em seu estudo, também com professores durante o ERE, Souza *et al.*, (2022, p. 12) identificam nos registros das cadernetas de seus participantes trechos nos quais, apesar das aflições e turbulências, estes também registraram “[...]sentimentos positivos, alusivos tanto à relação com os alunos(a)s, tida como “sempre revigorante”, quanto à valorização e apoio recebidos pelos familiares das crianças”.

Os autores encontram em Canguilhem (2012) caminhos para a compreensão deste fato, entendendo que tal perspectiva se trata de um ininterrupto movimento de ressignificação dos acontecimentos, em uma forma de autopreservação de si e de sua saúde.

Para Gilda, um ponto positivo do ERE foi ter vencido o medo e aprendido a usar as ferramentas digitais:

[...] Foi eu aprender assim na marra, porque ninguém ensina ninguém, É...a gravar minhas aulas assim ao vivo, eu ali gravando junto com eles eu tive que aprender...eu botava duas latas e um vidro em cima e embaixo colocava o celular embaixo e a minhas mãos, mexendo com o que eu queria que o menino aprendesse ali. Porque eu não sei mexer em celular, não sei mexer em câmera. Aí eu tive que aprender isso na marra. Como é que ele ia aprender aquilo lá? Eu colocar uma coisa só escrita e ele não tá me vendo? (Gilda)

A falta de orientação e preparo por parte das gestões, o custeio próprio da aquisição de aparelhos para o trabalho remoto, somados a pouca intimidade com as novas tecnologias, foi uma adversidade singular, enfrentada no ERE pelos professores com décadas de sala de aula. Este cenário é destacado por Souza *et al.*, (2021, p. 7) que acrescentam o fato de ser “[...] um universo que exige o estabelecimento de novas relações de comunicação que inclui, além da aquisição de um novo glossário de palavras e expressões” o desenvolvimento de novas aptidões pertinentes à nova realidade de ensino-aprendizagem.

As vivências narradas pelas professoras evidenciam como eventos alheios à sua vontade afetaram seus domínios da existência de experiência da escola e da formação (EF), do emprego (E) e das relações familiares e interpessoais (RFI). Sobre este Bertaux (2010, p.53) esclarece que:

[...] uma pressão se exerce sobre cada membro de um pequeno grupo humano para que ele/ela adapte suas condutas às expectativas compartilhadas pelos outros membros. Não podemos compreender as ações de um sujeito, nem a própria produção dos sujeitos, se ignoramos tudo sobre os grupos dos quais ele/ela fez parte em algum momento de sua existência.

Em suma, o ERE atingiu a vida dos professores através do trabalho, mas com efeitos em todas as demais áreas da vida.

5.5 Desafios do Ensino Remoto Emergencial

5.5.1 Vida doméstica x vida laboral

Os relatos das professoras sobre suas vivências no ERE, frequentemente trazem situações que demonstram como seus lares e intimidade foram invadidos, o que asseverou mazelas já existentes, bem como, criou novas formas de sofrimento mental, intensificação e precarização do trabalho.

[...] Então, em 2020 eu ainda não era casada, né? Eu fui casar no final do ano de 2020. Então eu passei o período todo, desse ensino remoto, na casa dos meus pais. Então, como na casa de meus pais, minha mãe fazia um almoço, jantar e tal, eu ficava só naquilo [...]. Então, assim, era só isso. Então, ter contato de ficar batendo papo, assistindo televisão, aquela coisa não, não tivemos isso, entendeu? Final de semana, também fazia coisas. Eu lembro que eu namorava e tal, o meu namorado tava lá na minha casa e eu tava fazendo documentação (Heleonor).

[...] A escola foi para dentro da minha casa e não tinha jeito. Eu não tinha hora pra atender e isso foi um erro meu, não determinar. Mas infelizmente se a gente quer dar o melhor da gente, tem hora que não tem como, não tem como fugir. É o que eu falei antes, como que eu vou...o menino vai assistir a minha aula, se no momento ele não pode tá com o celular? Ele vai pegar o celular sete horas da noite que a mãe chega em casa. [...]É a hora que eu dou janta pras minhas crianças, que eu tô arrumando, terminando a janta. Aí, nessa entra o marido para ajudar. Ele que ia dar a janta. Ele não reclamou de tá me ajudando nesse sentido, não. Quem reclamou foi a minha mãe. Falei assim: - Oh mãe! Não tem como! (Bianca).

[...] Tinha o alfabeto que era pregado na parede da minha cozinha, tinha o número que eu ia cantando com eles. [...] Eu fazia os cartazes e essas coisas...quando eu ia fazer, lançar uma, uma letra nova, eu fazia um cartaz, fazia o traçado todinho no vídeo tudo direitinho. Pegava, por exemplo, quando era pra fazer números e quantidades, eu pegava até biscoito. Pegava o biscoito, botava ali debaixo, colocava qual era o numeral correspondente. Tinha que bolar qualquer atividade pra aprender (Gilda).

O espaço/tempo no ERE assumiu contornos particulares uma vez que trabalho e família passaram a coexistir no mesmo espaço físico em razão da quarentena estabelecida pelo alto poder de contágio do vírus causador da COVID-19. A sala e a cozinha se tornaram sala de aula. Como apontado por Souza et al., (2022, p. 10) “[...]a emergência de novas formas de organização do trabalho docente, com o acúmulo e a interação entre trabalho doméstico e profissional, suscita angústia, insegurança, culpa, ansiedade e cansaço excessivo.” Tarefas domésticas e convívio familiar tentando ser conciliados com planejamentos, reuniões pedagógicas, atendimentos aos alunos e famílias, produção e edição de vídeos, aulas virtuais entre outros inúmeros afazeres, situações que evidenciaram ainda

mais as desigualdades de gênero, uma vez que o contingente de professoras é muito maior que o de professores. Os antagonismos narrados pelas professoras mostram a experiência conflituosa gerada pelo ERE que afetou diretamente os domínios da existência do emprego e das relações familiares e interpessoais criando novas dinâmicas.

Para Souza et al., (2021, p.7) “[...]além dos desafios até então observados nesse contexto excepcional de trabalho, dividi-lo em um espaço exclusivamente doméstico tornou ainda mais relevante a problematização das relações sociais de gênero”. Afinal, essa coexistência não se dá de forma harmônica uma vez que mulheres enfrentam duplas ou até triplas jornadas de trabalho considerando-se o trabalho profissional e o trabalho doméstico. Tais constatações apontam para as desigualdades relacionadas à divisão sexual e social do trabalho.

5.5.2 Carga horária de trabalho

O tempo físico e o tempo subjetivo foram apreendidos diante de tantas exigências que modificavam constantemente, como é possível identificar na narrativa de Gilda, Bianca e Heleonor:

[...] Olha, além das quatro horas que eu teria que ficar com eles, assim ao vivo, ele fazendo uma atividade, fora isso, ainda tinha mais um tempo de horas que eu tinha que preparar essa aula. [...] Oh, minha filha! Para eu bolar isso, tinha noite que eu perdia o sono. Perdendo o sono para poder pensar: o que que eu vou fazer com esse menino, gente? O que que eu vou dar a manhã de aula para esse menino não faltar, no remoto? (Gilda)

[...] Mais horas do que no presencial. Muito mais. Porque a gente já levantava, eu já levantava de manhã indo dar aula, porque eu tenho dois cargos. Eu já levantava já tinha alguém para me ajudar com os meus filhos, já entrava no meu quartinho e já ia dar aula [...]. Então, dava mais ou menos umas quatorze horas por dia no mínimo. Isso é quando você não tinha que gravar cinco, seis vezes o vídeo pra ficar bom. Teve uma época que o Whatsapp não estava aceitando o vídeo todo mais. A gente tinha que reduzir ao mínimo ou então compactar. E aí, até a gente descobrir qual aplicativo para compactar o vídeo para não perder a qualidade... ah! muita burocracia, muito difícil! Foi difícil, sabe? (Bianca)

[...] Foi muito difícil para mim, por exemplo, criar uma rotina de trabalho. Não porque...no meu caso, não foi aquela coisa assim: “Ah! Eu tenho que sentar e eu não consigo sentar pra fazer.” Não, pelo contrário. Eu não conseguia sair daquele trabalho ali. Era como se, aquilo que deveria ser horas do meu dia, passou a ser o dia todo. E assim, é claro que o professor sempre tem algo a se fazer em casa. Mas eu sentia assim que...como tinha essas mudanças, eu mudava naquele momento e tinha aquelas datas pra entrega então, quando eu via, eu tinha passado muito tempo no trabalho[...]. E aquilo ali fez com que eu ficasse apenas entre eu e o computador. E isso foi angustiante [...]. Eu cheguei a ponto, a pensar assim: ‘Gente, a graça do meu trabalho se perdeu’. Porque foi...parecia que eu era uma secretária assim, tipo uma pessoa que tava só na burocracia. [...] Então eu trabalhava um horário no sentido de tipo,

você só tem um cargo. Mas quando eu via, eu trabalhava o dia todo e à noite, e tinha vezes que até madrugada porque você tinha que rever documentos, você tinha que rever relatórios. Eu ficava, já fiquei até sete e meia, oito horas. Às vezes eu parava, recebia uma mensagem assim: “Ah! O documento tal não sei o que. Precisa que vocês mandam isso e isso.” Aí eu ia lá no computador e mexia de novo. Então se for analisar, era muito mais do que onze horas. Era muito mais do que eu trabalharia dois horários e faria alguma coisa em casa, se for analisar (Heleonor).

O ensino remoto não inaugurou as vivências dos professores de trabalho precarizado, intensificado, propiciando situações de adoecimento laboral. Contudo, se faz imprescindível entender a profundidade e as características deste no contexto no ERE.

As narrativas das professoras encontram consonância com os dados obtidos pela pesquisa de Fialho e Neves (2022), que identificaram o aumento nas exigências burocráticas dos professores da educação básica. Os docentes participantes do estudo também “[...] mencionam que o grau de dificuldade e a jornada de trabalho foram acentuadas, não havendo limites entre trabalho e descanso semanal remunerado” (Fialho; Neves, 2022, p.17).

Assim, é possível interpretar que a percepção do tempo decorrido se perde diante de tantas tarefas a serem realizadas, alunos a serem atendidos, reuniões pedagógicas agendadas, documentações a serem preenchidas e refeitas, vídeo aulas sendo planejadas e produzidas, pesquisas por novas ferramentas digitais e aplicativos para serem usados, conexão à internet instável ou lenta durante às atividades. Sendo importante lembrar que a este cenário, acrescentam-se as exigências domésticas e afetivas dos lares físicos destes profissionais, invadido e exposto a toda essa turbulência.

As características precarizantes e excludentes do ensino remoto não são inéditas para os estudiosos do mundo do trabalho. Em sua pesquisa sobre o estresse de docentes, a ansiedade e o afeto no ensino remoto, Troitinho *et al.* (2021) apresentam estudos de diversos autores (Antunes, 2010; Antunes; Praun, 2015; Berardi, 2009; Filgueiras; Antunes, 2020) que falam sobre novas formas de divisão do trabalho, agora com atenções voltadas para maior apreensão da vida mental e emocional do trabalhador. Neste sentido, retomamos o vocábulo ‘afetariado’ cunhado por Holmes (2003), trazido por Troitinho *et al.* (2021, p. 5), os quais designam

[...] ‘insegurança não-autodeterminada’ no trabalho e na vida com acesso inseguro aos meios para sobreviver ou prosperar. Ao contrário das limitações socioeconômicas de um termo como ‘preariado’, o termo ‘afetariado’ aponta as formas pelas quais as violências do capitalismo ansioso e exagerado permeiam toda a vida consciente, inconsciente e não consciente.

Por meio do vocábulo afetariado, utilizado por esses autores, é possível compreender como constantes inseguranças e ansiedade no por vir geram um constante estado de expectativa para o futuro, sempre alerta, estando o trabalhador sempre atento e disponível às inúmeras possibilidades futuras.

A estas considerações, adiciona-se o entendimento de Souza *et al.* (2022, p. 6) acerca da efemeridade do tempo durante o ensino remoto no qual “[...] os docentes possuem horários flexíveis que intensificam a jornada de trabalho, não havendo diferença entre o tempo de trabalho contratado e o sobretrabalho não pago”. Assim, entende-se a impossibilidade de organização e cumprimento de tarefas domésticas e laborais no contexto estudado, uma vez que eles naturalmente concorrem entre si exacerbando a sobrecarga doméstica e a intensificação do trabalho profissional.

5.5.3 Saúde física e mental

Mediante a tantas vivências conflituosas, desgastantes e estressantes, a saúde mental e emocional dessas profissionais sofreu impactos. Alguns desses impactos podem ser evidenciados pelos fragmentos das narrativas abaixo:

[...] Eu engordei oito quilos, eu tive crise de ansiedade que eu achei que eu ia morrer. Eu chorava e essa crise de ansiedade foi naquele mês de julho, naqueles quinze dias daquele recesso de julho. Eu acho que foi acumulando tanto, tanto, tanto e a gente mesmo a gente tendo esses quinze dias, a gente pensa: O menino aprendeu? Ele não aprendeu! Não tem como, é muito complicado a criança aprender à distância. [...] A crise de ansiedade que eu dei, a dor no peito, eu achei que tava infartando. Mas eu dei uma dor no peito tão forte e a dor no braço esquerdo. Eu disse: meu Deus do céu! Agora eu morri mesmo! E aí eu comecei a chorar e o meu marido ficou desesperado e correu comigo pro posto de saúde. Eu sei que eu cheguei no posto de saúde umas dez e meia...eu saí de lá meia noite, uma hora da manhã. Fiz eletro, médico falou assim: - Não é nada, mas amanhã você volta. Aí passou os exame. Passou o remédio Fluoxetina só que eu nunca tomei, porque eu falei assim: Eu não vou tomar remédio. Deus vai me ajudar que eu vou tentar controlar sem remédio e toda vez que eu que eu tô ansiosa, eu começo dá alguma dor no peito, eu já paro, falo: não gente, vou parar. Porque, sabe quando você tenta tirar tudo da sua mente? E começar a respirar fundo para acalmar e esquecer daquilo? Eu preciso fazer isso se não, eu vou passar mal, aí passa. Mas é difícil tá? É triste (Bianca, grifos nossos).

[...] *tinha noite que eu perdia o sono.* Perdendo o sono para poder pensar: o que que eu vou fazer com esse menino, gente? O que que eu vou dar a manhã de aula para esse menino não faltar no, no, no, no, no no remoto lá? [...] O que que eu ia fazer no dia seguinte? Aí eu acordava, pensava, corria lá no caderno, escrevia. Porque senão no outro dia eu ia esquece. Escrevia o que que era mais ou menos, pronto! Aí voltava, tentava dormir novamente. [...] *Ah, tive! Muita ansiedade. Ansiedade, um princípio de depressão. Eu tive, eu tive que procurar psicólogo. Eu tive que procurar o médico para me, me dar uma medicação porque eu estava muito ansiosa, com medo de não dar conta, certo?* (Gilda, grifos nossos).

[...] porque gente, *não sou mais a mesma pessoa, antes da pandemia. Ninguém é mais a mesma pessoa. E eu não sou a mesma pessoa, nem é no sentido de ser humano e nem como profissional.* [...]Então assim, na pandemia como eu tive que cuidá do meu emocional porque senão a gente ia ficá doído com aquilo tudo, né? A gente precisava pensar muito nisso e o trabalho também era muito exaustivo, eu pude, olhar e falar: “Eu preciso cuidar disso, eu preciso olhar pra mim, porque eu olhando para mim eu tô olhando pro meu aluno [...]. *A gente se sentia, muita das vezes, inseguro.* Porque tá fazendo algo novo, algo que não dominava. É, muitas das vezes se sentia com medo porque, será que isso vai ser, vai chegar a quantos alunos aquilo? E medo também, porque era tudo muito...você tinha que tê muito cuidado, cê tava lidando com uma rede social, você estava lidando com uma plataforma que não só os seus alunos iriam vê, mas todo mundo. Então você teria que ter um cuidado até na forma...tudo assim, na forma de explicar. Digamos que, sabe aquele...é aquela liberdade aquela naturalidade, pra dar aula? Aquilo não tava existindo [...]. *É...muito cansada. Então eu acho que o cansaço, aquela exaustão emocional e física, fazia com que você fizesse também...parece assim, que chegava no final, você tava se arrastando, né?* E... e aquela instabilidade de que: será que tudo que eu tô fazendo agora vai ser validado? Como que vai ser? Como mudava muito, *essa instabilidade era muito grande. Isso gerava ansiedade, estresse.* Nossa! eu acabei de fazer isso aqui. Não, mas não é isso aqui mais. Nossa, dava um estresse, sabe? Dava aquela ideia assim: Nossa! o que eu fiz então foi inválido! [...]. Ah! uma coisa que aconteceu muito comigo nesse período, foi que, eu sou perfeccionista, né? Eu gosto das coisas certinhas, e como os documentos, eles tinham que estar sempre muito corretos, aquela coisa toda, eu...eu ficava com aquela ânsia de que eu tinha que conferir várias vezes aquele mesmo documento. *E isso foi gerando, algo que em terapia, eu falei assim: Eu preciso parar de ficar conferindo desse jeito[...]. Então chega uma hora que eu falei: Preciso pará! Porque se não, isso vai desenvolver um TOC em mim. E eu não queria desenvolver um distúrbio, alguma coisa, um TOC e tal* (Heleonor).

As narrativas acima demonstram que ansiedade, insônia, taquicardia, exaustão física, exaustão mental são algumas das queixas das entrevistadas, consequências do ritmo desgastante de vida e trabalho durante o ERE. O nível de apreensão, insegurança, medo de fracasso e frustração chegou a afetar não somente os dias, mas também as noites dos professores trazendo implicações quanto a qualidade do sono e conseqüentemente, a qualidade de vida destes profissionais.

Souza *et al.*, (2022, p.11) verificaram em seus estudos repetido número de professores que relataram sono de má qualidade “[...] o que influencia o estado de saúde, qualidade de vida e capacidade para o trabalho”. Afetando demais áreas da vida pessoal e profissional destas pessoas, aumentando o cansaço, a fadiga, principalmente a irritabilidade e hiperestimulação, já favorecidos pelo uso contínuo de telas.

Para além disso, questões ligadas ao adoecimento do trabalhador docente, já eram denunciadas e investigadas antes do ensino remoto, que aprofundou diversas mazelas relacionadas a saúde física e mental destes profissionais, como apontado por Pinho *et al.* (2021, p. 3), ao se embasar em outros estudos sobre este tema:

Mesmo antes da pandemia, dados de estatísticas oficiais e vários estudos apontavam o agravamento de problemas de saúde entre docentes, com destaque para os transtornos mentais, distúrbios musculoesqueléticos e vocais (Araújo; Pinho; Masson, 2019). Diversos estudos evidenciaram elevado adoecimento mental nos diferentes níveis educacionais de atuação (Campos; Vêras; Araújo, 2020; Pinho, 2018; Souza *et al.*, 2021) Assim, a vivência da situação de pandemia, na qual emergem novas demandas e exigências, soma-se a esse contexto prévio de vulnerabilidades na condição de saúde docente.

Vale ressaltar que a forma improvisada e abrupta como se deu a adaptação dos espaços, até então domésticos, para abrigar por tempo indeterminado as salas de aulas virtuais, também incidu sobre a saúde mental, física e ergonômica dos professores. A ausência de medidas e ações governamentais que fomentassem o mínimo de condições materiais para que esse trabalho fosse realizado, ratifica a crença popular da docência, principalmente na educação infantil e no ensino fundamental I, como atividade doméstica, feminina, desprovida de ciência, sem necessidade de estudo.

Esta constatação, somada aos itens já discutidos, corroboraram o desprestígio social e a precarização do trabalho docente causando efeitos na saúde mental dos professores. Segundo dados de Pinho *et al.* (2021) os transtornos mentais comuns, referentes aos diversos tipos de ansiedade e depressão, identificados em 74,6% dos professores da educação infantil e 74,1% do fundamental I sendo as maiores incidências nos docentes sem preparo para o uso da TDIC, com grande responsabilidade doméstica e possibilidade de perder o emprego.

Troitinho *et al.* (2021, p. 15) reiteram estas constatações trazendo os dados de sua pesquisa que apontam que a vivência da docência virtual remota, acarretou o aumento na incidência de

[...] sentimentos de ansiedade (caracterizado, no IDATE, por fadiga, preocupação excessiva, indecisão e sentimentos de tristeza), afeto negativo (caracterizado por sentimentos de angústia, insatisfação e medo) e estresse percebido (sentimentos e cognições de um indivíduo sobre quanto estresse está sofrendo).

Assim, é possível inferir que o ERE, além de ocupar a intimidade familiar destes profissionais e de suas famílias, invadiu a saúde física e mental destes trazendo transtornos e adoecimento, sendo importante destacar que a abrangência desses efeitos danosos, coincidem nos professores de todo o país.

5.6 Motivação docente e pandemia no dizer das entrevistadas

Mediante uma realidade tão extenuante e desgastante, a motivação dos professores também foi atingida pelas mazelas do contexto pandêmico e pela excepcionalidade do ensino remoto, como é possível deduzir dos excertos das narrativas de Gilda, Heleonor e Bianca, abaixo selecionados.

[...]Ah...muito desmotivada, muito assim...sem interesse mas tinha que fazer porque do jeito que estava, não podia ficar. E assim, você tem que gostar muito e essa falta de presença, de corpo a corpo, de abraçar menino, de beijar menino, isso me faz muita falta, porque isso é meu, é de mim, entendeu? [...] Parecia que meus braços estavam atados e eu não conseguia ir pra frente. Não por, por mim, por eu, pelo, pela minha vontade de ensiná-lo, mas por ele que não tinha capacidade de, de ir além como deveria, como deveria ir. [...] Foi um sentimento de frustração. Eu me senti frustrada porque eu tinha uma bagagem pra ensinar e eu não, não pude passar esse, esse, esse conhecimento para ele. Eu passei o que, o que, dava para ser passado ali, não é? Eu não consegui passar para ele um... você tem que...você tem que respeitar seu coleguinha, você não pode bater no seu colega, você não pode jogar lixo no chão. Então isso isso ele não teve. Entendeu? Isso ele não teve. Então a gente fica frustrado, a gente fica impotente, se sente impotente num cenário desses. Você se sente totalmente impotente. Parece que o que você fez, da bagagem que você tem, não valeu de nada. Não valeu de nada (Gilda).

[...] Eu falo que na Pandemia, eu tive um momento de medo e tudo mais, mas foi um momento que eu pude falar assim: “Heleonor, a vida é muito breve, você não sabe que catástrofe vai acontecer, o que que pode acontecer”. Então assim, o trabalho é importante, mas ele é parte de você. Ele é parte de parte de você, ele não é só você inteirinha, ele é só uma parte de você.[...]Então, eu acho que me fez pensar não só sobre o meu trabalho, mas sobre a vida em si, né? O que que eu tô fazendo com o meu tempo? Que que eu tô fazendo com as pessoas que estão à minha volta, sabe? [...] É..eu preciso não só me dedicar como eu me dedicava antes, mas agora eu preciso me dedicar assim...muito mais, porque eu tô recebendo uma criança que vivenciou dois anos traumáticos. Como o emocional dele tá? Então, assim, eu preciso tá bem emocionalmente pra ele está também. Isso já era uma realidade, mas agora muito mais (Heleonor).

[...] A gente fazia, dava o melhor da gente. Mas a gente já pensava nem todos vão ter o acesso. Porque já aconteceu casos de a gente a abre o grupo do WhatsApp ninguém comenta nada, ninguém fala nada, aí você se sente uma inútil. Você teve... como trabalha dois horários, a gente tem duas...e você fala assim: Gente tô fazendo papel de boba. Ninguém responde nada. Ou aí eu passei a pensar por outro lado. Não gente, eles não estão tendo acesso, apesar que eu sabia que tinha pessoas que poderiam ter acessado e não acessavam. Falei assim: Não, eles não estão tendo como acessar. Pensar assim me deixava mais confortável, saber que eles não estão tendo condições agora (Bianca).

A resiliência com a qual essas profissionais encaram as adversidades, muitas vezes infligidas sobre seu cotidiano, é um ponto de atenção a ser discutido. Observando as narrativas das participantes, identificamos diversos momentos nos quais elas relatam alguma dificuldade externa, alheia à sua vontade ou poder de decisão, em que, ao mesmo tempo, se responsabilizam pelo ocorrido.

Os sentimentos de fracasso, frustração, inutilidade, são amenizados pela mobilização de novas formas de encarar os acontecimentos, definindo outras tentativas de abordagem e possíveis soluções do problema em questão. Interessante ressaltar que, no geral, essas mobilizações ocorrem de forma particular, solitária, algo como subentendido, quase que inerente à profissão, distante de ações que envolvam o coletivo. Esta situação foi acentuada pelo ERE diante do isolamento social e laboral, favorecendo questões ligadas à perda de identificação docente enquanto classe trabalhadora e sujeito pertencente a um grupo social.

Para nos auxiliar na compreensão deste comportamento, Souza *et al.* (2021, p. 9) apontam que

[...] quanto às resistências de caráter individual, o desenvolvimento de diferentes estratégias de defesa da saúde pelos docentes podem representar uma forma de amenizar o sofrimento frente às situações e condições do trabalho remoto. Essas estratégias de proteção à saúde possibilitam a transformação e mudança da percepção que os trabalhadores possuem da realidade, sobretudo aquelas que podem causar sofrimento. São respostas da relação subjetiva com as pressões patogênicas.

Essa percepção naturalizada de ter a responsabilidade por eventos que extrapolam sua profissão, de ter alguma forma que possa solucionar ou ao menos amenizar questões como falta de materiais de limpeza na escola, falta de merenda, por exemplo, ou situações que envolvam os alunos, pode estar relacionada a uma visão da docência como atividade vocacional e sacrificial.

Segundo Souza *et al.* (2021, p. 10), no estudo de Balinhas *et al.* (2013), anterior à pandemia, “[...] obteve-se como resultado imagens da docência produzidas pelos discursos de professore(a)s, dentre as quais destaca-se a imagem do magistério como sacrifício”. Tais dados apontam que a motivação dos professores participantes deste estudo, pode ter sido influenciada pela normalização dos eventos adversos à profissão enfrentados no ensino remoto, como forma de enfrentamento, ressignificando as adversidades, criando novos mecanismos de autoproteção.

Tal forma de enfrentamento da realidade, tende a favorecer o adoecimento mental e físico destes profissionais, sendo urgente o entendimento dos próprios professores de sua condição de profissional criando limites e ações que libertem a profissão e seus profissionais da visão cuidadora, feminina e doméstica. O ensinar é, em primeira instância, um ato entre humanos, envolto em amorosidade, afetuosidade e cuidado. Mas também, uma ciência, profissão remunerada, que tem sua função social e limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar compreender os efeitos do Ensino Remoto Emergencial sob o ponto de vista dos docentes de escolas públicas do Município de São Geraldo, os resultados obtidos pelos questionários e pelas entrevistas, evidenciaram questões como dificuldades dos professores em aprender, usar e acessar as ferramentas digitais, bem como as instabilidades no acesso à internet. A baixa participação dos pais e dos alunos nas aulas remotas, no acesso aos materiais pedagógicos e as precárias condições de acesso à internet, foram contratempos também relatados pelos participantes. Maior burocratização do trabalho, extensa e intensa carga horária de trabalho remunerado e doméstico, dificuldades em conciliar vida profissional e doméstica. A frustração com o contato apenas virtual com os alunos, a constante angústia, ansiedade e o sentimento de fracasso pela forma como o ensino estava sendo realizado naquele momento, foram vivências relatadas pelos professores.

Diante de uma experiência tão conturbada, crises de ansiedade, depressão, angústia, qualidade de sono ruim, estresse, fadiga, sentimentos de insucesso e incompetência foram uma constante no cotidiano dos professores durante o ERE. Contudo, para alguns docentes, as atribuições vivenciadas pelo contexto pandêmico e pelo ERE, fizeram a sociedade em geral lembrar da importância dos professores na educação formal, retomando certo prestígio à profissão. O imprevisto do lar para se tornar uma sala de aula, a mobilização dos familiares para auxiliarem nas gravações das aulas e produção de conteúdos, o desejo de fazer o melhor possível pelos alunos, beirando a uma certa autorresponsabilização inexorável pelo fracasso ou sucesso escolar dos alunos, foram os efeitos do Ensino Remoto Emergencial identificados na saúde e na motivação docente dos sujeitos da pesquisa.

Neste sentido, através do referencial teórico metodológico de Bertaux (2010) foi possível narrar esses efeitos conforme a história vivida por esses sujeitos, dando-lhes a oportunidade de também serem ouvidos por outras inúmeras pessoas que leiam este trabalho.

Ao analisar as narrativas docentes, de modo a produzir novas compreensões sobre a temática em estudo, esta pesquisa, para além dos seus objetivos acadêmicos, cumpriu sua função social, política e científica de denunciar mas também de anunciar os efeitos do Ensino Remoto Emergencial na saúde e na motivação docente dos professores de um pequeno município do interior mineiro, do qual vimos repetidas vezes coincidir com dados de outras pesquisas nacionais.

As descobertas e confirmações trazidas por essa pesquisa não findam em si mesmas. Ao contrário, precisam fomentar diversas outras investigações sobre outras diferentes perspectivas dos efeitos e consequências do ERE, na saúde física, na saúde mental, na qualidade do sono, na vida pessoal, na vida profissional, na motivação deste enorme contingente de trabalhadores espalhados pelo país, seja durante o ensino remoto, seja no retorno ao ensino presencial.

É necessário ir além de pesquisas e falas que adormecem nas bibliotecas físicas e virtuais, tecer o esclarecimento para consciência do que é pertinente ao professor e à amorosidade inerente à profissão. Entender que esta difere dos abandonos governamentais, da crescente ausência de políticas sociais que recaem nas escolas que atendem os filhos da classe trabalhadora, sobrecarregando, responsabilizando, adoecendo física e mentalmente seus trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. Trabalho docente e modelos de formação: velhos e novos embates e representações. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, p. 427-443, Mai/Ago. 2010.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BH tem atos a favor e contra a volta às aulas presenciais neste domingo: Enquanto protesto na Praça da Liberdade pedia o retorno das atividades presenciais, sindicatos se posicionavam contra a medida em carreata. **Super Notícia**, 20/09/2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/cidades/bh-tem-atos-a-favor-e-contr-a-volta-as-aulas-presenciais-neste-domingo-1.2387717> Acesso em 21 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **PORTARIA Nº 188, DE 3 DE FEVEREIRO DE 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388> Acesso em 02 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Primeiro caso de Covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro> Acesso em 02 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Prova Brasil** - Apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil> Acesso em 02 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Galeria de ministros. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/galeria-de-ministros> Acesso em 20/07/2022.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 2012.

ENTREGADORES de aplicativos fazem manifestações pelo país. **G1.Globo**, 2020.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/01/entregadores-de-aplicativos-fazem-manifestacoes-pelo-pais.ghtml> Acesso em 27 set. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOVERNO de SP confirma volta às aulas presenciais para 7 de outubro; rede estadual vai priorizar ensino médio. **G1.Globo**, 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/18/governo-de-sp-vai-priorizar-ensino-medio-na-volta-as-aulas-em-7-de-outubro-na-rede-estadual-fundamental-voltara-em-3-novembro.ghtml> Acesso em 24 set. 2020.

GOVERNO do RS publica decreto com cronograma para volta às aulas presenciais a partir do dia 8. **G1.Globo**, 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/09/06/governo-do-rs-publica-decreto-com-cronograma-para-volta-as-aulas-presenciais-a-partir-do-dia-8.ghtml> Acesso em 08 set. 2020.

GRAZINI, Mariana. Mães e pais de alunos protestam contra o fechamento das escolas em São Paulo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 de ago. de 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/maes-e-pais-de-estudantes-protestam-contr-a-o-fechamento-das-escolas-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em 08 set. 2020.

KUENZER, Acácia Zeneida; CALDAS, Andrea. Trabalho docente: comprometimento e resistência. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M.; FIDALGO, Nara.

FIALHO, L.M.F.; NEVES, V.N.S. Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, p. 1-23, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/F9qCnFrgWnhtkpgjpZcpSfS/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MECHELN, Morgana Zardo von; VIGANO, Samira de Moraes Maia; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Educação no Modo de Produção Capitalista: as influências sofridas pelo sistema. *Estação Científica UNIFAP*, Macapá, v. 6, n. 3, p. 51-61, set./dez. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/2861/morganav6n3.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

Minas Gerais libera volta às aulas presenciais em parte do estado. **Correio Braziliense**, 2020. Disponível em:

<https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2020/09/4877395-minas-gerais-libera-volta-as-aulas-presenciais-em-parte-do-estado.html> Acesso em 08 set. 2020.

Minas, Rio e RS mantêm atrasos dos salários de servidores: Secretários dos três estados já afirmaram que, diante da crise econômica, nem mesmo a ajuda do governo federal será suficiente. **Estado de Minas**, 10/05/2020. Disponível em

https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/05/10/internas_economia,1145973/minas-rio-e-rs-mantem-atrasos-dos-salarios-de-servidores.shtml Acesso em 08 set. 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade et al. **Transformações na organização do processo de trabalho docente e suas consequências para os professores**. *Trabalho & Educação*, n. 11, p. 51-65, Set./Dez. 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8991/6477>. Acesso em 05 ago. 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

PINHO, P. S; FREITAS, A. M. C; CARDOSO, M. C. B; SILVA, J. S; REIS, L. F; MUNIZ, C. F. D; ARAÚJO, T. M. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. Revista Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.19, p. 1-21, jan. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/fWjNP9QqhbGQ3GH3L6rjswv/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2022

PREFEITURA DE SÃO GERALDO. **São Geraldo**, 2020. Decretos. Disponível em: <https://www.saogeraldo.mg.gov.br/site/covid-19/decretos-covid-19/> Acesso em 16 fev. 2022.

SITE IBGE Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-geraldo/pesquisa/33/29167?ano=2020> Acesso em 20 jul. 2022.

SILVA, Rosângela Ramos Veloso. **Pandemia da COVID-19: insatisfação com o trabalho entre professores(as) do estado de Minas Gerais, Brasil**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 12, p. 6117-6128, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/i/2021.v26n12/>. Acesso em 10 abr. 2022.

SOUZA KR, Santos GB, Rodrigues AMS, Felix EG, Gomes L. **Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde**. Interface (Botucatu). 2022; 26: e210318. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210318>. Acesso em 15 fev. 2024.

SOUZA, K. R. S; SANTOS, G. B; RODRIGUES, A. M. S; FÉLIX, E. G; GOMES, L; ROCHA, G. L; CONCEIÇÃO, R. C. M; ROCHA, F. S; PEIXOTO, R. B. **Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia**. Revista Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.19, p. 1-14, jan. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/RrndqvwL8b6YSrx6rT5PyFw/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2022.

TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: relatório técnico. Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG). 2020.

TROITINHO, M. C.R; SILVA, I. B; SOUSA, M. M; SANTOS, A, D, S; MAXIMINO, C. **Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19**. Revista Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.19, p. 1-20, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/W93PH7nPTTMTYpDDC3bZXTR/?lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2022.

TURNES, Luiza; LARA, Rafael da Cunha; BIANCHETTI, Lucídio. **In/extensificação do trabalho docente na pós-graduação: a mediação das tecnologias digitais em debate**. Reunião Científica Regional da ANPED, Curitiba-PR. 2016. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/trabalhos-completos-eixo-21-educacao-e-trabalho/>. Acesso em 18 set. 2022.

Um terço dos professores da rede pública em Manaus pegou covid-19 na volta às aulas. **Correio 24 horas**, 2020. Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/um-terco-dos-professores-da-rede-publica-em-manauas-pegou-covid-19-na-volta-as-aulas/> Acesso em 08 ago. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário

1ª sessão: Dados pessoais

- 1) Idade: _____
 - 2) Sexo biológico: F () M () Intersexual ()
 - 3) Identidade de Gênero: F () M () Prefiro não dizer () Outro: _____
 - 4) Com quem você mora? Mãe/madrasta () Pai/padrasto () Irmão/irmã ()
Filhos/enteados () Sogra/sogra ()
 - 5) Qual a distância em km do trajeto da sua casa para seu trabalho?
-

2ª sessão: Formação profissional

Graduação em _____

Há quanto tempo você concluiu sua graduação? _____

Você fez pós-graduação? Sim () Não ()

Especialização () Mestrado () Doutorado ()

Descreva, por favor, qual sua área de especialização: _____

3ª sessão: Experiência docente

Há quanto tempo você trabalha como professor/professora? _____

Há quanto tempo você é professor/professora na rede municipal de ensino de São Geraldo?

Vínculo empregatício:

Efetivo () Tempo: _____

Contratado () Tempo: _____

Você trabalhou na rede municipal de ensino de São Geraldo durante o período do Ensino Remoto Emergencial (ERE)?

Sim () Não ()

Por quanto tempo? _____

4ª sessão: Motivação e saúde durante o período do Ensino Remoto Emergencial (ERE)

Você se sentia motivado (a) a trabalhar durante do ERE?

Sim () Não ()

Conte-me mais sobre: _____

Sua dinâmica familiar foi afetada neste período?

Sim () Não ()

Conte-me mais sobre: _____

Sua saúde física sofreu alguma alteração neste período?

Sim () Não ()

Conte-me mais sobre: _____

Sua saúde mental sofreu alguma alteração neste período?

Sim () Não ()

Conte-me mais sobre: _____

Passou por algum tratamento médico neste período?

Sim () Não ()

Se você se sentir confortável, escreva sobre quais tratamentos teve que realizar: _____

Considerando as questões acima, como você avalia que a sua motivação para o trabalho e sua saúde foram afetados durante o ERE?

() Minha motivação e/ou saúde não foram afetados pela pandemia.

() Minha motivação e/ou saúde foram pouco afetados pela pandemia.

() Minha motivação e/ou saúde foram muito afetados pela pandemia.

Você tem interesse em participar da entrevista?

Sim () Não ()

APÊNDICE B - Quadro do Perfil dos sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Sexo/Gênero	Habita com quem?	Distância do local de trabalho	Formação inicial	Formação continuada
ARLETE	55 ANOS	Feminino/ Feminino	irmã/irmão, filhos/enteados, esposo/esposa	1km	História	História
BIANCA	38 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/enteados, esposo/esposa	300 Metros	Normal Superior/ Pedagogia	Supervisão Escolar/ Educação Ambiental
CELESTE	54 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/enteados	18 Km	Normal Superior	Supervisão Escolar E Gestão De Projetos
DINÁ	29 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/enteados, esposo/esposa	Não Respondeu	Pedagogia	Não Respondeu
ELIZE	34 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/enteados, esposo/esposa	13 Km	Pedagogia	Supervisão
FÚLVIA	28 ANOS	Feminino/ Feminino	mãe/madrasta, pai/padrastro	13 Km	Pedagogia	Aee, Educação Inclusiva E Orientação/S upervisão/Ins peção
GILDA	57 ANOS	Feminino/ Feminino	sozinha	Poucos Metros	Gestão De Projetos	Gestão De Projetos
HELEONOR	27 ANOS	Feminino/ Feminino	esposo/esposa	Mais De 9km	Pedagogia	Gestão Escolar, Inspeção, Supervisão E Orientação

ILDA	26 ANOS	Feminino/ Feminino	irmão/irmã, filhos/entea dos	3km Aproxima damente	Pedagogia	Gestão Escolar, Inspeção, Supervisão E Orientação
JACIRA	30 ANOS	Feminino/ Feminino	sozinha	13 Km	Pedagogia	Educação Especial E Inclusiva
KARLA	50 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/entea dos, esposos/esp osa	13 Km	Pedagogia E Adm de Empresas	Educação Especial E Psicopedagog ia
LENICE	49 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/entea dos, esposos/esp osa	30 Km	Pedagogia	Educação Inclusiva E Ludopedagog ia
MARIA	40 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/entea dos, esposos/esp osa, sogra.	10 Km	Pedagogia	Educação Infantil
NATAN	53 ANOS	Masculino / Masculino	sozinho	2km	Normal Superior	Gestão De Projetos
OLÍMPIA	45 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/entea dos, esposos/esp osa	Não Respondeu	Pedagogia	Educação Inclusiva, Supervisão
PILAR	27 ANOS	Feminino/ Feminino	mãe/madra sta, pai/padrast o, irmã/irmão	1km	Pedagogia	Gestão Educativa: Inspeção E Supervisão Escolar
QUITÉRI A	51 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/entea dos, esposos/esp osa	Não Respondeu	Normal Superior	Supervisão E Anos Iniciais
ROANE	45 ANOS	Feminino/ Feminino	filhos/entea dos	800 Metros	Pedagogia, Educação Inclusiva e Bibliotecoma.	Educação

APÊNDICE C - Quadro Experiência Docente

Nome	Tempo como docente	Tempo de docência em no município de São Geraldo	Vínculo empregatício/tempo	Trabalhou no município de São Geraldo durante o E.R.E?	Tempo de trabalho no município de São Geraldo durante o E.R.E
Arlete	30 anos	30 anos	efetivo 30 anos	sim	2020 à 2021
Bianca	15 anos	06 anos	efetivo 04 anos	sim	2 anos
Celeste	29 anos	16 anos	efetivo	sim	2 anos
Diná	06 anos	06 anos	contratado	sim	1 ano
Elize	08 anos	06 anos	efetivo 06 anos	sim	2 anos
Fúlvia	04 anos	02 anos	contratado por 10 meses	sim	1 ano
Gilda	36 anos	36 anos	foi efetiva por 30 anos e está a 06 como contratada	sim	1 ano
Heleonor	06 anos	05 anos	efetiva 05 anos	sim	1 Ano e meio. No final de 2021 retornamos com o presencial.
Ilda	05 anos	05 anos	contrato 05 anos consecutivos	sim	2 anos
Jacira	08 anos	07 anos	contrato 07 anos	sim	01 ano
Karla	5 anos	5 anos	efetivo 05 anos	sim	2 anos
Lenice	18 anos	18 anos	efetivo 05 anos	sim	04/2020 à 12/2021.
Maria	14 anos	11 anos	efetivo 11 anos	sim	2 anos
Natan	35 anos	35 anos	35 anos	sim	2 anos
Olímpia	6 anos	6 anos	contratado 06 anos	sim	2 anos
Pilar	6 anos	6 anos	Trabalhou 02 anos como contratada e depois foi efetivada, há 04 anos.	sim	durante toda a pandemia.

Quitéria	22 anos	22 anos	22 anos	sim	durante toda a pandemia.
Roane	10 anos	9 anos	04 anos foi contrato e tem 05 de efetiva.	sim	abril de 2020 a novembro de 2021.

APÊNDICE D - Sistematização de respostas - Motivação e saúde durante o ERE

Nome	Você se sentia motivado(a) a trabalhar durante o ERE?	Conte-me mais sobre:	Sua dinâmica familiar foi afetada neste período?	Conte-me mais sobre:	Sua saúde física sofreu alguma alteração neste período?	Conte-me mais sobre:
Arlete	sim	Foi um desafio, um período difícil.	sim	A rotina familiar mudou devido os vídeos e aulas on-line.	sim	O fato de não mais locomover (bicicleta) ganhei peso e insônia.
Bianca	não	Pois, sentia que as crianças não estavam aprendendo como na escola, e a maioria nem acesso aos vídeos tinham.	sim	O trabalho foi pra dentro da minha casa.	sim	Comecei a ter crises de ansiedade, dor no peito. Engordei 12kg.
Celeste	sim	Gostava de pesquisar sugestões para gravar as aulas.	sim	Me sentia só.	sim	Adquirit uns quilos a mais.
Diná	sim	Não respondeu	não	Não respondeu	não	Não respondeu
Elize	não	No começo houve Uma expectativa	sim	Precisava ficar atenta ao	sim	Pois fiquei com covid e também sem

		maior, mas percebi que não era fácil chegar ao efetivo ensino à distância.		celular e atendimento ao aluno e a família.		praticar atividades físicas no período que necessitava ficar em casa.
Fúlvia	sim	Não respondeu	não	Não respondeu	sim	não respondeu
Gilda	não	Tive que aprender usar o celular com postagem das aulas, gravar vídeos.	sim	Tive que associar as duas coisas.	sim	Tive que fazer uso de medicação devido ao alto grau de estresse e ansiedade.
Heleonor	não	Eu não me sentia motivada porque era muita burocracia para preencher. Além disso, estávamos longe dos alunos, que representam nosso motivo maior.	sim	Não respondeu.	não	Não respondeu.
Ilda	não	Sentia falta da presença e rotina dos alunos/escola.	sim	Passei mais tempo com meu filho, o que foi bom.	não	Na verdade, foram dois anos tranquilos e menos cansativos que na sala de aula presencial.
Jacira	não	Dificuldade em planejar	sim	Voltei a morar com meus pais	não	Não respondeu.

		aulas remotas, falta de retorno dos pais, dos alunos.				
Karla	sim	Sim, para que chegasse um bom trabalho até às crianças nesse momento tão delicado.	não	Não respondeu	não	Não respondeu.
Lenice	sim	Me descobri nos vídeos.	sim	Trabalhava até altas horas pra dar conta de tudo.	não	Testei positivo para covid com sintomas leves.
Maria	não	Demanda de serviço exaustiva.	sim	Sem tempo para convívio.	sim	Ansiedade, estresse, dores pelo corpo.
Natan	sim	Essa motivação foi se perdendo ao longo do tempo.	sim	Adaptar minha residência para gravar aulas, ruídos, etc.	sim	Ansiedade, fibromialgia, coluna...
Olímpia	não	As expectativas foram uma, e a realidade outra.	sim	Tempo gasto com as aulas e atividades, tive que trocar meu tempo com família para dar aula.	sim	Muita ansiedade e medo de fracassar como docente neste período, afetando meu sistema imunológico.
Pilar	marcou sim e não	Somente no último ano me senti motivada.	sim	Mais tempo com a família.	sim	Deixei de fazer atividades físicas (academia, comida)
Quitéria	não	Era muito difícil	sim	Medo da doença	sim	Medo de morrer e

		ensinar as crianças.		afetou nossa dinâmica familiar.		perder entes queridos, não fazia nenhuma atividade física pois não tinha coragem e ânimo.
Roane	sim	Tive que reaprender a dar aulas, me reinventar buscando me aperfeiçoar e fazer com que os alunos se interessassem pelas aulas.	sim	Minha família tinha que ficar em silêncio ou falar muito baixo enquanto eu dava aula e fazia vídeo.	sim	Meu psicológico ficou abalado por vários motivos onde tive picos de pressão alta.

Nome	Sua saúde mental sofreu alguma alteração neste período?	Conte-me mais sobre:	Você passou por algum tratamento médico neste período?	Conte-me mais sobre:
Arlete	não	Não respondeu	não	Não respondeu
Bianca	sim	Pensei que ia morrer.	sim	Devido às fortes dores no peito, passei por exames do coração e foi diagnosticada ansiedade. Passei a fazer exercícios de controle de respiração.
Celeste	sim	Me sentia triste achava que a pandemia não ia passar.	não	Não respondeu
Diná	sim	Ansiedade	sim	terapia, psiquiatra
Elize	sim	Sentia-me mais ansiosa.	não	Faço um tratamento para reumatismo, mas já realizava antes da pandemia.

Fúlvia	não	não respondeu	não	
Gilda	sim	Nesse mesmo período para aumentar o problema minha mãe também adoeceu e fiquei mentalmente, fisicamente cansada.	sim	Faço uso até hoje do medicamento sertralina para diminuir a ansiedade.
Heleonor	sim	A pandemia trouxe grandes reflexões sobre minhas prioridades e objetivos de vida.	sim	Continuei com a minha terapia.
Ilda	sim	Sentia-me sozinha, sem motivação. auto estima baixíssima (passei por psicólogo nesse período.).	sim	Psicológico e pré-natal engravidei e ganhei uma filha no período das aulas remotas.
Jacira	sim	Desenvolvi ansiedade, quadros mais fortes.	sim	Acompanhamento com psiquiatra.
Karla	não	Não respondeu.	não	Não respondeu
Lenice	não	Fiquei tranquila.	não	Não respondeu
Maria	sim	Ansiedade, estresse, muito choro.	sim	Medicamentos para ansiedade.
Natan	sim	Ansiedade.	sim	Aumento do antidepressivo, remédios de hipertensão...
Olímpia	sim	Muita ansiedade, medo e insegurança.	não	Não respondeu

Pilar	sim	Fiquei mais ansiosa.	sim	Acompanhamento com psicólogo
Quitéria	sim	Medo de morrer e perder entes queridos.	não	Não respondeu
Roane	sim	Não tinha horário para trabalhar, então não conseguia ter uma rotina.	sim	Avaliação cardiológica

APÊNDICE E - Entrevistas Transcritas

Entrevista 1

PESQUISADORA: Nós vamos iniciar uma entrevista que faz parte da pesquisa intitulada “Narrativas de Vida: Efeitos do Ensino Remoto Emergencial na Saúde e na Motivação Docente”. Nossa entrevistada hoje é a professora Heleonor. Nossa primeira pergunta é a seguinte, fala para mim um pouquinho sobre a sua experiência de trabalho, sua experiência docente durante o ensino remoto. Como que foi?

PROFESSORA No ensino remoto, eu estava em apenas um cargo. E assim, inicialmente, nós não tínhamos noção do tempo que a gente trabalharia no remoto, como seria né? As exigências e tudo mais. A questão da tecnologia em si não foi algo que é...me deixou com medo e tal. Porque eu já tinha acesso a isso, eu já gostava de usar vídeos e tudo mais. Eu acho que a grande questão, que mais impactou pra mim foi a ideia de você, principalmente no primeiro ano da pandemia que você fazia apenas materiais escritos, né? Tinha um grupo de WhatsApp mas era assim, apenas pra alguns atendimentos emergenciais. Então, você não tinha, você não escutava nem a voz do aluno às vezes, né? Que não era todo mundo que participava. Então você trabalhava como se você tivesse trabalhando sozinho. Você não tinha um público, você não, não via os rostinhos deles. Então, assim, essa questão emocional, essa parte que mais motiva o professor, isso eu não tinha. E, eu não tinha nem como olhar pra aquele rostinho e perceber se ele tava em dúvida ou não, se ele tinha compreendido ou não, porque na maioria das vezes, pelo menos no primeiro ano, quem mais se comunicava com eles eram os pais. Então foi um ano que a gente se relacionou muito com os pais, do que com as crianças. E assim, na maioria das vezes, a gente só orientava o que que era pra ser feito, como era pra ser feito, material e tudo mais. Então assim, eu não tive esse feedback, eu não sabia o que estava acontecendo. Eu sabia que eu estava fazendo um trabalho, mas que efeito esse trabalho teria, eu não sabia. E uma das coisas assim, que mexeu muito foi a questão burocrática. Todo professor, né? Assim, tem os seus registros, nós temos sempre muitas coisas pra fazer no sentido escrito ali, né? Só que esse período, foi um período que a gente tinha muitas coisas, muitas. E eram coisas que mudavam tempo, não era algo estável. Então hoje era pedido um relatório e a manhã aquele relatório poderia não ter mais valor nenhum. E aí você tinha que fazer um novo anexo, de uma forma diferente e isso aconteceu várias vezes. Tanto que quando eu cheguei no final do ano, não sabia como iria finalizar. Como que seria, por exemplo, aprovado ou até mesmo validado aquele nosso trabalho. Porque assim, por mais

que a educação continuou, a gente não parou, principalmente aqui. É...eu lembro que...acho que a gente parou em março, assim...no meado de março. Logo depois a gente já começou com os materiais, então a gente não teve aquela pausa, assim, não. O trabalho continuou. Mas mesmo assim, sempre teve aquele medo: Como esse ensino será validado? E não deveria ter esse medo porque ele era um ensino. Diferente? Sim, pelas condições que a gente tava vivendo. Mas não deixou de ser um trabalho. E a gente viu como que o mundo lidou que esse nosso trabalho. Um trabalho que foi um ano que, se a gente for olhar em termos legais, foi um ano que não foi contado em vários aspectos, né? Se for analisar. Mas assim, foi isso. O que mais mexeu comigo foi a parte burocrática, porque eu pensava assim: É como se eu estou trabalhando em algo que amanhã vai mudar. Não tem assim uma segurança, não tinha algo certo. E isso fez com que, às vezes é, o nosso trabalho foi muito mais direcionado para aquela burocracia porque a ideia era validar aqueles estudos do que na questão do aluno, que a gente não tinha ele, né? Era só o material.

PESQUISADORA Entendi. E você pensa que teve algum ponto positivo? Esse período de Ensino Remoto Emergencial teve algum ponto positivo, esses dois anos?

PROFESSORA Eu acho que esse período, foi um período assim, se for analisar no mundo em si, foi um momento em que, se a pessoa, ela de fato vivenciou e prestou a atenção no que estava acontecendo, teve momentos de muita reflexão. Eu acho que nós professores, a gente percebeu é...a nossa importância, mas não só nós. Eu acho que o mundo inteiro, as famílias, sentiram falta do professor, acho que pela primeira vez na história, é...ficou muito nítido o quanto a escola fazia falta. Não só no sentido de “eu preciso deixar o meu filho com alguém”, mas no sentido de que a gente viu realmente que, por mais que as famílias contassem, o desenvolvimento que uma criança tem em casa com a família, não é o mesmo que ela tem numa escola com outras crianças. Então assim...quem não conseguiu ver esse valor do professor, é porque de fato não prestou atenção. Agora, quem realmente viu o que aconteceu, tava junto com teu filho ou mesmo quem não tava, mesmo com os poucos conhecimentos que tinha, viu exatamente a importância da escola. A escola estar aberta, de tudo que é feito aqui dentro, é dos estímulos, tudo. Então assim, isso é tão claro que pós pandemia a gente vê o quanto a educação regrediu nesse período. Mas não...eu acho que não foi por falta de trabalho, porque a pandemia mostrou também uma coisa muito importante. A escola é durante muito tempo carregou pesos que não é pra carregar. É...ficou com certas responsabilidades que não eram pra ter ficado sobre ela, mas estão sobre ela. E a gente viu que, por mais que a escola tente e faça, o contexto familiar, ele é fundamental e ele, na maioria das vezes, é ele que vai definir grande parte do nosso trabalho, né? As famílias que estavam ali, fazendo o seu melhor, o possível seja orientando, seja pagando uma aula particular, seja pegando os materiais que eram disponibilizados pela escola. Às vezes até é...não tinha tanto conhecimento, mas mandava mensagem pros professores, sabe? Assim, buscava, se esforçava. A gente viu que essas crianças tiveram menos é...comprometimentos do que as outras, que a família não teve esse cuidado.

PESQUISADORA Então, no seu entendimento, essa...as famílias que se envolveram mais no processo educativo é...a educação da criança não ficou tão comprometida?

PROFESSORA Tão comprometida. Assim, não vou dizer que foi o mesmo nível que se esperava assim, antes. Mas eu pude perceber que, as crianças, elas vieram algumas dificuldades, mas não tanto quanto as outras, entendeu? Claro, é...a gente percebe assim, no pós pandemia, que as dificuldades talvez por uma questão de concentração, uma questão de lidar com o outro, porque eles ficaram muito tempo sem ter esse contato. Aquela coisa de organização, aquela rotina escolar. Mas, se for olhar no sentido de leitura, teve crianças que, do pós pandemia, vieram aí sim, né? Escrevendo. Não vou dizer todas. Mas vieram outras que às vezes tinha dificuldade na leitura e na escrita, mas já sabiam as sílabas e tal. Não vieram tão defasadas quanto outras, que a gente sabe que se a gente for olhar o histórico, tá

relacionada a essa falta de ter participado, de tê se comprometido nesse período do ensino remoto. Então, a gente viu aí o seguinte, que a responsabilidade, ela teve que ser dividida e ela não foi dividida de uma forma natural. Uma questão de saúde, dividiu essas responsabilidades e a gente viu claramente que se as duas partes não fizerem, né? É...aquilo que devem fazer, seja a escola e a família, as coisas não vão acontecer.

PESQUISADORA E no seu ponto de vista é...houveram...houveram desafios, houveram problemas no trabalho remoto, né? No seu trabalho remoto?

PROFESSORA No meu trabalho remoto, no início, primeiro essa, essa questão de entender como seria tudo, né? É, tudo ficou um pouco confuso e eu acho que foi confuso pra todo mundo porque igual eu tô te falando, é...as orientações não foram feitas assim: “vai ser desse jeito e pronto!” Elas foram mudando ao longo do tempo. Então eu acho que até as lideranças tinha...sentiram essa, essa instabilidade que tava acontecendo, né? Então assim, agora a gente fazia de um jeito, aí depois tinha outras mudanças, mudanças. Então assim, a gente viveu várias mudanças no período remoto. É...por exemplo, no início era material, depois a gente passou a disponibilizar o material e os vídeos, né?. Depois, além desses vídeos eram postadas...um pouco depois teve criado, né? Criou-se uma plataforma pra isso é...depois teve a questão, né? Das avaliações. Primeiro elas foram impressas, depois passou a ter um sistema pra elas. Então assim, é...a própria escola e os professores foram se adaptando ao longo das necessidades que a gente foi percebendo.

PESQUISADORA E como que...e quais as dificuldades que você vê, é...que que você lembra, né? Que você percebe no seu trabalho diante dessas demandas externas? Porque essas foram demandas externas, né? Toda vez que, que vem: “Ah! Você precisa mudar”. Como você falou, né? Antes era um tipo de documento e agora mudou é...é outro, né?

PROFESSORA Isso gera o quê? Gera de certa forma, um estresse, uma ansiedade. É...o seu trabalho, vamos supor, é quando você é...está numa sala de aula e tal, você tem o seu horário de trabalho. Quando você está em casa, você já não tem mais horário de trabalho. Foi muito difícil para mim, por exemplo, criar uma rotina de trabalho. Não porque...no meu caso, não foi aquela coisa assim: “ Ah! Eu tenho que sentar e eu não consigo sentá pra fazê.” Não, pelo contrário. Eu não conseguia sair. Daquele trabalho ali. Era como se, aquilo que deveria ser horas do meu dia, passou a ser o dia todo. E assim, é claro que o professor sempre tem algo a se fazer em casa. Mas eu sentia assim que...como tinha essas mudanças, eu mudava naquele momento e tinha aquelas datas pra entregá então, quando eu, quando eu via, eu tinha passado muito tempo no trabalho. Então, eu posso dizer que foi um período que as pessoas trabalharam mais do que normalmente trabalham. Não por uma questão só de dedicação e tudo mais. Mas, porque igual eu te falei, como mudava muito, você tinha necessidade de ir lá e fazer todo trabalho de novo. É como se todo trabalho que você tinha feito antes não, não tivesse tido...é...não, não era válido mais. Você tinha que mudar. Então eu sentia essa falta...eu passei muito tempo dos meus dias da pandemia nisso. Isso é ruim, porque você acaba é...você já tá angustiado por uma questão de saúde, né? A sua família...teve aquilo, né? Eu não tive Covid no...em 2020, mas o meu esposo teve. Então assim, outras pessoas que eu conhecia também. A questão, a questão emocional já tava muito abalada. A gente não podia ficar saindo em casa, aquela coisa toda. E eu já ficava o tempo todo na frente de um computador, porque aquilo era ruim. Eu, eu sou uma pessoa dinâmica. Eu gosto de tá perto de pessoas, eu gosto de tá tendo contato. E aquilo ali fez com que eu ficasse apenas entre eu e o computador. E isso foi angustiante. Chegava assim... sei lá, acho que em alguns momentos eu ficava assim: “Gente, eu...” cê se sente às vezes até meio inútil tipo “O que eu tô fazendo?”.

PESQUISADORA Você via que às vezes era tão exaustivo que perdia o sentido? Era tipo isso?

PROFESSORA Isso! Eu cheguei a ponto a pensar assim: “Gente, a graça do meu trabalho se perdeu”. Porque foi...parecia que era uma secretária assim, tipo uma pessoa que tava só na

burocracia. Porque a parte mais interessante da coisa que era dar a aula, que era ter aquele momento de compartilhar experiência, eu não tava tendo.

PESQUISADORA E, no seu entendimento, os desafios que você enfrentou durante o período remoto, né? De Ensino Remoto Emergencial, fizeram que, com que você repensasse a profissão de ser professora?

PROFESSORA Confesso sim. Eu tive momentos de pensar e falar assim: “Gente, o que será da educação realmente?” Assim, é...a gente sempre, as pessoas que trabalham em educação, sempre tem uma visão crítica, né? Desse processo e tudo mais e, e, com a questão da pandemia, a gente pensa assim: “E como vai sê? Será que os professores serão substituídos por máquinas? Por...por a questão tecnológica e tal? Como que será, né? Será que...por que pensa? Vamos imaginar, se desse certo mesmo esse Ensino Remoto, será que nosso trabalho seria sempre assim? Dentro da nossa casa, transmitindo algo sem saber como que isso tava chegando até as famílias e, assim...só que como que vai ser? E não só isso. Eu acho que eu pude pensar também no quanto nós iríamos é...quais os desafios que a gente ia enfrentar no pós pandemia? E o quanto a gente precisaria é...focar naquilo, né? Eu questionei, por exemplo, o fato de trabalhar em mais horários. Será que isso é viável no sentido de saúde mental pra mim? Saúde física, mental, emocional e, e será que isso também é bacana para o aluno? E não só isso. Quanto tempo que o aluno passa numa sala de aula, né? Eu cheguei a pensá nesse sentido mesmo, né? É..eu preciso não só me dedicar como eu me dedicava antes, mas agora eu preciso me dedicar assim...muito mais, porque eu tô recebendo uma criança que vivenciou dois anos traumáticos. Como o emocional dele tá? Então, assim, eu preciso tá bem emocionalmente pra ele está também. Isso já era uma realidade, mas agora muito mais. Porque gente, não sou mais a mesma pessoa, antes da pandemia. Ninguém é mais a mesma pessoa. E eu não sou a mesma pessoa, nem é no sentido de ser humano e nem como profissional. Porque hoje, por exemplo, eu tenho uma visão mais sustentável das coisas, eu sou uma professora que eu me tornei mais prática em algumas situações por causa disso, né? Eu busquei pensar assim: Eu preciso me organizar ao máximo pra que eu dê o meu melhor e eu consiga cuidar de mim mesma. Porque antes, eu confesso, antes da Pandemia eu trabalhava assim de uma forma, eu era muito elétrica e eu queria o tempo todo está fazendo sem pensar, naquilo que...nos impactos que aquele trabalho tava gerando no meu físico e no meu emocional, entende? Então assim, na pandemia como eu tive que cuidá do meu emocional porque senão a gente ia ficá doido com aquilo tudo, né? A gente precisava pensar muito nisso e o trabalho também era muito exaustivo, eu pude, olhar e falar: “Eu preciso cuidar disso, eu preciso olhar pra mim, porque eu olhando para mim eu tô olhando pro meu aluno. Cuidando de mim...”

PESQUISADORA Então você, você sentiu então que a sua saúde emocional foi afetada de alguma forma?

PROFESSORA Sim! Foi, foi afetada no sentido de...eu falo que na Pandemia, eu tive um momento de medo e tudo mais, mas foi um momento que eu pude falá assim: “Heleonor, a vida é muito breve, você não sabe que catástrofe vai acontecer, o que que pode acontecer”. Então assim, o trabalho é importante, mas ele é parte de você. Ele é parte de parte de você, ele não é só você inteirinha, ele é só uma parte de você. E você tá inteira pra cuidá dessa parte, entendeu? Então assim, eu tive a visão assim: “Heleonor, tem horas que você precisa pará, tem horas que fazer vai precisá priorizá seu descanso, tem horas que você vai ter que realmente se organizara o máximo pra ter esses outros tempos, pra ter a sua outra vida.” Porque antes de ser professora, eu sou um ser humano que eu tenho uma vida e, e eu preciso cuidá disso. Preciso cuidá da minha família, porque pensa quantas pessoas perderam famílias e não tiveram tempo de se ver, se despedir e tudo mais. Então tudo isso mexeu comigo. Então, eu acho que me fez pensar não só sobre o meu trabalho, mas sobre a vida em si, né? O

que que eu tô fazendo com o meu tempo? Que que eu tô fazendo com as pessoas que estão à minha volta, sabe?

PESQUISADORA Sim.

PROFESSORA Então, eu acho que isso fez com que eu pensasse sim. Na minha carga horária de trabalho, no que eu penso no futuro pra mim, no tanto que eu quero me dedicar, no que que eu acho...que que é prioridade agora pro meu aluno? Porque quando eu voltei no pós pandemia, eu não queria sabê se o aluno tava no primeiro, segundo ou terceiro. Eu queria sabê o que ele tinha pra mim. Que, que ele era ali? Não era assim. Pra mim, acho que essa questão de série, do pós pandemia, nem foi tão fundamental, mas o quanto aquela criança sabia, o que que ela trazia de bagagem,né? Quem, qual era o nível da turma? Ou melhor, qual era o nível de cada aluno?

PESQUISADORA Sim. É, você tava falando na questão de tempo, né? De pensar em tempo é, geralmente qual... no momento assim, presencial, qual que é a sua carga horário, né? Quanto tempo que você gasta de trabalho, mais ou menos?

PROFESSORA Então, é...né? Na escola, a gente tem ali aquelas 4 horas e 15 minutos, né? Aquela coisa toda. Mas é lógico que a gente costuma levá algumas outras coisas. Eu tento me organizar o máximo nas minhas aulas especializadas pra que eu leve o menos coisa possível pra casa, né? Se for analisar, é a gente sempre fica uma hora, duas horas a mais em casa pra aquilo. Quando você trabalha dois horários, que foi minha realidade do...né? Da pós pandemia, você ainda tem menos tempo ainda porque você...ou melhor, você tem mais coisa pra fazer nesse tempo, né? Então assim, acaba que é isso. Como o pós pandemia mexeu comigo em relação a essa questão de tempo, eu busquei, mesmo trabalhando dois horários, é...aproveitar o máximo de tempo que eu tinha na escola para fazê as minhas coisas, no máximo de tempo. Eu não desperdicei tempo, entendeu? Eu quis o máximo por que? Porque eu já chegava em casa mais ou menos assim umas seis horas, eu moro em outra cidade, seis e pouquinho, então eu já tinha outras coisas para fazê. Então o máximo de tempo que eu podia gastá na escola, eu gastava. Então, trabalhando dois horários eu ficava aqui, sei lá das sete e chegava em casa às seis, seis da tarde.

PESQUISADORA Entendi. Então era cerca de onze horas trabalhando mas em dois horários? PROFESSORA Em dois horários mas assim, por exemplo, no meu horário de almoço, eu almoçava e já fazia plano de escola. Então, o meu horário de almoço, vamos supôr, minha aula terminava às onze e quinze, eu só voltaria a uma, esse período de onze e quinze até uma era dedicado a planejamentos, a relatórios, a tudo mais.

PESQUISADORA E durante o período do ensino remoto emergencial você...você chegou a ter esses dois horários de trabalho, era um só?

PROFESSORA Eu, eu trabalhava um horário só, né? Praticamente todo mundo porque as contratações, elas foram muito restritas, né? Até por causa da questão de que eu acho que nesse período não podia se contratar muitas pessoas. Então, preservaram a questão da série mesmo que era fundamental. Então eu trabalhava um horário no sentido de tipo, você só tem um cargo. Mas quando eu via, eu trabalhava o dia todo e a noite, e tinha vezes que até madrugada porque você tinha que rever documentos, você tinha que rever relatórios.

PESQUISADORA Você consegue estimar em horas o tempo que você gastava durante o Ensino Remoto Emergencial?

PROFESSORA Oh! Começava trabalhá sete. Eu tinha essa organização de trabalhar o horário certinho. Parava na hora do almoço. Aí vamos supor, depois do almoço voltava, e aí minha filha! Eu ficava, já fiquei até sete e meia, oito horas. Às vezes eu parava, recebia uma mensagem assim: “Ah! O documento tal não sei o que. Precisa que vocês mandam isso e isso.” Aí eu ia lá no computador e mexia de novo. Então se for analisar, era muito mais do que onze horas. Era muito mais do que eu trabalharia dois horários e faria alguma coisa em casa, se for analisar.

PESQUISADORA Entendi. É, pra você, o ensino remoto alterou a sua motivação, né? Pra preparar e ministrar as aulas? Foi indiferente?

PROFESSORA É diferente, porque você tinha que ser muito objetivo, muito objetivo, coisa que às vezes em sala de aula você consegue explorar mais. Então ali, você tinha que ser muito é... você tinha que definir muito bem de que forma que você ia trabalhar. Por que? A criança não tinha muito tempo de fazer aquilo. Às vezes as famílias não tinham muito tempo de auxiliá-las. Então, tinha que ser algo assim muito pontual. Então, por exemplo, os vídeos tinham que ser bem curtos. Isso era uma dificuldade pra mim, foi uma das dificuldades. Porque às vezes eu queria explicar mais. Mas eu sabia que eu tinha só aquele tempo porque a criança não ia ver um vídeo longo. A...aquelas atividades teriam que ser muito bem colocadas, assim. E, e, não só isso. Pensa! Depois, quando a gente recebia os documentos pra gente corrigir, não dava pra saber até onde elas, a criança sabia até onde não sabia. Então, pra fazer relatório individual era mais difícil, pra podê dá o conceito era mais difícil. Então toda essa parte de avaliação, era muito mais difícil.

PESQUISADORA E como que isso afetou a sua motivação? Você se sentia como?

PROFESSORA Nesse primeiro ano, é...em 2020, foi um ano igual te falei. Eu fazia um trabalho, mas era muito, como era muito objetivo e tal, eu sentia que eu podia dá mais e não conseguia. Porque não tinha como, né? Tinha que tê ali aquela quantidade de página, aquele jeito, aquela organização. Quando nós voltamos é, em agosto de 2021, né? Que eu acho que a maioria das escolas voltaram, né, no presencial e bem no início foi turmas alternadas. É...já foi muito mais assim...interessante, você sabia que como cê tinha pouco tempo com cada criança porque cada semana era um pedacinho da sua turma, você queria fazer o máximo que você queria ali. Então, aquilo motivava, entendeu? Mas ao mesmo tempo também te colocava uma pressão de que, em pouco tempo, você queria recuperar todo o ano e é impossível!

PESQUISADORA E isso tudo fez com que você lá no, no período do Ensino Remoto né, essa, essa. essa angústia né, que você falou que você sentia, fez com que você se sentisse como? Como você ia desenvolver a atividade, quando você ia gravar a aula? Aquilo...você sentia assim animada, eu vou tentar fazer...

PROFESSORA Não. Não era animada. A gente sentia, a gente vivia é...essa pressão de preciso dá aquele conteúdo. Mas, como vô dá aquele conteúdo? Pensa? É como se tudo que você soubesse, de como dá aula, tivesse sido desconstruído e você tivesse que construir um novo jeito de dar aula.

PESQUISADORA E aí, como você se sentia nesse momento?

PROFESSORA A gente se sentia, muita das vezes, inseguro. Porque tá fazendo algo novo, algo que não dominava. É, muitas das vezes se sentia com medo porque, será que isso vai ser, vai chegar a quantos alunos aquilo? E medo também, porque era tudo muito...você tinha que tê muito cuidado, cê tava lidando com uma rede social, você estava lidando com uma plataforma que não só os seus alunos iriam vê, mas todo mundo. Então você teria que ter um cuidado até na forma...tudo assim, na forma de explicar. Digamos que, sabe aquele...é aquela liberdade aquela naturalidade, pra dar aula? Aquilo não tava existindo. Porque cê tinha que pensar em cada passo, em cada minuto daquele vídeo, em tudo. Então assim, isso deixava insegura, é desanimada, porque eu não tava vendo o aluno, então eu tava fazendo pra quem? Pra alguém. Mais, né? É...desanimada eu, é você fica, muita das vezes, sem ter ideia do que vai fazer. Porque a criatividade, ela flui muito quando você tem o contato com o outro. Como eu não tinha, às vezes eu ficava sem criatividade, sabe? É...muito cansada. Então eu acho que o cansaço, aquela exaustão emocional e física, fazia com que você fizesse também...parece assim, que chegava no final, você tava se arrastando, né? E... e aquela instabilidade de que: será que tudo que eu tô fazendo agora vai ser validado? Como que vai ser? Como mudava muito, essa instabilidade era muito grande. Isso gerava ansiedade, estresse. Nossa! eu acabei de fazer isso aqui. Não, mas não é isso aqui mais. Nossa, dava um estresse, sabe? Dava aquela

ideia assim: Nossa! o que eu fiz então foi inválido! É, é um trabalho assim que, sei lá, você fez o trabalho mas depois você teve que, meio que excluir aquele aquele trabalho e fazer de novo. Então, isso tudo bem ruim. E aí, a gente valoriza muito o que tem na sala de aula. Sabe, aquelas dificuldades que você fala assim: Nossa! Minha turma tem aquela dificuldade? Cê falava assim: Gente, eu era feliz e não sabia. Aquelas dificuldades não era nada perto do que a gente estaria recebendo no pós pandemia. Nossa! Eu...aquela dificuldade? Ah! Não acredito? Aquilo é mamão com açúcar mediante tudo que a gente viu, né, depois né, de tudo que a gente presenciou de dificuldade no pós pandemia.

PESQUISADORA E como que a sua vida familiar foi afetada e durante esse período de trabalho remoto?

PROFESSORA Então, em 2020 eu ainda não era casada, né? Eu fui casar no final do ano de 2020. Então eu passei o período todo né, desse ensino remoto, na casa dos meus pais. Então, como na casa de meus pais, assim né, é minha mãe né, fazia um almoço, jantar e tal, eu ficava só naquilo. Então assim, foi super cansativo? Foi. Mas eu tinha mais tempo pra ficar naquilo ali mesmo, eu só tava pra aquilo ali.

PESQUISADORA Na casa dos seus pais são, são quantas pessoas que moram, que moravam lá nessa época?

PROFESSORA Quatro. Confesso, ficava no meu quarto, na frente do computador e saía dali só, eu via os meus pais e conversava só na hora do almoço ou jantar.

PESQUISADORA Era, seu pai, sua mãe...

PROFESSORA ...eu e meu irmão. Então assim, era só isso. Então, ter contato de ficar batendo papo, assistindo televisão, aquela coisa não, não tivemos isso, entendeu? Final de semana, também fazia coisas. Eu lembro que eu namorava e tal, o meu namorado tava lá na minha casa e eu tava fazendo documentação. Às vezes eu pedia: Dá uma olhada, dá uma lida pra, pra me ajudá, se tem algum erro, se alguma coisa. Ah! uma coisa que aconteceu muito comigo nesse período, foi que, eu sou perfeccionista, né? Eu gosto das coisas certinhas, e como os documentos, eles tinham que estar sempre muito corretos, aquela coisa toda, eu...eu ficava com aquela ânsia de que eu tinha que conferir várias vezes aquele mesmo documento. E isso foi gerando, algo que em terapia, eu falei assim: Eu preciso parar de ficar conferindo desse jeito. Eu sou humana, se eu errá tá tudo bem. Mas eu ficava com aquele medo de errá. Porque era sobre documentação. Então chega uma hora que eu falei: Preciso pará! Porque se não, isso vai desenvolver um TOC em mim. E eu não queria desenvolver um distúrbio, alguma coisa, um TOC e tal. Então, eu tive essa ideia de tê que pará e falá: Não eu tenho que me policiar no que que eu estou fazendo. Porque se não, o perfeccionismo que anos antes era uma coisa que, que dava pra lidar de boa, eu poderia desenvolver, ali, um TOC, né? Então assim, não era algo que eu queria. Então assim, não desenvolvi mas é porque eu tive esse olhar e eu tive esse cuidado, né? Tava fazendo terapia e tal. Mas por exemplo, se uma pessoa não teve esse cuidado, né? Eu não, eu não tomei nenhuma medicação nesse período, mas eu creio que os professores só este mundo humano

PESQUISADORA Então assim você, você entende que durante esse período você teve algum problema de saúde?

PROFESSORA Não, eu não posso dizer que eu tive. Mas é...a terapia ajudou muito assim, me ajuda muito. É porque, é assim, sempre fui uma pessoa que eu gostei de fazê a terapia, antes da pandemia. E na pandemia foi muito mais, a necessidade foi ainda maior, né, é...de fazê e o pós pandemia também. Então acho que essa ideia de ter uma crença, igual né, assim você tê algo que você acredita né, uma religião, uma crença, uma fé, né? E eu tenho. Então isso me ajudou. A questão de uma terapia também ajudou. Então isso tudo foi muito importante. Mas, te falo assim: Você teve uma vida social? Você saía? Tinha uma...assim, eu sei sei que ninguém podia ficar saindo mas, você tinha como ficar mais tempo, tava relaxando? Não. Isso ninguém, nenhum professor tava relaxando nesse período. Ao contrário

de que a sociedade tava pensando que o professor estava à toa em casa, ninguém tava à toa em casa. Pelo contrário, a gente tava trabalhando demais pra entregar aquilo que muita gente achou que era o mínimo. Mas não era o mínimo. Era o que a gente podia fazer dentro daquelas condições.

PESQUISADORA E você, no seu entendimento, né? Pra você, pra você, esse conflito dessa expectativa social, da expectativa dos seus alunos é...essa angústia, né, que você já relatou algumas vezes, né, sobre a grande burocracia, né, a ausência de contato com o aluno. Você sente...é a questão do perfeccionismo, né, você sente que essa, esses fatores foram uma ameaça pra sua saúde em algum momento?

PROFESSORA Sim, com certeza. Igual tô te falando. Acho que, se não fosse a fé que eu tenho, assim. A questão de tá fazendo uma terapia, de ter esses, né, essas, esses momentos e até assim, tê a sua família que, mesmo sabendo que você não podia tá tão perto. Mas tava ali, te apoiando, com certeza se eu não tivesse nada disso, não tivesse a minha fé, né? Que eu...né? Que já são anos assim, que eu professo essa fé e tal. Se eu não tivesse essa fé, se eu não tivesse cuidado dessa parte mental e tal, como profissional e essa minha família me apoiando, não só a minha família. Eu acho foi um momento também que os professores se ajudaram bastante, assim, né? Que você podia contar, porque eles estavam vivendo a mesma angústia que você. Então, a gente passou muito tempo também; é...nesse período eu tinha uma parceira, que a gente ficava conversando e tinha momentos que a gente parava pra falar sobre, sobre nós, pra podê se ajudar, para poder se ouvir. Então, se não fosse tudo isso, com certeza tinha interferido muito.

PESQUISADORA Ela era professora, como você?

PROFESSORA Na época a gente era parceira porque a gente era da mesma turma. Então a gente fazia planejamento juntas, a gente conversava juntas e tal. Mas assim, então nessas conversas a gente às vezes falava das nossas angústias, né? Daquilo que a gente tava com medo, daquilo que a gente achava assim: Meu Deus, será que não tá dando certo e tal. Então assim, foi muito bacana. Ela continuou sendo professora, mas assim, no pós pandemia, né, o ano passado a gente não foi parceira, mas a gente continua sendo amiga, compartilhando. Mas assim, nesse período a gente estava com a mesma turma, né? Então, foi importante tê esse apoio também de...da outra pessoa. Porque eu acho que sozinho, se tiver sozinho de tudo ia ser muito difícil. Porque a gente aqui, a gente tá falando de uma questão profissional mas pensa: No meio de tudo isso, amigos ficaram doentes, pessoas que próximas aos amigos ou até familiares dos nossos amigos, morreram. Pessoas que eu tive contato morreram, sofreram isso e a gente não ia fazer nada, né? Então assim, o mundo aconteceu, né? Paralelo a tudo que tava acontecendo na minha profissão. Então sim...acho que foi um ano que eu priorizei. Foi, foi interessante isso, né? Eu pude ver: o que é prioridade pra mim? Prioridade pra mim é a fé, é a minha família, é as pessoas, sabe? É olhar pras pessoas. Isso foi muito forte, tipo faça que você puder fazer, o melhor que você puder fazer com aquela pessoa, naquele momento. Porque você não sabe, né? E o que que você pode fazer melhor na tua vida, né? Eu acho que...

PESQUISADORA Foi um período que trouxe assim, uma reflexão para você, né?

PROFESSORA Sim. Porque, gente, a profissão de professor todo mundo sabe que é uma profissão que todo mundo fala assim: Ah lá! Cê vive. Parece que você nem tem vida...as pessoas pensam que a gente não tem vida social ou que nem deveria ter o direito de ter uma. Porque né, é um trabalho que se você for analisar, realmente é um trabalho que te tira algumas coisas. Mas eu pude perceber que eu posso dar o meu melhor pros meus alunos. Eu posso fazer o melhor. Mas eu posso também fazer o melhor por mim, eu devo fazer o melhor por mim. Sabe? O meu trabalho é importante mas ele não pode ultrapassar os meus limites. Ultrapassar a importância que eu tenho pra mim mesma. Entendeu?

PESQUISADORA Você...esse período de Ensino Remoto fez com que você esse sentiste atropelada? É isso?

PROFESSORA Eu, eu pude perceber o quanto antes, eu estava me atropelando. O quanto antes eu estava esquecendo do que era prioridade. Tipo assim: Você é professora, ok. Você escolheu isso pra você, ok. Você tem muitas responsabilidades, você tem muito o que fazer, mas isso não justifica o fato de você ter deixado aquilo que é prioridade pra trás. Não faça isso, sabe? Queira ser uma professora que no futuro, não vai ser aquela professora que vai viver a vida depois que aposentar. Mas que vai viver enquanto está fazendo o bem ao outro. Sabe? Eu não tem que viver depois que eu apresentar. Eu tenho que viver o hoje porque eu nem se, se né? A gente não sabe!

PESQUISADORA E por falar nesse depois, né? A nossa última pergunta alguma das práticas docentes que foram utilizadas por você durante o Ensino Remoto Emergencial permanecem ao atualmente?

PROFESSORA Sim. Interessante é isso que, é uma das coisas que eu mais faço. Hoje eu evito o máximo de escrever em cadernos. Eu uso sempre o computador pra tudo. O Drive pra guardar tudo que é importante. Então eu tenho gastado menos folhas com isso, sabe? Eu tenho priorizado muito essa questão minha. Tudo o que eu tenho que anotá, que eu tenho que fazê, eu posso até anotá naquele caderno mas logo depois ele vai passa pro notebook e depois pra um drive. Então essa questão. E outra coisa, eu usava uma vez ou outra mas hoje eu uso muito vídeo, muitos vídeos, eu gosto de usar muitos videos.

PESQUISADORA Você faz vídeo pra sua aula presencial?

PROFESSORA Eu já usei os vídeos que eu tinha feito antes, no pós, né? Então assim, às vezes vídeo que eu já feito, sim. E uma coisa interessante é que em 2021, que a gente teve um relato diferente. Porque você já, você já não fica só respondendo no WhatsApp, mandando material e só. Você tinha um momento que você tinha a oportunidade de tê um meet, né, o Google Meet pra você vê as crianças. E você ficava seu, às quatro horas realmente em contato com elas, com áudio, vídeo e tudo mais. Já foi um momento que já te deu mais um, me deu mais um respiro. Porque ali eu já comecei a vê: Hum...não tá tão distante, né? Já tá mais perto. E que a gente deu uma aula mesmo, mas assim no celular, eu pude ver assim: Gente, que interessante, né? Você se escutá, escutá como é a sua aula, eu pude vê como que era as minhas aulas antes. Porque eu estava me escutando o tempo todo e gravando e selecionando vídeos, né? Do YouTube pra eles e conhecendo canais interessantes e tendo toda essa criticidade para saber o que que eu iria passar pra eles e saber. E outra. Você aprende estratégias novas, porque pensa: numa sala de aula você dá um texto, você consegue escrever as perguntas. E lá no grupo, como você faria? Ah! Eu vou colocar as perguntas por áudio? Vou colocar como figurinha? Então assim, você teve que criar novos mecanismos. E isso me ajudou a ser uma professora ainda mais autêntica, natural nas minhas aulas, sabe? Hoje eu busco muito esse olho no olho, de falá abertamente mesmo sobre conteúdo, mas traz sempre pra vida da criança. Então assim, tudo que eu aprendi eu levo, de verdade. Eu, eu falo que eu sou uma professora diferente, sou professora melhor não só com os meus alunos e comigo mesma também, mais gentil comigo. Eu deixe de ser tão perfeccionista quanto eu era antes. Porque eu vi que aquilo ia me adoecer, eu vi que eu precisava ser mais leve comigo, tipo, eu também sou humana. Eu também não tenho que o saber tudo e também não vou acertar o tempo todo.

PESQUISADORA Então assim, o que você pontua, né? Que foi proveitoso para você, no período da pandemia que você trouxe, é mais uso de tecnologia...

PROFESSORA Mais uso de tecnologia, é me preocupar mais em sempre deixar os meus arquivos no Drive. Ter essa segurança porque tudo, pra ser validado, a gente teve que, né? Tê todos esses registros. Então tê esse cuidado a mais é...sei lá, assim, tê mais aquela liberdade eu tive que...como eu tive que criar mecanismos novos pra dá aquela aula, a minha

criatividade, ela expandiu ainda mais. A minha ideia de sustentabilidade também porque hoje eu busco usar menos coisas que depois vai virá um lixo. Então eu busco também aquela ideia de sustentabilidade. Por exemplo, eu peço muitos cadernos pros meus alunos. Porque eu penso assim: Não precisa de tudo isso. Ele precisa tá ali e registrar. Mas pra que tantos cadernos e depois ficá aquilo com um monte de folha solta? Não! Então assim, aproveitar mais o que eu estava fazendo. Então isso também é...eu trouxe pro pós pandemia.

PESQUISADORA Bacana. Muito obrigada pela sua participação, tá? Um prazer!

PROFESSORA Eu que agradeço porque eu acho interessante que é...eu acho que depois que tudo que a gente viveu, todos os professores deveriam tê um momento de podê relatar as suas experiências, de poder desabafar e falar o que...porque tudo que eu tô falando aqui, foi o meu ponto de vista, a minha vivência e aquilo que eu me vi, né? É vivenciando. Não é, uma verdade única, não é um padrão e tudo mais. Mas foi exatamente a minha experiência, né?

PESQUISADORA Muito obrigada. E a sua experiência é muito importante para nós e para nossa pesquisa. Muito obrigada.

Entrevista 2

PESQUISADORA: Continuando as entrevistas para a pesquisa Narrativas de vida, os efeitos do ensino emergencial e o ensino remoto emergencial na saúde, na motivação docente e hoje nós vamos entrevistar a professora Bianca da Rede Municipal de Ensino de São Geraldo.

PESQUISADORA Bom dia Bianca!

PROFESSORA: Bom dia!

PESQUISADORA A gente tem um roteiro de entrevista, tá? E eu vou te fazer algumas perguntas, mas você fica à vontade para responder. Se você quiser acrescentar mais alguma coisa, tá bom?

PESQUISADORA É...nossa primeira pergunta. Eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre a sua experiência docente, né? Como foi o seu trabalho de professora durante o ensino remoto emergencial?

PROFESSORA Foi durante o ensino remoto... foi um desafio, tá? Por que, porque por mais que a gente tem um pouco de conhecimento com a tecnologia, você tem que aprender a mexer nesses aplicativos, a planejar as aulas e depois passar pro aplicativo, elaborar, colocar tudo bonitinho para a criança da forma mais simples possível para criança entender em pouco tempo. Porque os vídeos extensos são cansativos para as crianças e me deixou muito frustrada também, principalmente no início porque a maioria das crianças não tem acesso, não tinham acesso ao Whatsapp. A turma que eu dava aula tinha pouco acesso ao Whatsapp. Quando tinha o acesso, o acesso à internet era pouco também. Não era um acesso ilimitado.

PESQUISADORA Essas famílias tinham internet em casa?

PROFESSORA A maioria não.

PESQUISADORA E como eles faziam então para essas videoaulas?

PROFESSORA Às vezes colocava crédito no celular. Era sacrificante para eles, eu percebi que era sacrificante. Era difícil para eles. Então eu ficava, fiquei muito preocupada, ficava às vezes tensa porque não estava, eu não estava atingindo a todos. Em uma sala de aula no presencial, a gente não consegue atingir 100 por cento. Imagine no remoto?

PESQUISADORA Entendi.

PROFESSORA Eu fiquei muito preocupada, fiquei assim angustiada.

PESQUISADORA Entendi. E você tem quanto tempo de profissão?

PROFESSORA 16 anos, vou completar 17 anos de sala de aula.

PESQUISADORA E esse sentimento que você comentou, né? De você se sentir muito angustiada, né, durante o ensino remoto fez com que você pensasse nesse tempo de trabalho?

PROFESSORA Eu não pensei no meu tempo de trabalho. Eu pensava: Como que eu vou

fazer pra ajudar esses meninos? Como eu cheguei a atender aluno que não tinha internet, a família não tinha WhatsApp, só tinha telefone celular para fazer ligação, para receber.

PESQUISADORA Entendi.

PROFESSORA Eu cheguei a ligar e fazer atividades com eles e explicando pelo telefone.

PESQUISADORA Eles tinham realmente um celular, não era um smartphone?

PROFESSORA Não, não, era um celular comum do mais simples. Eu cheguei a visitar porque o menino não estava querendo fazer as atividades, ele não tinha interesse e fui parar na casa dele. Eu falei assim, qual deve ser a situação desse menino? Como que...? Graças a Deus, quando eu cheguei lá, eu vi que a situação assim, a financeira, não era precária, que morava numa casa boa, a mãe assim muito prestativa. Mas ele não tinha uma criança por perto para poder estar brincando com ele. As crianças com quem ele brincava era na escola. Aquilo ali me deixou muito triste. Muito triste mesmo. Aí a gente começa a entender o por que que ele não quer fazer. Depois e depois da minha visita, ele mudou. Eu cheguei, visitei, fiz algumas atividades com ele. E depois disso acabou. Ele continuou fazendo, acabou o problema, né? De certa forma, o problema. Ele começou a fazer, eu achei bacana. Graças a Deus, a minha visita fez bem pra ele.

PESQUISADORA Entendi. É essa angústia que, que você sentiu em algum outro momento da sua carreira, você já sentiu algo parecido?

PROFESSORA Sim.

PESQUISADORA Em qual situação?

PROFESSORA Eu cheguei a sentir angústia quando eu efetivei em Paula Cândido que me deram um quinto ano e eu não tenho experiência no quinto ano. Eu cheguei a falar para eles. Eu tenho experiência com terceiro, segundo ano. Pois eles fizeram questão de me dar um quinto ano. Infelizmente, eu não culpo os meninos mas, um quinto ano com crianças que mal sabiam ler, que tinham muita dificuldade. Já estava entrando na pré adolescência. Não queriam nada com nada. E o que me deixou mais revoltada, mais triste, mais chateada que cheguei a querer exonerar meu cargo. Não exonerei porque meu marido não deixou. Foi que eles deram contrato, contratos pra três terceiro, pra quatro terceiro anos, foram para contrato e eles deram para contratadas. Eles não deram prioridade para os efetivos. Isso aí me deixou muito revoltada. Eu cheguei querer largar a turma, querer exonerar mesmo.

PESQUISADORA Nessa situação lá?

PROFESSORA De lá, do presencial.

PESQUISADORA E você então compara os sentimentos dessa ocasião que você tá comentando, com os sentimentos que você teve durante o ensino remoto? Os sentimentos de angústia, de frustração....

PROFESSORA De frustração de você chegar no meio do ano, e você não vê evolução nos meninos, não vê interesse, e você não sentir apoio da equipe pedagógica. Só da pessoa virar e falar assim...eu ouvi isso, me doeu tanto. Na minha frente é aquela coisa ah não sei o que. Só que Deus é tão bom, que eu encerrei o ano com um ano antes da pandemia...não! O ano da pandemia deixa eu ver aqui... não, o ano da pandemia que eu falei que eu fiquei frustrada por causa dessa criança, mas eu tive outros alunos com as mães dessa turma indo até a secretária que falou da minha incompetência, pedindo pra eu continuar com a turma do terceiro ano. Eu fiquei tão feliz que eu falei a assim "não tem coisa melhor"! Aí agora ela tá vendo. Será que eu sou tão competente assim a ponto dos pais pedirem para eu ficar? Aí uma coisa que começou em 2017 e que em 2020 ela viu o resultado, que eu não sou incompetente, posso não ser a melhor, mas eu dou o meu melhor. Sabe? Eu fiquei tão feliz, fiquei mesmo. Tanto que quando eu vim assumir aqui a coordenação, eu saí com dor no coração porque já tava num lugar muito bom para trabalhar. Eu entrei querendo sair e saí querendo ficar. Uma sensação estranha, diferente mas eu fiquei feliz porque eu falei isso foi um tapa de luva que elas não esperavam.

PESQUISADORA E você acredita que tiveram pontos positivos durante esse processo do ensino remoto emergencial?

PROFESSORA Pontos positivos? Os pais passaram a valorizar mais o professor, reconhecer mais o trabalho do professor.

PESQUISADORA Você viu isso no seu dia a dia?

PROFESSORA Vi. Eu pude ver o reconhecimento dos pais para com os professores foi muito grande. Eu falo pelo que eu presenciei, pelo que eu vivi, tá, foi muito grande. Eu não posso reclamar, foi grande, foi um reconhecimento assim...teve esse lado positivo dos pais, porque antes da pandemia, a maioria dos pais não valorizava os professores, não davam valor ao professor achava que era fácil, que estava ganhando, que era só aquilo ali e não é gente. E infelizmente a pandemia também trouxe os pontos negativos né, gente? Que a gente levou a sala de aula para dentro da nossa casa. Eu falo por mim. Eu não tinha hora... a gente...chegaram a falar para mim “Bianca, o seu horário é tipo, de meio dia às quatro. Passou disso, você não tem que atender ninguém. Não é a sua obrigação.” Não é a minha obrigação, mas eu não me sentia bem de não atender aquele aluno fora desse horário. Eu não me sentia bem. Se precisasse, eu atendia e eu já cheguei a fazer isso sete horas da noite, tá fazendo chamada de vídeo pra tá atendendo, e ficava até oito e meia/nove horas da noite ensinando como que tinha que fazer. Não era a minha obrigação, mas era o único horário que o menino poderia estar com o telefone que a mãe estava ali por perto para ele está usando o telefone, como que eu ia fazer? Se o horário que eu estava disponível, a mãe estava trabalhando, não podia deixar o telefone para a criança. E tem muitas crianças que pai que não tem muita condição comprou telefone, gente! Sem poder, na situação que se encontrava pra poder o filho fazer as atividades.

PESQUISADORA É... então como pontos negativos você vê, você viu essas questões? Mais alguma coisa no seu trabalho, no seu dia a dia que você considera que foram né, pontos assim negativos desse período?

PROFESSORA Ponto negativo? Teve! A questão da saúde. Eu engordei oito quilos, eu tive crise de ansiedade que eu achei que eu ia morrer. Eu chorava e essa crise de ansiedade foi no período em que eu não estava...foi naquele mês de julho, naqueles quinze dias daquele recesso de julho que eu dei. Eu acho que foi acumulando tanto, tanto, tanto e a gente mesmo a gente tendo esses quinze dias, a gente pensa: O menino aprendeu? Ele não aprendeu! Não tem como, é muito complicado a criança aprender a distância.

PESQUISADORA Você se sentia responsável?

PROFESSORA De certa forma sim, porque eu não estava, eu não estava atingindo meu objetivo, como eu gostaria. De certa forma, eu me senti...

PESQUISADORA ...responsável pela forma como o ensino estava acontecendo?

PROFESSORA Me sentia. Será que tá aprendendo mesmo? Será que o pai tá tendo a paciência que a gente tem em sala de aula que às vezes não tem? E eu acabei prejudicando o meu filho com isso, com essa pandemia. Por um lado foi bom pros gêmeos, mas para o menino não foi bom.

PESQUISADORA Por quê?

PROFESSORA Porque eu sentava para fazer as atividades com ele. Eu queria que ele fizesse assim que ele sáisse lendo comigo. E eu não era ali, eu não era a professora, ali eu era a mãe. Ele não me via com professora, ele me via como mãe e eu ali eu queria ser a professora dele e eu acabei judiando dele. Eu perdia a paciência. Eu brigava com ele, ele chorava... hoje eu me arrependo tanto! Eu olho pra ele e falo assim: Coitadinho do menino, gente! Ele penou na minha mão, sabe? A gente acaba até... não é descontando é sem querer. Porque a gente, como se diz, a gente como professora, a gente quer assim, “poxa vida, meu filho tem que saber isso” e não tem gente! Hoje eu vejo que ele não tem que saber. Que eu não, não, não eu não deveria ter forçado tanto como eu forcei. Eu poderia ter pago uma professora particular que na época

tinha aqui em Monte Celeste tinha muita gente fazendo isso pra tá ajudando. Eu poderia estar fazendo isso, mas eu falei assim “Não a gente! Eu como professora, pagar alguém? Não, eu tenho que fazer isso pelo meu filho, eu vi que foi um erro. Hoje eu vejo que foi um erro, mas infelizmente como eu voltar atrás, já foi feito. Agora é tentar consertar não sei se tem jeito, mas é eu mudei a postura com ele, a forma de...com essa questão das atividades.

PESQUISADORA Entendi.

PROFESSORA Mas eu acho que isso ficou marcado pra ele, tá?

PESQUISADORA E acredito que a sua angústia enquanto mãe, tenha sido semelhante com outras mães no mesmo período, né?

PROFESSORA Tanto que como eu me frustrei como professora por isso, eu falei assim: Gente, se eu que sou uma pessoa instruída eu estou tendo essa atitude. Eu fico imaginando uma pessoa que não tem instrução, a instrução que eu tenho o conhecimento que eu tenho, a didática que eu tenho. Como que ela tá fazendo com a criança? Porque tem hora que a criança não quer fazer. Que não, que não sei o que.

PESQUISADORA Tá cansada né?

PROFESSORA Pra você ter ideia, ele quebrou o braço e ele é canhoto. Pois ele comigo. Ele fez a prova escrevendo com a mão direita, ele é canhoto e ele fez! Olha que judiação! Eu não podia ler as respostas dele? Pois o meu marido fez isso. Aí eu deixei a prova de matemática pro meu marido fazer com ele. Pois ele foi lendo, foi fazendo. Quando eu cheguei, eu vi a prova, estava toda pronta. (Ela perguntou) Você fez a prova pra ele? Não, eu fui lendo ele foi respondendo. (Ela perguntou) Porque que você não colocou ele... Coitado do menino! Ele (risos) hoje eu vejo que ele fez certo, hoje! Eu vejo que ele fez certo.

PESQUISADORA É um período muito, foi um período angustiante.

PROFESSORA É! Foi, foi angustiante foi muito angustiante mesmo.

PESQUISADORA É você já respondeu uma pergunta, né que era se houveram desafios, né você colocou muito bem. É, o desafios que você enfrentou nesse período, fizeram você repensar a sua profissão? Fizeram você repensar ser professora, fizeram com que você repensasse os rumos que a profissão de ser professor ia tomar?

PROFESSORA Assim, eu fiquei pensando como seria essa volta. Como seria voltar para uma sala de aula. E realmente, eu voltei com outro olhar, gente. Eu sempre fui carinhosa com os meninos, mas eu acho que voltei mais humana. Eu sempre fui. Eu sempre pensei muito no aluno, mas eu acho que eu voltei mais ainda. Porque esse período todo que eles ficaram em casa, eu ficava pensando o que que essa criança tá passando em casa, gente?. Apesar que muita gente fala “saiu da escola, esquece escola” mas a gente é ser humano, quem realmente é uma pessoa que tem um coração que pensa no próximo, não consegue fazer isso. Sai da escola e esquecer. A gente não consegue! A gente tem que evitar. Eu evito. Por exemplo o problema tá aqui? Eu vou tentar resolvê-lo aqui. Lógico, a gente pensa nele em casa? Pensa! Mas eu não posso levá-lo pra dentro de casa e descontar em alguém lá da minha casa. Isso aí eu não posso, mas me fez repensar sim.

PESQUISADORA Repensar é... os caminhos que a docência ia tomar na volta, né?

PROFESSORA como seria, como seria essa volta, sabe? E eu vou ser sincera, eu tenho certeza, eu não troco a minha profissão por nada. Não troco, não troco mesmo.

PESQUISADORA Pensar em abandonar a profissão não foi uma possibilidade?

PROFESSORA Não, não pensei. Em momento algum eu pensei. Com tudo o que eu passei e não pensei em momento algum abandonar.

PESQUISADORA É.. você tem filhos pequenos né, como você me falou, né. Você tem duas, um casal de gêmeos, pequenininho, tem o menino, que tem quantos anos?

PROFESSORA O menino hoje tá com oito.

PESQUISADORA E tem seu marido e você tem familiares que moram perto de você?

PROFESSORA Tenho minha mãe, minhas tias, primos.

PESQUISADORA Então assim, eu queria entender quantas horas por dia mais ou menos você gastou durante o ensino remoto para fazer o seu trabalho, né? Porque tem toda essa dinâmica, né? Família, casa...

PROFESSORA Mais horas do que no presencial. Muito mais. Porque, a gente já levantava, eu já levantava de manhã indo dar aula, porque eu tenho dois cargos. Eu já levantava já tinha alguém para me ajudar com os meus filhos, já entrava no meu quartim de... e já ia dar aula. E porque cheguei a ter turmas que a gente dava, eu dava aula pra eles pelo Google Meet cheguei a ter assim, eu não gostava. Eu não achava justo, porque eu tinha alunos que não tinha condições de tá acessando Google Meet, por exemplo, como o aluno que eu te falei que só tinha o celular. Eu tive essa questão. Mas essa turma de 20 eu já cheguei a ter 13 alunos acessando o Google Meet assistindo a minha aula. Eu não gostava, mas eu, a gente era meio obrigado a dar essas aulas pelo Google Meet. Porque teve uma pessoa para capacitar. Eles não falavam que era obrigado, mas eu me sentia que era, eu sentia que era obrigado. Sabe?

PESQUISADORA Essa aula pelo Google Meet acontecia em que o horário?

PROFESSORA Ela acontecia à tarde. Essa era a tarde.

PESQUISADORA Hum...sim. E a da manhã era em que horário?

PROFESSORA Sete... de manhã geralmente não era o Google Meet, era só o vídeo. A aula era tarde, só o vídeo pelo Google Meet. E às vezes eu atendia fora do horário. Então, dá dava mais ou menos umas 14 horas por dia no mínimo. Isso é quando você não tinha que gravar cinco, seis vezes do vídeo pra ficar...aí na época, teve uma época que o Whatsapp não estava aceitando o vídeo todo mais. A gente tinha que reduzir ao mínimo ou então compactar. E aí, até a gente descobrir qual aplicativo que a gente usa para compactar o vídeo para não perder a qualidade... ah muita burocracia, muito difícil! Foi difícil, sabe? Mas graças a Deus deu certo. É... e o outro desafio que eu não falei com essa questão da gente aprender a usar esses aplicativos que a gente não teve um treinamento, eu falei a gente teve treinamento para usar o Google Meet, tivemos o treinamento, isso a gente teve. Mas para aprender a usar aplicativo de celular, para fazer aula, para compactar isso a gente não teve. A gente teve que aprender por si se virar nos trinta.

PESQUISADORA Foi um...um caminho que foi trilhado assim, mais individual, né?

PROFESSORA Foi.

PESQUISADORA É...pra você o ensino remoto alterou a sua motivação né, pra preparar e ministrar aulas? Lá durante o período remoto, né?

PROFESSORA Repete por favor?

PESQUISADORA É pra você, o ensino remoto alterou a sua motivação docente pra preparar e ministrar aulas? Aquele período, né? De ensinar remoto...você tinha a mesma disposição que no presencial para poder preparar as aulas, ministrar as aulas?

PROFESSORA A gente fazia, dava o melhor da gente. Mas a gente já pensava nem todos vão ter o acesso. Porque já aconteceu casos de a gente a abre o grupo do WhatsApp ninguém comenta nada, ninguém fala nada, aí você se sente uma inútil. Você teve... como trabalha dois horários, a gente tem duas...e você fala assim: Gente tô fazendo papel de boba. Ninguém responde nada. Ou aí eu passei a pensar por outro lado. Não gente, eles não estão tendo acesso, apesar que eu sabia que tinha pessoas que poderiam ter acessado e não acessavam. Falei assim: Não, eles não estão tendo como acessar. Pensar assim me deixava mais confortável, saber que eles não estão tendo condições agora.

PESQUISADORA E as aulas durante esse tempo foram só virtuais ou criaram algum outro sistema pra que aquele conteúdo chegasse até o aluno que não tinha...o que não tinha internet?

PROFESSORA Em uma escola foi só virtual e o registro era só no no caderno em branco. O pai tinha que registrar. Aquilo ali eu achei um absurdo porque, como que a criança vai fazer um registro, o pai deve fazer um registro, se às vezes eles não tem nem o conhecimento de

como tá registrando? Eu acho que caberia ter pelo menos um enunciado para dar um norte, uma orientação de como seria desenvolvida a atividade daquele tipo. Que foi o primeiro ano de pandemia. Na outra escola tinha o PET pra ser seguido.

PESQUISADORA O PET do estado, né? adotou?

PROFESSORA Isso, o primeiro ano de pandemia foi o PET do estado, que eu também achei um absurdo, fora da realidade dos meninos. Mas nós tínhamos que trabalhar com os meninos, a gente trabalhava, mas eu achei um absurdo. Não concordava porque o que estava no PET estava fora da realidade. Sabe, no segundo ano da pandemia a escola que adotava o PET...é... deixou o professor elaborar o PET de acordo com a sua turma. Então, quer dizer, já deu uma abertura, ficou mais fácil porque o professor estava dando de acordo com a realidade da turma, a atividade. Não tava dando nada que a criança nunca tinha visto, ia introduzindo aos poucos os conteúdos. Mas deu mais trabalho, mais trabalho ainda do que o PET pronto lá do estado.

PESQUISADORA Entendi.

PROFESSORA Porque a gente tinha que sentar, pesquisar e elaborar. Apesar que do PET do estado a gente também tinha que sentar, tinha que pesquisar, porque às vezes era um conteúdo que a gente não dominava. Então a gente tinha que estudar ele bem para poder passar pra criança.

PESQUISADORA E aqui na rede municipal como é que foi? Aqui adotou o PET também?

PROFESSORA Municipal?

PESQUISADORA Uhum!

PROFESSORA Aqui na educação infantil não.

PESQUISADORA Não adotou?

PROFESSORA Não.

PESQUISADORA Continuou só com as aulas virtuais então? Com as videoaulas?

PROFESSORA Não, aí a gente passou a fazer as apostilas, teve aquele planejamento coletivo entre os professores e começamos, a educação infantil começou fazer apostila com os enunciados, para as crianças fazerem e devolverem essas apostilas no final. Eu achei, que a nesse senti eu pensei que foram que foi melhor. Porque o pai que não tinha acesso, ele lia a atividade pra criança fazer, não assistia o vídeo mas estava lendo ali e conseguia executar a atividade com a criança.

PESQUISADORA Entendi. Entendi. É... a sua vida familiar foi afetada pelo trabalho remoto?

PROFESSORA De certa forma foi porque a escola foi para dentro da minha casa e não tinha jeito. Eu não tinha hora pra atender e isso foi um erro meu, não determinar. Mas infelizmente se a gente quer dar o melhor da gente, tem hora que não tem como, não tem como fugir. É o que eu falei antes, como que eu vou o menino vai assistir a minha aula, se no momento ele não pode tá com o celular? A dúvida, ele vai pegar o celular sete horas da noite que a mãe chega em casa. A dúvida, ele vai ter aquela hora. Como que ele vai ter dúvida antes?

PESQUISADORA Isso acontecia que horas mais ou menos? Esse exemplo que você tá dando, né? Isso era em que hora mais ou menos do dia? Era sete horas da noite da noite?

PROFESSORA Sete horas da noite da noite!

PESQUISADORA E esse horário na sua casa as pessoas...

PROFESSORA É a hora que eu dou janta pras minhas crianças, que eu tô arrumando, terminando a janta. Aí nessa entra o marido para ajudar. Isso aí ele não reclamou. Ele não reclamou de tá me ajudando nesse sentido, não. Quem reclamou foi a minha mãe. Falei assim:

- Oh mãe! Não tem como gente, não tem como!

PESQUISADORA Sim...

PROFESSORA Foi essa turma que os pais foram até a secretária de educação pedindo pra eu continuar com os meninos. E dentro da escola já tinha professoras famosas assim, que eles

falam assim...aquelas professoras que todo pai quer que o aluno, quer que o filho seja aluno delas. Eles não foram pedir pra fulana ficar com os meninos. Isso aí me deixou feliz. Eu falei assim: Olha, o esforço valeu a pena, veio a recompensa, o reconhecimento, o reconhecimento veio. Isso me deixou muito feliz esse reconhecimento. Isso aí também não tem preço, né?

PESQUISADORA Nada que pague?

PROFESSORA Não!

PESQUISADORA Você teve algum problema de saúde relacionado ao seu trabalho durante a pandemia?

PROFESSORA Tive...

PESQUISADORA O seu trabalho afetou a sua saúde de com alguma forma?

PROFESSORA Afetou...

PESQUISADORA Como?

PROFESSORA A crise de ansiedade que eu dei, a dor no peito, eu achei que eu tava dando, gente eu achei que tava infartando. Mas eu dei uma dor no peito tão forte. A dor no peito e a dor no no braço esquerdo. Eu disse: meu Deus do céu! Agora eu morri mesmo! Aí eu comecei a chorar e o meu marido ficou desesperado e correu comigo pro posto de saúde. Eu sei que eu cheguei no posto de saúde umas dez e meia e saí de lá meia noite, uma hora da manhã. Fiz eletro e o médico falou assim: Não é nada, mas amanhã você volta. Ele passou os exames, passou o remédio Fluoxetina só que eu nunca tomei, porque eu falei assim: Eu não vou tomar remédio. Deus vai me ajudar que eu vou tentar controlar sem remédio e toda vez que eu vejo que eu tô ansiosa, eu começo dá alguma dor no peito, eu já paro, falo: não gente, vou parar. Porque, sabe quando você tenta tirar tudo da sua mente? E começar a respirar fundo para acalmar e esquecer daquilo? Eu preciso fazer isso e se não, eu vou passar mal, aí passa. Mas é difícil tá? É triste.

PESQUISADORA Foi...teve mais algum episódio?

PROFESSORA Eu engordei nessa pandemia. Que eu me lembro que foi isso.

PESQUISADORA A noite você dormia bem, conseguia descansar, conseguia ter um sono reparador?

PROFESSORA Sabe quando você dorme mas seu cérebro continua trabalhando? Eu acho que foi por isso que dei a crise de ansiedade. O seu cérebro não descansa, aí o cérebro não descansando o corpo também não descansa. Falei assim: Não, tem que parar com isso! Isso não é vida não.

PESQUISADORA Você adquiriu algum hábito assim que não foi bom para sua saúde durante a pandemia por causa dessa ansiedade? Comer doce, ficar beliscando?

PROFESSORA Eu sempre gostei de doce. Eu sou até suspeita pra falar. (risos) A comida, fazer comida e ficar comendo isso aí ó, era só coisa assim...não tão saudáveis, tinha uns alimentos saudáveis que a gente já comia. Mas a gente começou a comer mais coisa assim que que não, não é bom comer todos os dias, sempre, frequentemente.

PESQUISADORA entendi?

PROFESSORA A gente tava fazendo quase que frequentemente. Foi nessa, foi nisso, por isso que eu engordei.

PESQUISADORA É... alguma prática docente que você utilizava no ensino remoto veio pra sua prática no presencial? Uso de alguma tecnologia, algum recurso que você usava né, para torná-la mais atrativa, né? Alguma coisa desse tipo?

PROFESSORA Ah...da tecnologia? Não tem nada que substitui o presencial, não. Não tem como assim. O que a gente já usava era uma data show, algum...vídeo que a gente pega e passa na televisão pra criança, isso aí a gente continuou. Mas não tem nada, pelo menos no meu ponto de vista, a meu ver, que substitua não.

PESQUISADORA É, assim, né? Alguma prática, né? Ou tecnológica ou prática mesmo, né? Que nem por exemplo, que você falou que você chegou a ir na casa, né de alguns alunos, né?

É, no presencial, você sentiu essa necessidade também? É uma coisa que você passou a cogitar, talvez não tenha sido uma necessidade só daquela época, talvez seja uma coisa que agora também precise...?

PROFESSORA Até que não...

PESQUISADORA Não houve essa necessidade.

PROFESSORA Não, uma coisa que ficou foi a comunicação com os pais pelo WhatsApp.

PESQUISADORA Ah, sim...

PROFESSORA Isso aí ficou. E foi bom, fortaleceu esse laço dos pais estarem presentes. E, o comentário que eu acho que eu não comentei antes foi assim que me deixou muito feliz, que quando a gente voltou do remoto voltou assim oh, uma semana tinha aula, na outra não tinha. Uma semana tinha aula, na outra não tinha. Isso foi em 2020, final de 2021... isso, final de 2021. E eu fiquei muito feliz que a outra, foi uma outra turma em que os pais também queriam que eu continuasse com os meninos. E no último dia de aula, eu fui a única professora da escola que tive todos os alunos presentes na sala. Os 22 alunos presentes. Fui a única professora que todos os alunos estavam presentes. Eu assim, eu não esperava e eu lembro direitinho que foi um dia que tava chovendo muito, até as crianças da Zona Rural vieram. E eu não pensei que isso fosse acontecer.

PESQUISADORA E você acredita que isso aconteceu por que?

PROFESSORA Como estava chovendo, eu falei assim: Não vai quase ninguém. Quando eu cheguei na sala, todo mundo gente! Eu acredito que isso aconteceu pela atenção que eu dei a eles durante todo o ano letivo.

PESQUISADORA Mesmo sendo remoto?

PROFESSORA Mesmo sendo remoto. Porque eu ligava pra todos. Aqueles que não davam feedback de como que foi, se tava fazendo, recebia o PET. Tá incompleto? Eu falava assim oh: Se o desse mês tá incompleto, agora esse próximo não vai vir incompleto. Eu ligava, precisa de ajuda? vamos resolver e eu vou te ajudando. Eu já cheguei a fazer chamada de vídeo pra cinco alunos no mesmo dia, que eles tinham muita dificuldade. Sentava e ia resolver com eles. PESQUISADORA Fazendo junto?

PROFESSORA Fazendo junto porque eu falei assim, por mais que você explique, criança tem dificuldade.

PESQUISADORA Sim,

PROFESSORA Ainda mais se ela não está totalmente alfabetizada. E eu ia fazendo com eles. Eu falei, não tem preço, gente, não adianta, eu falei eu não trocava a minha profissão.

PESQUISADORA Entendi.

PROFESSORA Eu falo que eu amo o que eu faço. E esse dia, eu falei assim gente, não acredito e eles e a...todo mundo ficou admirado da minha sala tá lotada, todo mundo. Não tinha, não faltou um aluno, eu fiquei tão feliz. Por causa, ainda mais pensando na chuva, falei assim: não vai ninguém, gente. E eles sabiam que era o último dia comigo.

PESQUISADORA Então pra você, né? Você tinha até falado antes, né? Que um dos pontos positivos na sua opinião, foi que os pais passaram a reconhecer, a dar mais valor, né? Ao professor, você sentiu isso?

PROFESSORA Eu vivi isso.

PESQUISADORA E aí me surgiu uma pergunta. Em algum momento, pelo contrário, você sentiu ou aconteceu algo que que mostrasse para você um desprestígio social? Que a sua profissão, os pais não estavam satisfeitos com o seu trabalho ou que você via que os professores em geral não estavam sendo bem vistos nesse período do ensino remoto.

PROFESSORA Sim, teve essa questão também. Pessoas em que não tem filho na escola, falando que o professor tava ganhando dinheiro à toa. Isso eu ouvi de uma pessoa que eu virei pra ela e falei assim: se quiser ficar no meu lugar, fica à vontade, vai lá! Ela calou na hora! Mas assim houve, igual eu falei, dos pais das turmas que eu trabalhei então eu não posso

reclamar. Mas houve pais sim que falaram: ah! professor tá ganhando dinheiro à toa, tá muito bom! Tá ganhando dinheiro à toa. Isso aí houve!

PESQUISADORA Em escola que você trabalha?

PROFESSORA Em escola que eu trabalho, infelizmente de alguns sim. Mas, eu também entendo, infelizmente tem alguns professores que deixam a desejar também. Que vai lá só faz aquilo, o básico do básico o mínimo do mínimo porque é obrigado a fazer e pronto. Não preocupa em dar um suporte adequado à criança.

PESQUISADORA Então, na sua percepção, os professores que tiveram essas situações de ter a qualidade do seu trabalho questionado? Nesse período, aconteceu com esses professores que tinham mais dificuldade em se envolver com os alunos?

PROFESSORA Repete por favor.

PESQUISADORA Assim, então no seu entendimento, os professores que tiveram seu trabalho questionado, que tiveram esse desgaste com pais foram professores que tinham dificuldade em se envolver com os alunos.

PROFESSORA Nem todos, nem todos, porque infelizmente a gente conhece as turmas, a gente que é professor, a gente acaba conhecendo um pouquinho de cada turma. Nem todos os professores. Teve aquele sim, que trabalhou, que se esforçou, fez os vídeos, estava à disposição, mas a família também não queria saber de ter o trabalho de ajudar a criança, de tá procurando. Teve essa questão também. Mas tem aquele profissional que gosta de fazer tudo para lá e vai empurrando. Entendeu? Infelizmente a questão que eu falei quando eu quase não tinha aluno é no Google Meet, depois a outra turma eu já tive mais aluno. Mas mesmo assim eu ainda me preocupava com aqueles que não podiam ter acesso a ao Google Meet. Sabe? Então, eu tive essa situação mas em momento algum, mesmo a turma que eu tive poucos alunos, eu deixei de dar assistência e eu não tive reclamação dos pais. Mas porque eu dei o suporte, eu procuro, procurei, não dei totalmente, não atingi cem por cento. Mas eu procurei dar o meu melhor. Infelizmente, na nossa área tem professor que não faz no presencial, no no remoto então vai fazer menos ainda.

PESQUISADORA A gente vai encerrando nossa entrevista e você quer deixar algum comentário final? Você quer pontuar alguma coisa?

PROFESSORA Não. (Risos)

PESQUISADORA Eu quero te agradecer. Muito obrigada, tá? Por participar da pesquisa, participar da entrevista. É nossa nossa intenção com a pesquisa além de coletar dados, de ter resultados, é principalmente né pra que o professor tenha a oportunidade de ser ouvido. E que o que é dito nessa pesquisa que ecoe né? Que quem sabe, é os resultados da pesquisa, né esse trabalho sirva para que a nossa categoria a tenha é... mais adiante, um pouco mais de reconhecimento, um pouco mais de valorização né? Valorização social e também valor valorização financeira né? E também uma forma de de deixar claro para aqueles que ainda acreditam né, que professor trabalha muito pouco e que principalmente no período remoto, trabalhou menos ainda que pelo contrário, é um trabalho árduo e e que essa falta de reconhecimento faz com que ele seja mais árduo ainda. Tá, muito obrigada. Obrigada mesmo. um bom trabalho. Parabéns pela sua profissão.

Entrevista 3

PESQUISADORA: Dando continuidade a sessão de entrevistas pra pesquisa sobre a motivação docente e o ensino remoto, sobre os efeitos do ensino remoto na motivação e na saúde docente, hoje nós vamos entrevistar a professora Gilda. Gilda, eu queria que você falasse um pouquinho pra gente sobre a sua experiência docente durante o ensino remoto. Como que foi seu trabalho? O que que marcou mais pra você dessa época?

PROFESSORA: É...o que marcou pra mim, foi assim falta de ajuda, de interesse dos pais pra fazer as crianças participarem. Porque eu tinha uma lista de vinte alunos e compareciam

quatro, cinco, seis, e aí vai desmotivando. A gente perde aquele interesse, aquela coisa, né? E assim, a preparação a gente tinha... eu ficava o tempo todo preparando pensando o que que eu iria dar no remoto, porque ele não ele não tá vendo, ele não está perto de mim, eu não estou vendo o que ele tá fazendo. Aí aquelas atividades de livros e eles faziam lá e não tinha nem como corrigir, né? Não tinha.

PESQUISADORA Os seus alunos tinham que idade mais ou menos?

PROFESSORA Eles tinham 6 anos. O período da alfabetização, né? Que era a parte que ele tinha que ser presencial, para ele ver, porque ver movimentos de letras, ver tudo ali no concreto, só que não tinha ele, não tinha ele presente, nem eu.

PESQUISADORA Entendi

PROFESSORA Aí ficava difícil de fazer isso.

PESQUISADORA Então para você essa experiência foi marcante?

PROFESSORA Nossa! E muito e muito. Parece que eu não estava fazendo um trabalho certo, um trabalho direito, que deixava a desejar. Mas tinha que ser desse jeito porque não podia ser presencial.

PESQUISADORA É...você acredita que tiveram pontos positivos durante esse processo?

PROFESSORA Como eu já disse, o ponto positivo que eu tive como professora foi eu aprender, assim na marra, porque ninguém ensina ninguém, a gravar minhas aulas. Eu colocava, até engraçado porque eu botava duas latas e um vidro em cima, o celular e embaixo as minhas mãos, mexendo com o que eu queria que o menino aprendesse ali. Porque eu não sei mexer em celular, não sei mexer em câmera. Aí eu tive que aprender isso na marra. Como é que ele ia aprender aquilo lá? Eu colocar uma coisa só escrita e ele não tá me vendo?

PESQUISADORA Sim.

PROFESSORA Né?

PESQUISADORA No seu entendimento houveram desafios e problemas durante o trabalho remoto?

PROFESSORA Muito. O desafio era grande. O tempo todo. É porque é muito diferente, você tá ali sem a presença do menino e você lá com ele. É um desafio muito grande e assim, nossa! Eu achei que deixou muito a desejar isso. O aluno também ficava desmotivado, ficava desinteressado. Eu não estou vendo a minha professora, não conheço a minha professora, né? Assim, conhecer assim presencial. Mas foi um desafio muito grande, muito. Eu acho que foi uma parte assim, perdeu-se muito conteúdo com isso mas, tinha que ser dessa forma não tinha outra forma pra ser feita.

PESQUISADORA E essa distância do aluno, fazia com que você se sentisse como?

PROFESSORA Ah...muito desmotivada, muito assim...eu sem interesse mas tinha que fazer porque do jeito que estava, não podia ficar. E assim, você tem que gostar muito e essa falta de presença, de corpo a corpo, de abraçar menino, de beijar menino, isso me faz muita falta, porque isso é meu, é de mim, entendeu? Eu, não sei é ver uma criança, igual eu vejo na rua, gritou: Tia! Eu olho. Porque eu sei que sou eu ou é uma tia de verdade, entendeu? Esse contato de corpo com com a criança é...me faz muita falta.

PESQUISADORA Essa afetividade...

PROFESSORA É exatamente, esse carinho mútuo porque você dá, mas você recebe também, né?

PESQUISADORA É os desafios que você enfrentou nesse período fizeram você repensar sua profissão?

PROFESSORA Ah! e muito. Fez eu pensar muito, sabe? Porque você tem gostar do que você faz, você tem que amar muito, você tem...que fazer das tripas coração para o menino aprender, você tem, você tem que se virar, se virar nos trinta, você tem que se virar, entendeu? E assim, hoje esses novos profissionais, eles têm muita técnica, né? Muita técnica.

Então, quando vai no presencial, não é esse...como é que eu posso te dizer.... eles não tem tanto esse tempo que a gente tem, esse tempo que eu tenho de trabalho, esse contato, esse... porque a gente na escola a gente é psicólogo, a gente é dentista, a gente é médico, a gente é enfermeiro, a gente é tudo, tudo, tudo a gente é. A gente é um pouquinho de psicólogo porque a gente escuta aquele menino e pensa assim...eu tive uma aluna que a mãe no ano passado falou assim: Professora, você salvou a vida da minha filha. Como assim? Mas por que mãe? Porque ela não queria vir para a escola, eu tinha separado do pai, ela desmotivada, chorava o tempo todo e você abraçava, você beijava, você colocava no colo, você falava, conversava. E hoje, ela não sai, não quer deixar de vir na escola. Então é isso que a gente é. A gente tem que...é...é...eu não sei te explicar a forma como é que é, você... tem que gostar muito do que você faz, muito, mas é muito mesmo, você tem que amar o que você faz, não é pensar que aquilo daqui a 30 dias você tá com o seu o seu salário, entendeu? Você tem que fazer jus àquilo. Você tem que fazer jus ao que você ganha, ao que você é pago para ajudar, para ensinar, entendeu? Não é só para ele ir lá, chegar lá na frente, passar um bom dia ou um boa tarde no quadro e sentar.

PESQUISADORA É aquela questão assim quem não tem tanto a prática, tem mais um conhecimento técnico.

PROFESSORA Exatamente.

PESQUISADORA No seu caso, o tempo que você tem de docência você entende que não é só a técnica, é preciso...

PROFESSORA ...é prática...exatamente. Você tem que aprender...aprender a buscar meios pra ensinar. Se o menino não aprendeu dessa forma, você tem que esmiuçar uma forma com que ele vai aprender com mais facilidade. Ou num jogo ou numa brincadeira, entendeu?

PESQUISADORA E isso no ensino remoto...

PROFESSORA ...não teve!

PESQUISADORA Não tinha como?

PROFESSORA Não tinha como você brincar, não tinha o contato, não tinha, não tinha isso!

PESQUISADORA E aí como que você tentava fazer então pra...tentava encontrar esses caminhos para tentar buscar esse aluno?

PROFESSORA Pois é! Fazia até careta no no no nos vídeos. Pra poder chamar a atenção deles. Fazia tudo quanto é palhaçada, tudo quanto é caras e bocas para poder prender a atenção e chamar os meninos para essas aulas, né?

PESQUISADORA E toda essa toda essa preparação, né? Toda essa preparação mesmo, né? De de pensar assim o que mais será que eu posso fazer para atrair esse público para reter esse público, né? Quanto tempo mais ou menos por dia você gastava nisso?

PROFESSORA Olha, além das 4 horas que eu teria que ficar com eles assim ao vivo e ele lá e eu cá. Ele fazendo uma, uma atividade, eu esperando dando os minutos para ele fazer a atividade e tudo. Fora isso, ainda tinha mais um, um tempo de horas que eu tinha que preparar essa aula, né? Preparar para ver como eu ia fazer pra que a uma atividade mais simples que fizesse para prender a...essa a atenção dele. Entendeu? Eu tinha que bolar alguma coisa pra que prendesse a atenção do menino.

PESQUISADORA Sim, isso levava...

PROFESSORA Oh, minha filha! Levava oh...para eu bolar isso, tinha, tinha noite que eu perdia o sono. Perdendo o sono para poder pensar: o que que eu vou fazer com esse menino, gente? O que que eu vou dar a manhã de aula para esse menino não faltar no, no, no, no, no no remoto lá? O que que eu...perdi a sono, ficava a parte da manhã assim, acelerava o meu trabalho e de casa, né? Casa...acelerava o trabalho para poder já ir pensando o que que eu ia fazer e eu gravava, por exemplo, a chamadinha eu gravava a chamadinha antes os nomes ia falando os nomes, entendeu? Aquela rotina eu gravava ela antes para eu ter mais tempo pra, pra, pro conteúdo das atividades. Tinha toda uma rotina. Tinha, quantos meninos estavam

presentes? Tinha... o, os, é a chamadinha: fulano? presente! sicrano? presente! Ele já falava o presente para mim, né? Tinha toda uma rotina. Tinha o alfabeto que era pregado na parede da minha cozinha, tinha o número que eu ia cantando com eles... alfabeto.

PESQUISADORA Então a escola veio pra sua casa?

PROFESSORA Veio pra minha cozinha. Eu fiz os cartazes e essas coisas...quando eu ia fazer, lançar uma, uma letra nova, eu fazia um cartaz, fazia o traçado todinho no vídeo tudo direitinho, né? Pegava, por exemplo, quando era pra, pra fazer números e quantidades, eu pegava, pegava até biscoito. Pegava o biscoito, botava ali debaixo, colocava qual era o numeral correspondente. Tinha que bolar qualquer atividade pra aprender.

PESQUISADORA Então o seu trabalho te acompanhava o tempo todo?

PROFESSORA Oh! Tempo todo. Tempo todo. Eu pesquisava atividades que...pra ajudar, pra ser mais, né? Além do que eles faziam dos livros, né? Ainda pesquisava.

PESQUISADORA Sim, e sua vida familiar foi afetada pelo trabalho remoto?

PROFESSORA Olha, eu vivo sozinha, né? Sim, foi afetada um pouco assim, porque eu tinha que agilizar todas as coisas que eu tinha que fazer, né? Para poder adiantar a rotina, adiantar as atividades que eu tinha que fazer. Então eu tinha que adiantar tudo. Tinha que adiantar a minha rotina de casa.

PESQUISADORA É, você comentou agora pouco, que às vezes você ficava sem dormir pensando no que você ia fazer ...

PROFESSORA Eu ficava...o que que eu ia fazer no dia seguinte? Aí eu acordava, pensava, corria lá no caderno, escrevia. Porque senão no outro dia eu ia esquecer. Escrevia o que que era mais ou menos, pronto! Aí voltava, tentava dormir novamente.

PESQUISADORA Você chegou a ficar sem dormir por causa do trabalho?

PROFESSORA Não tanto não. Certo? Eu perdia o sono, mas não sem dormir.

PESQUISADORA Entendi? Então, você teve algum problema de saúde durante a pandemia?

PROFESSORA Ah, tive! Muita ansiedade. Ansiedade, um princípio de depressão. Eu tive, eu tive que procurar psicólogo. Eu tive que procurar o médico para me dar uma medicação porque eu estava muito ansiosa, com medo de não dar conta, certo? Assim, eu sei que todo mundo assim, todos os profissionais é...eu falo por mim, que eu deixei a desejar, certo? Porque poderia ter muito mais coisas. Eles poderiam ter, ter tido muito mais. Aí o que que acontece? Quando voltou em agosto, que voltou não foi, setembro?

PESQUISADORA Foi setembro. Setembro que tomou vacina, né?

PROFESSORA Isso! Aí o que aconteceu? Teve que correr com a matéria até chegar o dezembro. E correr e atropelando, atropelando, correndo. Atropelando, correndo. Aí cê teve que acelerar, né?. É onde você estressa, porque você é...tá numa sala com, onde muitos alunos e eles não tem aquela, aquele...não tiveram a rotina deles, que é o de sentar, de ouvir, de não correr dentro de sala, de não gritar, de não falar alto. Eles não tiveram esse contato, esse combinados eles não tiveram, né? Não tiveram esse combinado. Então aí é onde você teve que fazer um redemoinho disso tudo que tá aí bem rápido, né? É aonde você estressa, onde eu tive que tomar a medicação e assim, a gente deixa a desejar, deixa assim! Não vem falar que esse conseguiu cumprir o que era para ser feito que não, não consegue, não conseguiu não.

PESQUISADORA Isso deixou você com um sentimento assim de incapaz?

PROFESSORA Muito, muito. Parecia que meus braços estavam atados e eu não conseguia ir pra frente. Não por, por mim, por eu, pelo, pela minha vontade de ensiná-lo, mas por ele que não tinha capacidade de, de ir além como deveria, como deveria ir.

PESQUISADORA Dentro daquelas condições?

PROFESSORA Dentro das condições que estavam, né? Eu acho assim, que o aluno que se saiu bem nesse tempo remoto, aqui, foi um bom aluno. Porque se, se, ele teve ajuda de, de família, se ele teve o compromisso de fazer aquelas, aquelas apostilas que estava que muitas

vezes elas não tinham, não tinha nada a ver com a vida da criança, tinha a nada a ver, né? A aquelas, aquelas atividades, aquelas coisas, montadas não tinha a ver com, com a com a vidinha dele e, assim, se ele foi, foi bem é porque a família ajudou, o professor puxou bastante e ele também teve vontade disso, né?

PESQUISADORA E alguma prática docente utilizada por você durante o ensino remoto permaneceu no retorno?

PROFESSORA Ah não! Não tem, não tem jeito. Porque agora é o contato, né?. É o contato físico. Permanece assim o alfabeto que aquela rotina que você tem que fazer que antes era feita, né? só de virtual e agora ela é no concreto. Aí aparece uma palavrinha, aparece uma coisa, parece outra, você joga aproveita toda a situação da, da, da atividade e agora é muito diferente. Não tem nem comparação, tem nem o que comparar, né? Porque É-É-O presencial é o contato, é o contato visual, certo? Porque o...pra gente, a gente ensinar, eu aprendi muito com uma pessoa que eu gosto mais é que o menino tem que te olhar nos olhos e você tem que contato com a mão dele. A mão na mão dele. Ele faz um contorno errado, você tá lá: olha o meu filho é assim e vamos na mão.” Eu sinto, eu falo, porque eu tive a minha professora de primeiro ano, lembro até hoje. Eu sentia o cheirinho dela e ela pegando na minha... aquilo e eu. eu me sentia uma pessoa muito importante, porque ela pegava na minha mão para me ensinar. Então eu, eu, eu sentia importante. Eu acho que o aluno quando ele fala assim: “Tia, eu não sei fazer, você me ajuda?” Cê chega até ele, você vai, ele se sente valorizado. Ele se sente, ele sente um menino que a professora tá preocupando com o traçado dele. Sendo que às vezes, é...em casa ele faz o traçado errado, o pai e mãe também não tem essa instrução do professor.

PESQUISADORA Então pra você essa interação, esse afeto, é fundamental?

PROFESSORA Nossa! Não tem nem comparação esse negócio do professor sentar aqui na cadeira e o aluno lá. Não tem! Eu falo na minha sala, quem anda sou eu. Eu é que ando. Eu ando em vocês. Cês não vão ficar passeando floresta dentro de sala não. Eu vou até vocês e é sempre assim. Eu é que ando, minhas pernas tá tudo cheio de veia por causa disso, porque eu vou até eles. E eu, às 4 horas que eu estou lá na sala é em pé. Dificilmente eu me sento. Dificil. Eu não consigo, eu não consigo sentar, não.

PESQUISADORA É...a nossa entrevista vai se encerrando. Eu queria te agradecer muito, muito, muito, você com todos os seus, suas décadas de experiência, né? Como professora de participar, de aceitar participar da nossa entrevista agradeço muito, muito, muito e e queria fazer uma última pergunta. É, com todo esse...é toda essa bagagem que você tem de conhecimento de profissão e de vivência, é...o ensino remoto, ele trouxe para você algum sentimento? Foi alguma coisa assim eu nunca imaginei de passar por isso? Eu nunca...

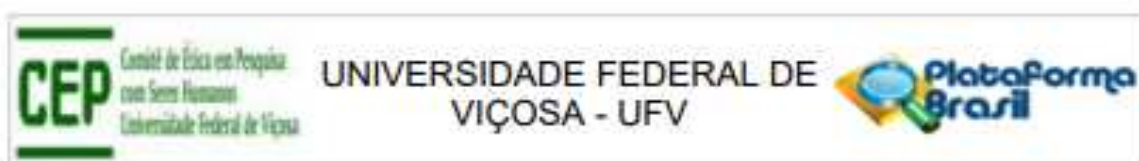
PROFESSORA Foi um sentimento de frustração. Eu me senti frustrada porque eu tinha uma bagagem pra ensinar e eu não, não pude passar esse, esse, esse conhecimento para ele. Eu passei o que, o que, dava para ser passado ali, não é? Eu não consegui passar para ele um... você tem que...você tem que respeitar seu coleguinha, você não pode bater no seu colega, você não pode jogar lixo no chão. Então isso isso ele não teve. Entendeu? Isso ele não teve. Então a gente fica frustrado, a gente fica impotente, se sente impotente num cenário desses. Você se sente totalmente impotente. Parece que o que você fez, da bagagem que você tem, não valeu de nada. Não valeu de nada.

PESQUISADORA Muito obrigada...

PROFESSORA Eu que agradeço, eu que agradeço.

PESQUISADORA Muito obrigada, tudo de bom.

Apêndice 6: Parecer e aprovação do Comitê de Ética da UFV



Continuação do Parecer: 5.751.122

tomar o tempo dos sujeitos ao responder ao questionário/entrevista;
- interferência na vida e na rotina dos sujeitos.

Para minimizá-los garante-se que serão tomados todos os cuidados para que os dados obtidos no questionário e entrevistas sejam utilizados somente para os fins desta pesquisa, ficando a análise de dados restrita a estes instrumentos. Estes dados serão tratados com sigilo e confidencialidade para proteger sua privacidade, para tanto o download dos dados será feito diretamente em pasta específica do computador do pesquisador

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresentado está em consonância com as recomendações do CEP UFV que trata da proteção e cuidados éticos direcionados aos participantes da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado

Recomendações:

Os pesquisadores devem acrescentar ao projeto:

- Orçamento detalhado (se somente houver bolsa de estudos, informar "Financiamento próprio")
- TCLE: Numeração das páginas no formato ("1 de 2 páginas" etc.)

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 5.751.022

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1990961.pdf	04/10/2022 16:35:41		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaraçãodeinfraestruturadpe_assinado.pdf	04/10/2022 16:34:32	Bethania Medeiros Geremias	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostopesquisanathalia_assinado_assinado.pdf	04/10/2022 14:02:53	Bethania Medeiros Geremias	Aceito
Outros	roteiroentrevistaprofessores.pdf	03/10/2022 17:22:17	Bethania Medeiros Geremias	Aceito
Outros	questionarioprofessores.pdf	03/10/2022 17:22:02	Bethania Medeiros Geremias	Aceito
Declaração de concordância	Autorizaçoesquisasecretariaeducacaosaogeraldo.pdf	03/10/2022 17:21:43	Bethania Medeiros Geremias	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMAEXECUCAOATIVIDADESNathalia.pdf	03/10/2022 16:54:23	Bethania Medeiros Geremias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLPEPESQUISAMESTRADONATHALIA2022.pdf	03/10/2022 16:53:31	Bethania Medeiros Geremias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetomestrado2022_nathalia.pdf	03/10/2022 16:51:20	Bethania Medeiros Geremias	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 10 de Novembro de 2022

Assinado por:

Érica nascif Rufino Vieira
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes

Bairro: Campus Universitário

CEP: 36.570-977

UF: MG

Município: VICOSA

Telefone: (31)3612-2318

E-mail: cep@ufv.br